



# Poesia





"Kusu"  
Figuração de um Papagaio  
Kusu Keshi Kusemena mundhungo  
Papagaio não faz criação no cativoiro





# NUVEM PASSAGEIRA



Copyright © 2005, by vários autores e Filomena Gioveth & Seomara Santos  
União dos Escritores Angolanos

**Posfácio**

Laura Padilha

**Capa**

Desenho de Areia

Cokwe/Sonia

**Revisão**

Filomena Gioveth

Seomara Santos

**Design Gráfico e Impressão**

Zoomgraf-k Ltda

Depósito Legal n.º 2714/05

**Tiragem**

1000 exemplares

**1ª Edição:** Luanda 2005

Colecção: Guaches da Vida – N.º 18/2005

Todos os direitos desta edição à UEA

**Email:** [filomena@yahoo.com.br](mailto:filomena@yahoo.com.br)

[sasomara@sapo.pt](mailto:sasomara@sapo.pt)

**Site:** [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org)

**Fax:** 323205 Tel. 323205/322421

FILOMENA GIOVETH & SEOMARA SANTOS

# NUVEM PASSAGEIRA



União dos Escritores Angolanos  
«Guaches da Vida»





## «Vozes dos poetas»







## SUMÁRIO

As nossas escolhas serão sempre muito peculiares ..... 15

### **Aires de Almeida Santos**

- Meu amor da Rua Onze .....	21
- A mulemba secou .....	23
- A casa .....	25
- Carta para Havana .....	26
- Juro .....	27
- Queixa .....	28
- Damba Maria .....	29
- Estória que o vento trouxe .....	30
- Poema da esperança .....	32
- Quando os meus irmãos voltarem .....	33
- Lucília do Cunene .....	36
- Cristina do Lubango .....	38

### **Alda Lara**

- Presença .....	41
- Testamento .....	43
- Maternidade .....	45
- Prelúdio .....	46
- Rumo .....	48
- Regresso .....	50
- As virgens .....	53
- Para ti .....	54
- Incerteza .....	55
- Momento .....	56

### **Alexandre Dáskalos**

- Quando eu morrer .....	59
- À sombra das galeras .....	60
- Desolação .....	62
- Que é S. Tomé .....	63
- Carta .....	67
- Da boca da noite surgiram mendigos .....	69
- Buscando o rumo .....	73
- Porto .....	76
- Companheiros .....	77
- Manhã .....	79
- Despertar .....	80

### **António Agostinho Neto**

- Explicação .....	85
- Voz do sangue .....	87
- Passei a vida .....	88
- Sinto na minha voz .....	89
- Novo rumo .....	90
- Poema para todos .....	91
- Kalumba .....	92
- Noite escura .....	93
- A tua mão poeta .....	94
- Circunstância .....	95
- Com os olhos secos .....	96

### **António Jacinto**

- Bailarina negra .....	99
- O ritmo do tantã .....	100
- Declaração .....	101
- Era uma vez ... ..	102
- Canto interior de uma noite fantástica .....	103
- Canção do entardecer .....	105
- O grande desafio .....	107

- Carta dum contratado .....	110
- Castigo pró comboio malandro .....	113
- Monangamba .....	116

### **António Neto**

- Programa .....	121
- Arte poética .....	122
- Os mortos perguntam .....	123
- Canção de embalar meninos pretos .....	125
- Pulso .....	127
- Poema .....	128

### **Cochat Ósorio**

- Paisagem .....	131
- Último poema .....	133
- Oração .....	134

### **Cordeiro da Matta**

- A minha sina .....	137
- Negra! .....	138
- Cambuta .....	140
- Uma quissama .....	142
- Kícôla! .....	144

### **David Mestre**

- Salário de guerra .....	149
- Fábrica .....	150
- Carreira da Caála .....	151
- A serpente .....	152
- Photomaton .....	153
- Nada de nada .....	154
- Pegadas de musa .....	155
- Obra cega .....	156
- Luz de jade .....	157
- Calçada dos enforcados .....	158

### **Deolinda Rodrigues**

- Quatro mensagens de vida ..... 161
- A consoada ..... 163
- Inquirindo ..... 165

### **Ernesto Lara Filho**

- Na noite dos cazumbis ..... 169
- Era no tempo dos tamarindos ..... 171
- Maracujá ..... 173
- Picada de marimbondo ..... 174
- Infância perdida ..... 175
- A casa da velha ..... 180
- Regresso ..... 182
- Sua carta, minha mãe ..... 184
- A erosão ..... 185

### **Geraldo Bessa Victor**

- Desabafo ..... 189
- Porquê?... ..... 190
- «Amor perfeito» ..... 191
- Alma negra ..... 192
- Nova canção da vida ..... 193
- Lembra ..... 194
- Consciência ..... 199
- Hino ao batuque ..... 201
- Poema da ansiedade ..... 203
- Poema limitado e efêmero ..... 205
- África ..... 206

### **Henrique Abranches**

- Sobre a colina de Calomboloca ..... 209
- Ode solitária ..... 211
- O Pensador ..... 213
- Branca bola de enguiço ..... 219
- Nzambi yange ..... 220
- Balada da flor de espuma ..... 223

- Tema de escola .....	225
- Canção de Ndon Kishote .....	227
- História de uma ideia franzina .....	229
- Ode milenária .....	231

### **José da Silva Maia Ferreira**

- A minha terra .....	235
- Amo o silêncio da noite .....	242
- Uma recordação .....	245
- À saudade .....	247
- Uma menina .....	248
- Eu ouvi! .....	251
- O teu seio – É belo .....	252
- No album do Il. <sup>mo</sup> Sr. J.J. Vieira de Carvalho .....	253
- Recordação .....	254

### **Lília da Fonseca**

- Uma canção na noite .....	259
- Bandeira branca .....	261
- Sobressalto .....	262

### **Mário António**

- Noites de luar no morro da Maianga .....	267
- O Henda I Xala .....	268
- Até se revoltarem os escravos .....	269
- Rua da Maianga .....	270
- Meu chamado .....	272
- O tocador de dicanza .....	273
- Donas de outro tempo .....	274
- O amor e o futuro .....	276
- Linha quatro .....	278
- Rosto de Europa .....	280

### **Maurício Gomes**

- Exortação .....	283
-------------------	-----

- Bandeira .....	289
- Estrela pequenina .....	292
- Se a minha terra é de cor .....	294
- Doçura .....	296

#### **Tomaz Vieira da Cruz**

- Feiticeiro .....	299
- Vunge .....	300
- Coqueiro .....	301
- Neta de escravos .....	303
- Bailundos .....	304
- Fruta .....	306
- Mulata .....	307
- Quissange – saudade de negra .....	309
- Muamba .....	311
- N’Gola – flor de bronze .....	312

#### **Viriato da Cruz**

- Sô Santo.....	315
- Namoro .....	317
- Dois poemas à terra .....	319
- Serão de menino .....	322
- Rimance da menina da roça .....	324
- Sá da Bandeira .....	327
- Makèzú .....	329

Poetas Mortos Poesia Viva .....	331
---------------------------------	-----

Bibliografia consultada para a realização da antologia .....	369
---	-----



# **As nossas escolhas serão sempre muito peculiares**

Filomena Gioveth & Seomara Santos



À *Laura Cavalcante Padilha*  
*pelo apoio, afecto*  
*e leitura*

«*Nuvem Passageira*» é um projecto de sistematização de conteúdos poéticos de escritores que não pertencem ao nosso mundo, mas cujas obras não têm a precariedade do tempo que faz o nosso hoje, modas ou circunstâncias. As obras resistem pela sua profunda mensagem de amor, de fraternidade, de riqueza estética e os seus legados configuram um dos grandes patrimónios literários que temos de divulgar de forma profusa, para que as suas estrofes enriqueçam a nossa existência.

Aceitamos o desafio lançado pelo Secretário-geral, Adriano Botelho de Vasconcelos, porque estamos convencidas de que a gritante necessidade de informação de estudantes e especialistas ficará em parte resolvida, o que nos enche de alegria.

O elemento essencial que nos moveu foi a nossa vontade em conhecermos, nos *dossiers* cheios de pó, os homens e mulheres que contribuíram para o enriquecimento do imaginário poético angolano.

Foi uma escolha singular, feita de muitas releituras, conversas com escritores e ensaístas, sendo de destacar os serviços de coordenação de Laura Padilha, Professora de Literaturas Africanas, e de Inocência Mata, Professora de Literaturas Africanas que facultou as datas de nascimento e morte de vários escritores; tivemos que pesquisar muitas revistas de épocas antigas e ler centenas de ensaios assinados por renomados especialistas de literaturas africanas para que o nosso crivo selectivo tivesse sempre em conta as diversas escolhas possíveis.



Queríamos ficar seguras de que «essas» nossas escolhas teriam algo de muito peculiar, pois sabemos que nenhum outro antologizador percorrerá os mesmos caminhos de escolha ou terá os mesmos gostos.

Quando o leitor chegar ao último poema da antologia, naturalmente concluirá que poderão existir outras mil opções selectivas é, na verdade, essa riqueza que cria a pluralidade nas sociedades, porque entendemos que os especialistas ou simples leitores, como nós, poderão ter, como suas escolhas, poemas que estiveram muito longe de fazer parte da nossa fruição.

Queremos que vejam o nosso esforço como um pequeno contributo que vai permitir que se conheça melhor a riqueza espiritual e plástica da poesia angolana.

O ensaísta polaco, Henryk Siewierski, tem um texto que focaliza o problema das escolhas: “A selecção dos autores e das obras”. Nele, ele afirma que se deve “conciliar as exigências da hierarquia do cânone com as preferências do narrador, sem ignorar o contexto da própria narração aqui e agora” porque contar uma história não “é fazer justiça à história, mas apenas dar-lhe um pouco de atenção, comemorando o que foi gravado na memória, perpetuando o que já poderia ter tido o seu fim”.

Em nosso caso, não se trata de autoria, mas do gosto de duas leitoras de poesia que querem comemorar o que foi gravado em suas memórias, perpetuando, de algum modo, o que nunca pode ter fim.

Filomena Gioveth  
Seomara Santos

# Aires de Almeida Santos\*

---

\* 1930 -1962



## Meu Amor da Rua Onze

Tantas juras nos trocámos,  
Tantas promessas fizemos,  
Tantos beijos nos roubámos  
Tantos abraços nos demos.

Meu amor da Rua Onze,  
Meu Amor da Rua Onze,  
Já não quero  
Mais mentir.

Meu amor da Rua Onze,  
Meu Amor da Rua Onze,  
Já não quero  
Mais fingir.

Era tão grande e tão belo  
Nosso romance de amor  
Que ainda sinto o calor  
Das juras que nos trocámos.

Era tão bela, tão doce  
Nossa maneira de amar  
Que ainda pairam no ar  
As promessas que fizemos,

Nossa maneira de amar  
Era tão doida, tão louca  
Qu'inda me queimam a boca  
Os beijos que nos roubámos.

Tanta loucura e doidice  
Tinha o nosso amor desfeito  
Que ainda sinto no peito  
Os abraços que nos demos.

E agora  
Tudo acabou.  
Terminou  
Nosso romance.

Quando te vejo passar  
Com o teu andar  
Senhoril,  
Sinto nascer

E crescer  
Uma saudade infinita  
Do teu corpo gentil  
De escultura  
Cor de bronze,  
Meu amor da Rua Onze.

## A Mulemba Secou

A mulemba secou.

No bairro da rua,  
Pisadas  
Por toda a gente  
Ficaram as folhas  
Secas, amarelas  
A estalar sob os pés de quem passava.

Depois o vento as levou...

Como as folhas da mulemba  
Foram-se os sonhos gaiatos  
Dos miúdos do meu bairro.

(De dia,  
Espalhavam visgos nos ramos  
E apanhavam catuituis,  
Viúvas, siripipis  
Que o Chiquito da Mulomba  
Ia vender no Palácio  
Numa gaiola de bimba.

De noite,  
Faziam roda, sentados,  
A ouvir,  
De olhos arregalados  
A velha Jaja a contar  
Histórias de arrepiar  
Do feiticeiro Catimba).

Mas a mulemba secou  
E, com ela,  
Secou também a alegria  
Da miudagem do bairro:

O Macuto da Ximinha  
Que cantava todo o dia  
Já não canta.  
O Zé Camilo, coitado,  
Passa o dia deitado  
A pensar em muitas coisas.  
E o velhote Camalundo,  
Quando passa por ali,  
Já ninguém o arrelia,  
Já mais ninguém lhe assobia,  
Já faz a vida em sossego.

Como o meu bairro mudou,  
Como o meu bairro está triste  
Porque a mulemba secou...

Só o velho Camalundo  
Sorri ao passar por lá...

## A Casa

A pedra, o pau, o barro,  
Os alicerces  
Da casa prometida  
    Sabida  
    Como certa.

A pedra dura  
Madeira que se dobra  
O barro que se molda  
    Coragem que perfura  
    A timidez que sobra  
    Paciência que se amolda.

Um bocado de sonho em cada mão,  
Um resto de azul  
No resto da manhã,  
E amanhã,  
De manhã cedo,  
Sem medo,  
    A casa que te ofereço  
    Cercada de amizade.



## Carta Para Havana

Sem lágrimas caídas  
Em lenço já molhado.  
Sem sonhos repartidos  
No passado...

Tarde de Agosto  
Ao gosto  
De quem ama.  
Só  
Saber falar baixinho  
Saber escutar quietinho  
E deixar,  
Com alma de escuteiro,

Derramar  
Por sobre o travesseiro,  
Rosas e rosas e rosas.  
Que importa que as rosas  
Tenham espinhos?...

## Juro

Por tua culpa, Mulata,  
Meu coração  
Anda à toa  
Sem saber onde se acoite.  
Perdeu-se na escuridão  
Dos teus olhos cor da noite.

Por tua culpa, só tua culpa,  
Pois sei que foi causa disso  
O feitiço  
Do teu corpo.

Mas... Deus é grande  
E... talvez  
Ainda voltes outra vez  
A abraçar-te em desejos,  
Quianda dos meus amores.

Nesse dia  
Hei-de cobrir o teu corpo  
Com um vestido de beijos  
E um manto de carícias.  
Hei-de esmagar contra a minha  
A tua boca vermelha.

Será nesse dia, então  
Que terei onde me acoite,  
Mesmo na escuridão  
Dos teus olhos cor da noite.

## Queixa

Toda a noite te esperei.

Quando cheguei  
Não estava ainda luar.  
E fiquei  
A esperar  
Que viesses  
Como tinhas prometido.

Toda a noite te esperei  
E afinal não apareceste.

Fiquei esperando,  
Esperando,  
E as horas foram caindo,  
Uma a uma,  
Como gotas de cacimbo.

Entretanto,  
Surgiu detrás da Igreja  
O disco, em prata,  
Da Lua.

Debaixo da gajageira,  
Junto à valeta da rua  
E sob a luz que me encanta  
Vi nascer a madrugada  
Da cor da semana santa  
Vi como a noite fugia  
E como raiava o dia.

Toda a noite te esperei  
E afinal não apareceste...

## Damba Maria

Aquela canção  
Que o vento nos ensinou  
Findou  
E não a cantámos juntos.

Perdeu-se  
Na ocasião  
Em que uma onda invejosa  
Veio cobrir com espuma  
A areia, perto de nós.

Estávamos sós,  
Tu e eu,  
E queríamos cantar  
Aquela doce canção  
Que o vento veio ensinar;  
Mas assim o vento a trouxe  
Assim a brisa a levou  
Pelas areias da damba.

E eu choro,  
Esperando ainda,  
Que volte a canção tão linda  
Que o vento nos ensinou.

## Estória Que o Vento Trouxe

Ouves?  
Não ouves  
O que o vento, lá fora,  
Está a contar  
Às buganvílias?  
Há mais duma hora  
Que o estou a escutar.

Ouviste  
O que disse agora?  
E que triste  
Que ele está...

Diz ele  
Que o Manuel  
Há quase dois dias  
Que anda no mar;  
E a Ximinha,  
Coitada,  
Desolada,  
Sentada  
Na praia  
A chorar  
E a rezar  
E a esperar...

Quando ele largou  
No «Bom dia»  
O mar era um lago  
E parecia

De azeite...  
Mas, depois  
Cresceu,  
Enraiveceu  
Numa calema tremenda  
E toda a Praia da Tenda  
Tremeu.

Partiram-se as armações,  
Viraram-se embarcações  
E toda a gente se escondeu,  
Assustada

Só a Ximinha,  
Coitada,  
Ficou sentada  
Na praia  
A chorar  
E a rezar  
E a esperar...

Hoje de manhã  
Já a calema amainara  
E não se vira ainda  
O «Bom dia»  
A entrar  
Pra fundear  
Na baía...

## Poema da Esperança

Vozes vieram dos longes do mundo;  
Gritos soaram nos longes da noite;  
Braços se ergueram aos longes do Céu:  
Homens partiram para os longes da morte;

...E os muros caíram!

As vozes se ouviram nos longes do mundo  
Cessaram os gritos  
Baixaram-se os braços  
Os homens voltaram.

As faces tisonadas sorriram de novo  
Os olhos nublados de novo brilharam.  
Nas matas, as aves voltaram aos ninhos  
E ao doce calor doirado do sol.

As rosas se abriram!

## Quando os Meus Irmãos Voltarem

Quando a minha mãe vier  
e trazer  
os meus irmãos  
iremos todos viver  
para a estrada de Catete.

Havemos de construir com as nossas mãos  
uma casita de adobe  
bonita,  
onde caberemos todos.  
Será vermelha,  
toda coberta de capim,

Vai ser fácil amassar  
porque o barro já está tinto  
de tanto, de tanto sangue  
há tanto tempo a correr.

Terá também um jardim  
Com rosas e buganvílias.

Vai ser fácil  
pois mesmo que a chuva tarde  
serão regadas  
com as lágrimas caídas  
dos olhos de todos nós.

Quando a minha mãe vier  
e trazer  
os meus irmãos



iremos todos viver  
para a estrada de Catete.

E jantaremos mufete...  
E beberemos quissângua  
Que vos virá do Bié.

E dormiremos na esteira  
embalados pela brisa  
que soprará no Musseque.  
Descansaremos  
do longo caminho andado:

Descansaremos  
p'ra mais longa caminhada...

Ah! Quando a minha mãe vier  
e trazer os meus irmãos  
será pequena a nossa casa bonita

(Que eu tenho milhões de irmãos!)

Quando a minha mãe vier  
e trazer  
os meus irmãos,  
iremos varrer  
as cinzas dos que partiram à frente,  
e cantar,  
espalhar  
a nossa alegria  
pelas vertentes das serras,  
pelas areias das dambas,  
pelos vales,

pelos montes,  
pela beirinha dos rios  
junto às fontes.

Havemos de cantar!...

Ah! Quando a minha mãe vier  
e trazer os meus irmãos,  
arderá uma fogueira  
à beira  
de cada trilho  
e o brilho  
de cada estrela  
será ainda maior...

Mãezinha, ouve o teu filho.

NÃO TARDES, MÃE,  
VEM DEPRESSA...

## Lucília, do Cunene

Na penumbra  
Do quarto  
Estavas mais negra ainda  
E mais linda.

Puseste as mãos  
A segurar a nuca  
E, num meio espreguiçar,  
Disseste: «Espera, não vás,  
Vamos conversar.»

E eu fiquei.  
Beijaste-me outra vez,  
Um beijo, dois...

Depois  
Começaste a contar-me  
Coisas da tua gente,  
Do Rio Grande  
Que é vida e é fronteira;

Contaste a história da verdadeira  
Do teu velho  
Que nas noites de vigília,  
Só tem por companhia  
Uma metralhadora e um punhal.

Contaste-me, Lucília,  
Dos teus medos e das saudades  
Que tens da tua filha.



Contaste-me da chuva,  
Falaste das mafumas,  
Disseste da amizade  
Que o Rio tem por vós.

Vezes, algumas,  
Paravas para beijar-me.  
Era de madrugada quando adormecemos.



## Cristina do Lubango

Eu olhei,  
Tu olhaste,  
    Eu sorri,  
    Tu sorriste.  
Eu convidei.  
    Aceitaste...

Depois,  
Nós dois  
Conversámos  
E combinámos  
Que a partir daí  
Nem raiva  
Nem dor  
Nem ciúme.  
Depois...

(Eu e tu,  
Tu e eu,  
Eu e tu...  
O lençol derramado no tapete!  
Um queixume...)

Agora,  
Eu,  
Eu,  
Eu feito uma fera...  
Eu à tua espera!

# Alda Lara\*

---

\* 1930 - 1962



## Presença Africana

E apesar de tudo  
ainda sou a mesma!  
Livre e esguia,  
filha eterna de quanta rebeldia  
me sagrou.  
Mãe-África!  
Mãe forte da floresta e do deserto,  
ainda sou  
a Irmã-Mulher  
De tudo o que em ti vibra,  
Puro e incerto!

– A dos coqueiros,  
de cabeleiras verdes  
e corpos arrojados  
sobre o azul...  
A do dendém  
nascendo dos abraços das palmeiras...

A do sol bom, mordendo  
o chão das Ingombotas...  
A das acácias rubras,  
salpicando de sangue as avenidas  
longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma...  
A do amor transbordando  
pelos carregadores do cais  
suados e confusos,  
pelos bairros imundos e dormentes



(Rua 11!... Rua 11!...)  
pelos meninos  
de barriga inchada  
e olhos fundos...

Sem dores nem alegrias,  
de tronco nu  
e corpo musculoso  
a raça escreve a prumo,  
a força destes dias...

E eu, revendo ainda e sempre, nela,  
aquela  
longa história inconsequente...

Minha terra!  
Minha, eternamente!

Terra das acácias, dos dongos  
dos cólios, baloiçando mansamente...  
Terra!  
Ainda sou a mesma.  
Ainda sou a que num canto novo,  
pura e livre,  
me levanto,  
ao aceno do teu Povo!

Benguela, 1953

## Testamento

À prostituta mais nova,  
do bairro mais velho e escuro,  
deixo os meus brincos, lavrados  
em cristal, límpido e puro...

E àquela virgem esquecida,  
rapariga sem ternura,  
sonhando algures uma lenda,  
deixo o meu vestido branco,  
o meu vestido de noiva,  
todo tecido de renda...

Este meu rosário antigo,  
ofereço-o àquele amigo,  
que não acredita em Deus...

E os livros, rosários meus  
das contas de outro sofrer,  
são para os homens humildes,  
que nunca souberam ler.

Quanto aos meus poemas loucos,  
esses que são de dor  
sincera e desordenada...  
esses, que são de esperança,  
desesperada mas firme,  
deixo-os a ti, meu Amor...

Para que, na paz da hora,  
em que a minha alma venha  
beijar de longe os teus olhos,



Vás por essa noite fora...  
com passos feitos de lua,  
oferecê-los às crianças  
que encontras em cada rua...



## Maternidade

Dentro de mim,  
é que trago  
a voz que se não cala,  
e a força  
que não mais se apaga...

Dentro de mim  
é que o caudal-anseio alaga,  
e correndo  
há-de ir, de mar em mar,  
levar  
ao fim da terra,  
um sinal de infinito...

Dentro de mim,  
do meu sangue nutrida,  
e sustentada,  
é que a voz não é soluço  
mas grito!

Dentro de mim,  
eco de paz ou de alerta,  
dentro de mim,  
é que a eternidade é certa!...

Lisboa, Fevereiro de 1959

## Prelúdio

Pela estrada desce a noite...  
Mãe-Negra, desce com ela...

Nem buganvílias vermelhas,  
nem vestidinhos de folhos,  
nem brincadeiras de guisos,  
nas suas mãos apertadas.

Só duas lágrimas grossas,  
em duas faces cansadas.

Mãe-Negra tem voz de vento,  
voz de silêncio batendo  
nas folhas do cajueiro...



Tem voz de noite, descendo,  
de mansinho, pela estrada...

Que é feito desses meninos  
que gostava de embalar?...

Que é feito desses meninos  
que ela ajudou a criar?...  
Quem ouve agora as histórias  
que costumava contar?...

Mãe-Negra não sabe nada...

Mas ai de quem sabe tudo,  
como eu sei tudo  
Mãe-negra!...



Os teus meninos cresceram,  
e esqueceram as histórias  
Que costumavas contar...

Muitos partiram p'ra longe,  
quem sabe se hão-de voltar!...  
Só tu ficaste esperando,  
mãos cruzadas no regaço,  
bem quieta bem calada.

É tua a voz deste vento,  
desta saudade descendo,  
de mansinho pela estrada...

Lisboa, 1951

## Rumo

*(ao J.B Dias em 1949 à sua memória em 1951)*

É tempo companheiro!  
Caminhemos...  
Longe, a Terra chama por nós,  
e ninguém resiste à voz  
da Terra!...

Nela,  
o mesmo sol ardente nos queimou  
a mesma lua triste nos acariciou,  
e se tu és negro,  
e eu sou branca,  
a mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!  
É tempo...

Que o meu coração  
se abra à mágoa das tuas mágoas  
e em prazer dos teus prazeres  
irmão:  
que as minhas mãos brancas  
se estendam  
para estreitar com amor  
as tuas longas mãos negras...  
E o meu suor,  
quando rasgarmos os trilhos  
de um mundo melhor.



Vamos!  
que outro aceno nos inflama  
Ouves?  
É a Terra que nos chama...

E é tempo companheiro!  
Caminhemos...





## Regresso

Quando eu voltar,  
que se alongue, sobre o mar,  
o meu canto ao Criador!  
Porque me deu, vida e amor,  
para voltar...

Voltar...  
Ver de novo baloiçar  
a fronde majestosa das palmeiras  
que as derradeiras horas do dia,  
circundam de magia...

Regressar...  
Poder de novo respirar,  
(o!... minha terra!...)  
aquele odor escaldante  
que o húmus vivificante  
do teu solo encerra!  
Embriagar  
uma vez mais o olhar,  
numa alegria selvagem,  
com o tom da tua paisagem,  
que o sol,  
a dardejar calor,  
transforma num inferno de cor...

.....  
Não mais o pregão das varinas,  
nem o ar monótono, igual,  
do casario plano...

Hei-de ver outra vez as casuarinas  
a debruar o oceano...  
Não mais o agitar fremente  
de uma cidade em convulsão...  
não mais esta visão  
nem o crepitar mordente  
destes ruídos...  
os meus sentidos  
anseiam pela paz das noites tropicais  
em que o ar parece mudo,  
e o silêncio envolve tudo  
Sede... Tenho sede dos crepúsculos africanos,  
todos os dias iguais, e sempre belos,  
de tons quase irreais...  
Saudade... Tenho saudade  
do horizonte sem barreiras...,  
das calemas traiçoeiras,  
das cheias alucinadas...  
Saudades das batucadas  
que eu nunca via  
mas pressentia  
em cada hora,  
soando pelos longes, noites fora!...

.....

Sim! Eu hei-de voltar,  
tenho de voltar,  
não há nada que mo impeça.  
Com que prazer  
hei-de esquecer  
toda esta luta insana...  
que em frente está a terra angolana,  
a prometer o mundo  
a quem regressa...

Ah! quando eu voltar...  
Hão-de as acácias rubras,  
a sangrar  
numa verbena sem fim,  
florir só para mim!...  
E o sol esplendoroso e quente,  
o sol ardente,  
há-de gritar na apoteose do poente,  
o meu prazer sem lei...  
A minha alegria enorme de poder  
enfim dizer:

Voltei!...

1949

## As Virgens

Longos muros  
escreveram sobre as almas  
a paz que não voltou...

Calmas e puras  
brincamos  
com o arco do tempo  
nas alamedas  
que nenhum sol  
deslumbrou  
Calmas e puras  
nos entregámos...

Tu à morte  
e eu à vida

Ó minha irmã silenciosa  
e bela  
Ó minha irmã doce  
silenciosa  
e pura  
de cabeleira cor de mel  
e olhar manso  
como as madrugadas macias

Calmas e puras  
nos entregámos

Tu à morte  
e eu à vida



## Para Ti

Olhos perdidos perscrutando o mar...  
... Para lá... que horizontes se marcaram?...  
– África d'oiro e sonho! a perdurar  
lembranças d'outros dias que passaram...

O curso?... – Uma aventura!...  
A vida?... – Um bem, firmado em grandes Ideais!...  
Depois...  
(que importa o que é «depois»,  
quando se tem a certeza  
de sermos sempre DOIS!?)

Março, de 1942



## Incerteza

A flor do entendimento  
murchou sem eu lhe tocar.  
Talvez fosse desse vento,  
ou fosse do meu sonhar...

Se me dói este momento  
já não vale o sentimento,  
nem a pena de o mentir.

Talvez fosse desse vento...  
ou fosse do meu sentir.

Lisboa, 1952



## Momento

Deixa-me poisar assim,  
sob a asa dos teus braços,  
tonta de sono e fadiga...

Deixa-me poisar assim,  
abandonada em silêncio,  
embalada pela voz amiga  
dos gestos  
perfeitamente exactos...

Deixa-me poisar assim  
sob as asas de ferro  
dos teus braços...

Amanhã,  
nem as asas de ferro  
dos teus braços  
me defenderão...

Amanhã,  
que frio,  
e que dor,  
na madrugada sem remissão...

Deixa-me pois  
ainda um pouco mais  
assim...

Que ao menos esta hora,  
seja nossa...

Lisboa, 1952

# Alexandre Dáskalos\*

---

\* 1924 - 1961





## Quando Eu Morrer

Quando eu morrer  
não me dêem rosas  
mas ventos.  
Quero as ânsias do mar  
Quero beber a espuma branca  
duma onda a quebrar  
e vogar.

Ah, a rosa dos ventos  
a correrem na ponta dos meus dedos  
a correrem, a correrem sem parar.  
Onda sobre onda infinita como o mar.  
Como o mar inquieto  
num jeito  
De nunca mais parar.

Por isso quero o mar.  
Morrer, ficar quieto,  
não.  
Oh, sentir sempre no peito  
o tumulto do mundo  
da vida e de mim.

E eu e o mundo.  
E a vida. Oh mar,  
o meu coração  
fica para ti  
para ter a ilusão  
de nunca mais parar.

## A Sombra das Galeras

Ah! Angola, Angola, os teus filhos escravos  
nas galeras correram as rotas do Mundo.  
Sangrentos os pés, por pedregosos trilhos  
vinham do sertão, lá do sertão, lá bem do fundo  
vergados ao peso das cargas enormes...  
Chegavam às praias de areias argêntas  
que se dão ao sol ao abraço do mar...  
...Que longa noite se perde na longa distância!

As cargas enormes  
os corpos disformes.  
Na praia, febre, a sede, a morte, a ânsia  
de ali descansar.

Ah! As galeras! As galeras!  
Espreitam o teu rosto tão pesado  
prostrado do torpor em que mal arqueias.  
Depois, apenas pestanejas as estrelas,  
o suplício do arrastar dessas correias.

Escravo! Escravo!

O mar irado, a morte, a fome,  
A vida...a terra...o lar...tudo distante.  
De tão distante tudo tão presente, presente  
como na floresta à noite, ao longe, o brilho  
duma fogueira acesa, ardente no teu corpo  
que de tão sentido, já não sente.

A América é bem teu filho  
arrancado à força do teu ventre

Depois outros destinos dos homens, outros rumos...  
Angola vais na sede da conquista.  
Hoje no entrechoque das civilizações antigas  
essa figura primitiva se levanta  
simples e altiva.

O seu cântico vem de longe e canta  
ausências tristes de gerações passadas e cativas  
E onde vão seus rumos? Onde vão seus passos?  
Ah! Vem, vem numa força hercúlea  
gritar para os espaços  
como os dardos do Sol ao Sol da vida  
no clangor que em ti próprio reverberas:

- Não sou cativo!  
A minha alma é livre, é livre  
enfim  
liberto, liberto vivo...

Mas...porque esperas?  
Ah! mata, mata no teu sangue  
o presságio da sombra das galeras!

## Desolação

Tudo se foi por água abaixo  
As enxurradas levaram os milhos,  
Os comerciantes fecharam a porta,  
Os contratados seguiram para S.Tomé,  
As mulheres negras com os filhos pendentes das longas tetas magras

Caminharam pelos desertos da vida,  
Com os olhos enxutos, sem lágrimas  
Viram morrer os filhos  
Caídos como os gados pelas pastagens áridas.  
Os cadáveres trouxeram epidemias.  
Morreu mais gente,  
E, todos morreram,  
Como se não morressem.  
Tudo se passou no silêncio amordaçado da selva.  
Agora  
Em desespero de virgem  
Violentada e infecunda,  
Grita a terra nua  
A desolação da paisagem morta.

## Que é S . Tomé

I

Quatro anos de contrato  
com vinte anos de roça.

Cabelo rapado  
Blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné

Eu fui S . Tomé!  
Calção e boné  
boné e calção  
cabelo rapado

dinheiro na mão...

Agora então volto,  
mas volto outra vez  
à terra que é nossa.  
Acabou-se o contrato  
dos anos de roça.

Eu vi S . Tomé!

Cuidado com o branco  
que anda por lá...  
Não sejas roubado.  
Cuidado! Cuidado!

Dinheiro de roça  
Ganhaste-o, T é dá  
galinhas... e bois...  
e terras...depois  
Já tiras de graça  
o milho da fuba  
o leite, a jinguba  
E bebes cachaça.

Eh! Vai descansado,  
dinheiro guardado  
no bolso da blusa.

Que é S . Tomé!

Cabelo rapado  
Blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.

II  
Este mente, aquele mente  
Outro mente...tudo igual  
O sítio da minha embala  
aonde fica afinal?

A terra que é nossa cheira  
e pelo cheiro se sente  
A minha boca não fala  
A língua da minha gente.

Com vinte anos de contrato  
nas roças de S. Tomé  
só fiz quatro  
Voltei à terra que é minha.  
É minha? É ou não é?

Vai a rusga, passa a rusga  
em noites de fim do mundo.  
Quem não ficou apanhado?  
Vai o sono, vem o sono  
vai ó sono  
quero ficar acordado  
No meio da outra gente  
Lá ia naquela corda  
mas, acordei de repente.

Quero ficar acordado.

Onde está o meu dinheiro,  
onde está o meu calção  
meu calção e meu boné?  
O meu dinheiro arranjado  
Nas roças de S. Tomé?

Vou comprar com o dinheiro  
sobrado da minha mão  
Tudo quanto a gente come:  
trinta vacas de fome,  
galinhas...de papelão.

Vou trabalhar nesta lavra  
em terra que dizem nossa  
quatro anos de contrato  
e vinte anos de roça.





Eu foi S. Tomé!

Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.

Aiué!

## Carta

Jesus Cristo, Jesus Cristo  
Jesus Cristo, meu irmão  
Sou fio dos pais da terra  
Tenho o corpo p'ra sofrer  
Boca para gritar  
E comer o que comer  
Os meus pés que vão  
No chão  
Minhas mãos são de trabalho  
Em coisas que eu não sei  
E não tenho nem apalpo  
Trabalho que fica feito  
Para o branco me dizer  
«Obra de preto sem jeito»  
E minha cubata ficou  
Aberta à chuva e ao vento  
Vivo ali tão nu e pobre  
Magrinho como o pirão  
Meus fios salta na rua  
Joga o rapa sai ladrão  
Preto ladrão sem imposto  
Leva porrada nas mão  
Vai na rusga trabalhar  
Se é da terra vai para o mar  
Larga a lavra deixa os bois  
Morrem os bois...e depois?  
Se é caçador de palanca  
Se é caçador de leão  
Isso não faz mal nenhum  
Lança as redes no mar



Não sai leão sai atum...  
Jesus Cristo, Jesus Cristo  
Jesus Cristo meu irmão  
Sou fio dos pais da terra  
Um pouco de coração  
De coração e perdão  
Jesus Cristo meu irmão.



## Da Boca da Noite Surgiram Mendigos

I  
Da boca da noite surgiram mendigos  
Vinham com a ganga dos operários  
o terno dos escriturários  
o vestido das dactilógrafas  
e os sapatos duma miséria limpa...

E os ombros foram frágeis e fortes  
a suportar o mundo.  
Tudo se deu  
para restar apenas a virtude  
de ter sobejado a vida.

A vida:  
– Miséria e fome.  
A vida a bater a asa do alento  
na coragem do dia a dia.

Vida de olhos vagos  
de paisagem despida.  
Vida, sem aroma  
e sem fruto  
suportando-se apenas.

Vida-narcótico  
de festas, cinemas.  
Afogando cuidados de hoje  
e de amanhã.  
Vida de traços vagos  
e confusos.

A amortalhar o cérebro  
Num sonho místico  
de formas múltiplas sem grandeza.

Ânsia de jazz  
de ritmos partidos  
de carne  
sem ossos.

Vida de futilidades  
sempre novas.  
A degladiar desesperos  
mas que de noite acordam  
para pesadelos tétricos.

Vida – Guerras que se levantam  
de ideais sem nome,  
ao fogo dos ideais  
das carnes que consomem  
o homem.

O homem que no desespero acorda  
e põe laivos de sangue  
numa aurora longínqua.

II  
Da boca da noite surgiram mendigos  
Vomitados por uma cólera feroz.  
(Vulcão da chama de outros dias,  
dos que não querem esmola)

Apenas no rosto  
a boca torcida.  
Os braços convulsos.  
Um ronco na voz

Os olhos de chama  
queimando fogueiras...

Os passos unidos  
de tantos  
em tantas  
pancadas certeiras.  
Rasgavam a noite  
subindo montanhas.  
Um canto  
profundo  
agora  
na voz.

A voz dos homens  
que amam a vida  
tal ela é:  
De sonho e de carne  
de ideais e luta  
mas vida vivida.

Necessidade humana  
animal de comida  
de braços bem livres  
De algemas na fome.  
Livres como asas de pássaros  
a ganhar a altura  
Que o cérebro consente.  
Livre.



mais livre espaços  
rasgados da vida  
o caminho aplanado  
do homem  
para as eras futuras



## Buscando o Rumo

I  
Fui buscar o sol  
pela planície ampla  
e, na planície, vejo as pegadas  
dum povo em êxodo,  
que ali passou.

Sobre os meus ombros  
o sol.  
Sobre o meu olhar  
o firmamento sem fim do sofrimento  
que o silêncio do ar pesado  
sequestrou.

Onde ficou a tua glória,  
sol?  
Se a minha libertação deserta  
e o esteio da minha caminhada  
gravado pelo chão  
também ficou.

Ilusão a marcar outra ilusão.

Que não vá ninguém e que não fique  
com o olhar parado pelo desejo,  
mas que não pode, peregrino,  
buscar a luz da alma liberta  
se ela se apaga no caminho.



Que fazer? Ah! que fazer!  
Cruzar os braços e deixar  
a fome dos desejos e os cansaços  
matarem bem ao fundo a nossa ânsia?

Mas deixar assim correr os passos  
sem destino e sem rumo?  
A que florestas da alma  
ignoradas  
se conduzem por si os nossos passos?

Que imprevistos de sensações  
e de desejos  
vem beijar o porvir da manhã pura  
sem nada acalentarem os nossos braços?

Ficar na estrada,  
na estrada só, parado,  
olhando o giro de outros sóis  
sem sentir a asa dilatada  
do ar da brisa, da luz, em convulsões.

Ah! não, a vida eu amo.  
E não, ao próprio sol me dita  
no seu rumo.  
E vá e avance e caminhe  
Lançando as sementes do futuro.  
– Sol que pela noite se perdeu  
desponta após a madrugada.

II  
Só existe  
o que amanheceu.  
Depois é fruto e é semente.  
E, a semente de si, já não é nada.



Só a semente de novo amanheceu.

Subir a planície é a vitória  
mas o anseio aqui, já não ficou.

É preciso procurar outro destino  
É semente que o fruto em si gerou.

O rumo atingido é outro rumo.  
Que a vida como sol é que dá vida.



## Porto

Havia nos olhos postos o sentido  
de não vencerem distâncias  
Calados, mudos com os lábios colados no silêncio  
os braços cruzados, como quem deseja  
mas de braços cruzados.

Os navios chegavam aos portos e partiam.  
Os carregadores falavam da gente do mar.  
A gente do mar dos que ficam em terra.  
As mercadorias seguiam.  
Os ventos dispersos na alma do tempo,  
traziam as novas das terra longínquas.  
Segredavam-se em noites e dias  
a todos os homens  
em todos os portos  
num destino comum.

Os navios chegavam ao porto  
e partiam...

## Companheiros

Vinde companheiros!  
Que os vossos braços se abram  
Aos nossos braços de amigos.

– Toma uma cadeira. Senta-te. Conta:  
Desdidas, anseios, desventuras  
e desse fulgor ardente que se adivinha  
no teu olhar, cavado das viagens,  
como uma estrela numa noite morta...

Nós somos todos irmãos.

Ah, quando te invadir a solidão  
e olhares à volta e sentires apenas  
a presença perturbável dos teus ombros,  
não estás só!  
Vem até nós.  
Estarás comigo.  
Não será morta, a morta esperança  
do teu olhar sem luz.

Mas, que fôlego ingénuo na aventura  
te lançou em tão inóspitos lugares  
deixando assim o teu lar, amigo?  
Não contes, eu sei qual foi. Foi  
essa vontade de produzir, de criar, de vencer...

Oh! nossa terra, oh nossa mãe!  
Como se casam em nós os prodígios  
da tua natureza forte!  
O húmus inculto das florestas  
brota em nós, freme em nós, canta em nós



no grito de todos os gritos,  
na ânsia da tua descoberta!...  
O amor dos nossos corações  
transborda da nossa alma  
como a força impulsiva dos teus rios...

Vês, companheiro, eu sou teu irmão,  
toma a minha mão, dá-me a tua mão.



## Manhã

Erguida do fundo das águas plácidas  
dum lago surge Mulher.  
Limos na pasta dos cabelos  
escondem o mistério dos olhos  
olhando a curva do seu ventre.  
Flutuando  
entre sombras e reflexos  
duma luz longínqua,  
a forma dos braços  
ganha o mais e mais fundo das águas.  
Os seios erguidos  
apontam ao longe  
a aurora que vem.  
Em volta  
musgos, líquens, algas,  
em fosforescência arbóreas  
de constelações que lembram  
os recessos da vida.  
Em plantas aquáticas, marítimas,  
chegam-lhe da floresta  
lutas de homens, desesperos e cansaços,  
feras e povos divididos, misturados  
confundidos  
para a sua criação.  
E tudo esquecido ou ignorado,  
só no lago  
o corpo erguido,  
jovem,  
abrindo  
abrindo nas sombras o seu perfil que nasce  
o seu perfil de Mãe  
dos Homens do futuro.

## Despertar

Acorda  
erguido como o sol sobre as montanhas...

Estende os braços  
à vida que te chama,  
e canta!...

Vai!...  
E de cabelo ao vento,  
constrói a vida pela raiz da dor no fogo das entranhas.

Vai!...  
E que os olhos  
e os lábios  
vejam e saibam  
do fragor da luta...

Filho da terra que te deu o ser,  
corre no impulso da enchente  
tropical  
dum sangue quente,  
e em tempestades de amor  
troveja e geme  
na alegria de lutar  
e de viver!

Sereno como o rio  
que volta ao leito,  
dá-te para os outros  
– Seu irmão –  
Irmãos que sejam como tu:

dos pés à boca  
homens  
que não neguem  
a sua condição...

Há lobos  
dispersos no caminho...

E vai,  
a frente juvenil  
erguida  
engrinaldada ao sol,  
a Vida  
confiante ao punho  
dessas mãos viris...

Irmãos, vinde!...  
o sol ergue-se nas montanhas.  
A Vida não se fecha,  
a todas faz florir...  
a vida tem de ser aberta –  
sejamos nós o fruto e a oferta  
da árvore do porvir...





# António Agostinho Neto\*

---

\* 1922-1979



## Explicação

Porto de abrigo  
de naus carregadas de tristeza  
vindas das índias longínquas  
do coração negro

banham-me ondas  
feitas de desejo e pranto

e trazem-me as brisas  
os cantares de homens gemendo  
sob o peso da angústia.

Por isso  
não demoro meus olhos  
sobre as belezas do mundo  
seus pores-de-sol  
montanhas azuladas  
seus mares bonançosos.

Que me importa  
o perfume das rosas  
os lirismos da vida  
se meus irmãos têm fome?

Todo o meu ser se debruça  
ante o drama da História  
que nos legou  
esta alma triste  
de submissão e sofrimento



Todo o meu ser  
vive  
o querer dos homens sem norte  
à procura  
de Certeza



## Voz do Sangue

Palpitam-me  
os sons do batuque  
e os ritmos melancólicos do blue.

Ó negro esfarrapado  
do Harlem  
ó dançarino de Chicago  
ó negro servidor do South

Ó negro da África  
negros de todo o mundo

eu junto  
ao vosso magnífico canto  
a minha pobre voz  
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho  
pelas emaranhadas áfricas  
do nosso Rumo.

Eu vos sinto  
negros de todo o mundo  
eu vivo a nossa história  
meus irmãos.

1948

## Passei a Vida...

Passei a vida a servir  
os meus dias passei-os a chorar  
no meu mundo  
meu inferno.

Os braços trabalhando  
para um mundo alheio  
os meus dedos musicando  
para o mundo alheio

Meu mundo  
meu inferno.

E ainda choro hoje  
mas de vergonha  
de pejo  
por ter vivido num mundo inferno  
sem ter tido ao menos alma para morrer

1948

## Sinto na Minha Voz...

Sinto na minha voz as vozes duma multidão  
No coração sinto um mundo  
No meu braço um exército

A multidão calou  
O mundo perdi-o  
O exército foi vencido

Mas a multidão silente não morreu  
O exército vencido não desapareceu  
E no coração tenho a certeza

De que o amanhã  
    não será só Ilusão

1949



## Novo Rumo

Na alta noite dos caminhos  
sem nome  
o nosso nome é ritmo  
o nosso destino é a Vida

O ritmo  
dos passos incertos dum filho pródigo  
que por herança teve azorragues  
e se esbanjou em fé  
em hesitações em amor  
e regressa desiludido  
mas ainda crente  
procurando em si  
o homem que perdeu

O destino  
é a própria História  
o Início  
a Concordância

Somos o ritmo construtivo  
do Novo  
na alta noite  
dos caminhos sem nome.

1950



## Poema Para Todos

Para quê chorar  
porque esperarmos  
que outros venham consolar?

Para quê querer uma ilusão  
Para apagar uma mentira?

O choro cansou o mundo  
e a nós mesmos já causa tédio  
E quando julgamos que o riso é choro  
ele é riso simplesmente  
porque já nem sabemos lamentar

Mas olha à tua volta  
abre bem os olhos  
– vês?

Aí está o mundo  
construamos.

## Kalumba

Ela veio do mato  
e confundiu  
as estrelas com as luzes da cidade

Na cidade  
os seus olhos eram duas estrelas

E no coração de muitos homens  
não brilhou outro sol  
se não a linda filha de soba  
que viera das terras da Lunda  
e morava no muceque Sambizanga

Mas os seus olhos confusos  
descobriram na cidade  
um mundo diferente  
onde a sua alma era aferrolhada  
nos navios que levaram do Congo  
os homens sobre o mar  
Kalunga! Morte

Aquela cidade era um mar  
era a sua morte

E na cidade brilhante  
que é um mundo, um mar  
Kalunga!  
onde em cada rua partem navios  
para longe de cada homem  
perdeu duas estrelas –  
Os olhos  
da linda filha dum soba da Lunda.

## Noite Escura

Sobre a curva do rio Cuanza  
o sol mergulha  
vermelho  
recortando no horizonte sombras de palmeiras

Ai, é tão triste a noite sem estrelas!

Um dia  
o meu sol caiu no mar  
e me anoiteceu

Um dia começou uma noite sem estrelas.

Mas na noite escura  
os corações se erguem

Ah! é tão alegre a madrugada!

## A Tua Mão Poeta

A tua mão poeta  
atravessou os oceanos até mim

A tua mão poeta  
encontrou-me sentado na ilha África  
levantada no coração de Lisboa

A tua mão poeta  
partiu de mim para mim pela tua voz  
pela voz angustiada da meia-noite nos muceques  
pela tua voz ritmada das enxadas  
nos terrenos adubados pelo sangue da sujeição  
pela tua voz milhões de vozes fraternidade  
amor  
situadas para lá das algemas para lá das grades  
sempre livres sempre fortes sempre grito sempre riso

A tua mão poeta  
um poema de amor  
escrito com os cinco dedos de África  
sobre a ânsia humana de amizade e paz

A tua mão poeta  
sonorizando o batuque liberdade  
entre as cubatas escravas da vida

Tenho-a na minha mão  
e através dela  
oferto-me à nossa África.

## Circunstância

Sobre a ânsia de pão  
derramada na vermelhidão ardente da areia  
dos muceques

Sobre a certeza firme  
da força  
no olhar choroso da criança negra

Sobre a inutilidade da hora  
do mundo parado  
suspenso ante o sonho

A tua ausência Amor  
a tua ausência caindo em mim  
suave e dolorosa  
distinta e múltipla  
como lá fora os bagos de chuva  
sobre o enlameado do chão.

24 de Maio de 1952



## Com os Olhos Secos

Com os olhos secos  
– estrelas de brilho inevitável  
através do corpo através do espírito  
sobre os corpos inânimes dos mortos  
sobre a solidão das vontades inertes  
nós voltamos

Nós estamos regressando África  
e todo o mundo estará presente  
no super-batuque festivo  
sob as sombras do Maiombe  
no carnaval grandioso  
pelo Bailundo pela Lunda

Com os olhos secos  
contra este medo da nossa África  
que herdámos dos massacres e mentiras

Nós voltamos África  
estrelas de brilho irresistível  
com a palavra escrita nos olhos secos  
– LIBERDADE



# António Jacinto\*

---

\* 1924 - 1991







## Bailarina Negra

para Antonica (na Barra do Dande)

A noite  
(Uma trompete, uma trompete)  
fica no jazz

A noite  
Sempre a noite  
Sempre a indissolúvel noite  
Sempre a trompete  
Sempre a trépida trompete  
Sempre o jazz  
Sempre o xinguilante jazz

Um perfume de vida  
esvoaça  
adjaz  
Serpente cabriolante  
na ave-gesto da tua negra mão

Amor,  
Vénus de quantas áfricas há,  
vibrante e tonto, o ritmo no longe  
preênsil endoudece

Amor  
ritmo negro  
no teu corpo negro  
e os teus olhos  
negros também  
nos meus  
são tantás de fogo  
amor.

## O Ritmo do Tantã

O ritmo do tantã não o tenho no sangue  
nem na pele  
nem na pele  
tenho o ritmo do tantã no coração  
no coração  
no coração  
o ritmo do tantã não tenho no sangue  
nem na pele  
nem na pele  
tenho o ritmo do tantã sobretudo  
mais no que pensa  
mais no que pensa  
Penso África, sinto África, digo África  
Odeio em África  
Amo em África  
Estou em África  
Eu também sou África  
tenho o ritmo do tantã sobretudo  
no que pensa  
no que pensa  
penso África, sinto África, digo África  
E emudeço  
dentro de ti, para ti África  
dentro de ti, para ti África  
Á fri ca  
Á fri ca  
Á fri ca

C.T, Chão Bom, 28.06.70

## Declaração

As aves, como voam livremente  
num voar de desafio!  
Eu te escrevo, meu amor,  
num escrever de libertação.

Tantas, tantas coisas comigo  
adentro do coração  
que só escrevendo as liberto  
destas grades sem limitação.  
Que não se frustre o sentimento  
de o guardar em segredo  
como líones, correm as águas do rio!  
corram límpidos amores sem medo.

Ei-lo que to apresento  
puro e simples – o amor  
que vive e cresce ao momento  
em que fecunda cada flor.

O meu escrever-te é  
realização de cada instante  
germine a semente, e rompa o fruto  
da Mãe-Terra fertilizante.

28 de Maio – 1953

## Era Uma Vez...

.....  
Vôvô Bartolomé, ao sol que se coava da mulembeira  
por sobre a entrada da casa de chapa,  
enlanguescido em carcomida cadeira  
vivia

– relembrando-a –  
a história da Teresa mulata

Teresa Mulata!

essa mulata Teresa  
tirada lá do sobrado  
por um preto dAmbaca  
bem vestido,  
bem falante,  
escrevendo que nem nos livros!

Teresa Mulata

– alumbramento de muito moço –  
pegada por um pobre dAmbaca  
fez passar muitas conversas  
andou na boca de donos e donas...

Quê da mulata Teresa?

A história da Teresa mulata...

Hum...

Vôvô Bartolomé enlanguescido em carcomida cadeira adormeceu  
o sol se coando da mulembeira veio brincar com as moscas nos  
lábios ressequidos que sorriem

Chiu! Vôvô tá dormindo!  
... O moço dAmbaca sonhando...

## Canto Interior de Uma Noite Fantástica

Sereno, mas resoluto  
aqui estou – eu mesmo! – gritando desvairado  
que há um fim por que luto  
e me impede de passar ao outro lado.

Ante esta passagem de nível  
nada de fáceis transposições  
Do lado de cá – pareça embora incrível  
é que me meço: princípio e fim das multidões.

Não quero tudo quanto me prometem alicientes  
Nada quero, se para mim nada peço,  
o meu desejar é outro – o meu desejo é antes  
o desejo dos muitos com que me pareço.

Quem quiser que venha comigo  
nesta jornada terrena, humana e sincera  
E se for só – ainda assim prossigo  
num mar de tumulto, impelindo os remos sem galera.

Que venham glaucas ondas em voragem  
que ardam fogos infernais  
que até os vermes tenham a coragem  
de me cuspir no rosto e no mais.

Que os lobos uivem famintos  
que os ventos redemoinhem furiosos  
que até os répteis soltem seus instintos  
e me envolvam traiçoeiros e viscosos.

Que me derrubem e arremessem ao chão  
que espezinhem meu corpo já cansado  
à tortura e ao chicote ainda responderei *não*  
e a cada queda – *de novo serei alevantado*.  
E não transporei a linha divisória  
entre o meu e o outro caminho  
Mesmo que a minha luta não tenha glória  
é no campo de combate que alinho.

Assim continuarei a lutar, ai a lutar!  
num perigoso mar de paixões e escolhos  
e – companheiros – se neste sofrer me virdes chorar  
não acrediteis em vossos olhos!

Luanda, 31-7-1952

## Canção do Entardecer

(cantiga de roda)

Ó pássaro traz-me o meu filho  
que o sol vai desaparecendo  
mualeba kuleba  
pássaro que vais esvoaçando  
com o sol que vai desaparecendo  
longe, tão longe  
Kumbi dia kinjila!

Desce dos ares, desce à terra  
ave grande  
traz-me o meu filho  
são horas, o sol vai desaparecendo  
mualeba kuleba.

Já trabalhei ó pássaro  
já cansei  
varri a casa  
acendi o lume  
cozinhei  
já zuquei no meu pilão  
traz-me já o meu filho ó pássaro  
que o sol vai desaparecendo  
Kumbi dia kinjila

Ó pássaro  
o sol vai morrendo  
mualeba kuleba  
e hoje ganhei o meu dia  
já cansei



já capinei, lavrei  
já fui acarretar água  
tenho a casa limpa  
recolhi a criação  
cumpri os meus deveres  
o sol vai morrendo  
são horas de ir descansar  
traz-me o meu filho ó pássaro  
o kinjila ki-ngi-bekele mona!

Anda, dá-me já o meu filho  
são horas  
Kumbi dia kinjila  
longe tão longe...

.....

– minha negra, que pedes o filho ao pássaro  
olha o teu homem  
que vem cansado da tonga  
dá-me um seio  
tens dois – deixa ao teu filho o outro  
que o sol já vai morrendo  
mualeba kuleba  
longe, tão longe  
Kumbi dia kinjila!

## O Grande Desafio

Naquele tempo

a gente punha despreocupadamente os livros no chão  
ali mesmo naquele largo – areal batido de caminhos passados  
os mesmos trilhos de escravidões  
onde hoje passa a avenida luminosamente grande  
e com uma bola de meia  
bem forrada de rede  
bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves  
em alegre folguedo, entremeando caçambulas  
... a gente fazia um desafio...

O Antoninho

filho desse senhor Moreira da taberna  
era o capitão  
e nos chamava de ó pá,  
Agora virou doutor  
(cajinjeiro como nos tempos antigos)  
passa, passa que nem cumprimenta  
– doutor não conhece preto da escola.

O Zeca era guarda-redes

(pópilas, era cada mergulho!  
Aí rapage – gritava em delírio a garotada)  
Hoje joga num clube da Baixa  
Já foi a Moçambique e no Congo  
Dizem que ele vai ir em Lisboa  
Já não vem no Musseque  
Esqueceu mesmo a tia Chiminha que lhe criou de pequenino  
nunca mais voltou nos bailes de Don'Ana, nunca mais  
Vai no Sportingue, no Restauração  
outras vezes no Choupal  
que tem quitatas brancas

Mas eu lembro o Zeca pequenino  
o nosso saudoso guarda-redes!  
Tinha também  
tinha também o Velhinho, o Mascote, o Kamauindo...  
– Coitado do Kamauindo...  
Anda lá na Casa da Reclusão  
(desesperado deu com duas chapadas na cara do senhor  
[chefe  
naquele dia em que lhe prendeu e disparatou a mãe;)

– O Velhinho vive com a Ingrata  
drama de todos os dias  
A Ingrata vai nos brancos receber dinheiro  
e traz pró Velhinho beber;  
E o Mascote? Que é feito do Mascote?  
– Ouvi dizer que foi lá em S.Tomé como contratado

É verdade, e o Zé?  
Que é feito, que é feito?  
Aquele rapaz tinha cada finta!  
Hum... deixa só!  
Quando ele pegava com a bola ninguém lhe agarrava  
vertiginosamente até na baliza.

E o Venâncio? O meio-homem pequenino  
que roubava mangas e os lápis nas carteiras  
Fraquito da fome constante  
quando apanhava um pinhão chorava logo!  
Agora parece que anda lixado  
lixado com doença no peito.

Nunca mais! Nunca mais!  
Tempo da minha descuidada meninice, nunca mais!...

Era bom aquele tempo  
era boa a vida a fugir da escola a trepar aos cajueiros  
a roubar os doceiros e as quitandeiras  
às caçambulas:

    Apresa! Ninguém! Ninguém!  
tinha sabor emocionante de aventura  
    as fugas aos polícias  
    às velhas dos quintais que pulávamos

Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha  
    ... e a gente fazia um desafio...

Oh, como eu gostava!  
    Eu gostava qualquer dia  
    de voltar a fazer medição como o Zeca  
o guarda-redes da Baixa que não conhece mais a gente  
escolhia o Velhinho, o Mascote, o Kamauindo, o Zé  
o Venâncio, e o Antoninho até  
    e íamos fazer um desafio como antigamente!  
Ah, como eu gostava...

Mas talvez um dia  
quando as buganvílias alegremente florirem  
quando as bimbis entoarem hinos de madrugada nos capinzais  
quando a sombra das mulembeiras for mais boa  
quando todos os que isoladamente padecemos  
nos encontrarmos iguais como antigamente  
talvez a gente ponha  
    as dores, as humilhações, os medos  
desesperadamente no chão  
    no largo – areal batido de caminhos passados  
    os mesmos trilhos de escravidões  
    onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroámos  
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças  
vamos então fazer um grande desafio...

## Carta Dum Contratado

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio  
de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue  
desta saudade a que vivo todo entregue...



Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta de confidências íntimas,  
uma carta de lembranças de ti,  
de ti  
dos teus lábios vermelhos como tacula  
dos teus cabelos negros como diloua  
dos teus olhos doces como maconde  
dos teus seios duros como maboque  
do teu andar de onça  
e dos teus carinhos  
que maiores não encontrei por aí...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que recordasse nossos dias na capopa  
nessas noites perdidas no capim  
que recordasse a sombra que nos caía dos jambos  
o luar que se coava das palmeiras sem fim

que recordasse a loucura  
da nossa paixão  
e a amargura  
da nossa separação...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que a não leses sem suspirar  
que a escondesses de papai Bombo  
que a sonegasses a mamãe Kieza  
que a relesses sem a frieza  
do esquecimento  
uma carta que em todo o Kilombo  
outra a ela não tivesse merecimento.

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que ta levasse o vento que passa  
uma carta que os cajus e cafeeiros  
que as hienas e palancas  
que os jacarés e bagres  
pudessem entender  
para que se o vento a perdesse no caminho  
os bichos e plantas  
compadecidos de nosso pungente sofrer  
de canto em canto  
de lamento em lamento  
de farfalhar em farfalhar  
te levassem puras e quentes  
as palavras ardentes  
as palavras magoadas da minha carta  
que eu queria escrever-te, amor...  
Eu queria escrever-te uma carta...



Mas ah meu amor, eu não sei compreender  
por que é, por que é, por que é, meu bem  
que tu não sabes ler  
e eu – Oh! Desespero – não sei escrever também!

## Castigo Pro Comboio Malandro

Esse comboio malandro  
passa  
passa sempre com a força dele  
ué ué ué  
hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

O comboio malandro  
passa

Nas janelas muita gente:  
ai bô viaje  
adeujo homéé  
nganas bonitas  
quitandeiras de lenço encarnado  
levam cana do Luanda pra vender  
hii hii hii  
aquele vagon de grades tem bois  
múu múu múu

tem outro  
igual como este dos bois  
leva gente,  
muita gente como eu  
cheio de poeira  
gente triste como os bois  
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje  
mas o preto não morre  
canta só sua tristeza



«Mulonde ia Kessua uadibale  
uadibalé uadibalé...»

Esse comboio malandro  
sozinho na estrada de ferro  
passa  
passa  
sem respeito  
ué ué ué  
com muito fumo na trás  
hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

Comboio malandro  
o fogo que vai no corpo dele  
vai na casa dos pretos e queima  
Esse comboio malandro  
já queimou o meu milho

Se na lavra do milho tem pacassas  
eu faço armadilhas no chão,  
se na lavra tem kiombos  
eu tiro a espingarda de kimbundo  
e mato neles  
mas se vai lá fogo do comboio malandro  
– deixa! –  
ué ué ué  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem  
só fica fumo,  
muito fumo mesmo.

Mas espera só  
Quando esse comboio malandro descarrilar  
e os brancos chamar os pretos pra empurrar  
eu vou



mas não empurro  
– nem com chicote –  
finjo só que faço força  
aka!

Comboio malandro  
você vai ver só o castigo  
vai dormir mesmo no meio do caminho.



## Monangamba

Naquela roça grande não tem chuva  
é o suor do meu rosto que rega as plantações;

Naquela roça grande tem café maduro  
e aquele vermelho-cereja  
são gotas do meu sangue feitas seiva.  
O café vai ser torrado,  
pisado, torturado,  
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,  
aos regatos de alegre serpentear  
e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?  
Quem traz pela estrada longa  
a tipóia ou o cacho de dendém?

Quem capina e em paga recebe desdém  
fuba podre, peixe podre,  
panos ruins, cinquenta angolares  
«porrada se refilares?»

Quem?

Quem faz o milho crescer  
e os laranjais florescer  
- Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar  
Máquinas, carros, senhoras  
e cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,  
ter barriga grande – ter dinheiro?  
– Quem?

E as aves que cantam,  
os regatos de alegre serpentear  
e o vento forte do sertão  
responderão:  
– «Monangambééé...»

A! Deixem-me ao menos subir às palmeiras  
Deixem-me beber marufo, marufo  
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras

– Monangambééé...



# António Neto\*

\* 1928







## Programa

Para Miguel Torga

Seja a poesia  
O que nós quisermos que seja...  
...Não venha ao sabor do dia  
Porque os dias são instantes no caminho

–: Não cante a voz  
Mais alto que nós!





## Arte Poética

Versos

Os que se escrevem com o pulso

Quando nos cortam a mão

...E só então...

Os que se datam com não-datas de calendário

Mas datas de mortes ou de partos;

O tempo que leva uma criança a nascer

Um cadáver a apodrecer

Não são tempos que admitam rótulo

De anos e mês e hora

Poesia

Só a da agonia

Que mata ou cria

Poemas

Só este

E os que escrevi e não escrevi quando morreste

## Os Mortos Perguntam

Nos rumos perdidos dos ventos trocados,  
    Todos os rumos,  
Nos fumos das piras dos mortos cremados,  
Todos os fumos,  
de todas as piras...  
Nas iras dos mares  
Que beberam sangue  
Todas as iras...  
Na ânsia enlutada de todos os lares  
    Vazios de esperança  
Todas as ânsias  
De todos os lares...  
Nos sexos sangrentos das virgens violadas  
Os farrapos  
a sangrar  
De todos os sonhos que homens sonharam  
E homens violaram...  
Em todas as dores dos vivos da terra  
    todas as dores dos mortos da guerra...  
E os rumos perdidos  
e os corpos arditos,  
e as iras inúteis,  
e as ânsias caladas,  
E os sonhos, sujos como vidas de virgens violadas,  
    E todas as dores  
de todos os mortos que a guerra matou,  
e todos os lutos  
de todos os vivos  
que a guerra enlutou,  
    Perguntam,

perguntam,  
perguntam  
a todos os ventos  
a todos os mares  
às roupas de luto de todos os lares,  
Se valeu a pena...  
...Os mortos perguntam...  
Mas os ventos trocam-se,  
o mar não serena,  
as viúvas continuam a chorar,  
e os mortos não param de perguntar  
se valeu a pena...  
...Mas a esperança é longa  
e bela de agarrar no fundo dos martírios...  
Os mortos perguntam,  
os mortos protestam...  
...Irmãos, os braços são magros,  
mas longos,  
Longos da ânsia de querer...  
...A pergunta é grande e a força é pequena,  
mas só nós podemos, Irmãos, responder,  
Se valeu a pena...

## Canção de Embalar Meninos Pretos

“Para ser cantado por um macio coro de anjinhos com um fundo de música de violino e órgão litúrgico, muito suave. Às vezes ouve-se um soluço, mas isso não é da partitura...”

O negro já não é fera

Nem curiosidade de feira...

O negro já não assusta

Nem diverte

As grandes crianças brancas...

(Pelo menos de pele branca...)

O negro hoje é bom,

E é sério,

Não ri...

O negro, hoje, trabalha,

Calado e certo como uma máquina...

Sai à pesca do atum

E às vezes morre no mar...



(E é uma maçada,  
Porque os contratados são poucos...)  
E corta o céu de lado a lado com a enxada...  
E às vezes leva pancada...





## Pulso

Irmão Quase Irmão  
que dúvidas são essas  
que trazem dormente?  
– É só uma questão  
e um caminho, e seguro:  
Vê como a terra obedece à semente...  
(...Nós somos a terra, irmão  
de que brotará o pão  
para matar as fomes do futuro...)

## POEMA

Quando os deuses souberam que ela existia na terra encheram-se de ciúme e de cólera, porque aqueles que a conheciam não pensavam mais em deuses...

Então prenderam-na e levaram-na para o cimo do Monte da Morte, onde são executadas as vítimas mais nobres da ira dos deuses, os rivais mais perigosos da glória dos deuses...

Amarram-na a um penelo de granito com cadeias de aço grossas como troncos de palmeira, e soltaram sobre ela o abutre sagrado que lhes serve de algroz para os grandes réus, para que lhe serve devorasse o coração e lhe vazasse os olhos...Aqueles olhos que tinham roubado ao culto dos deuses a luz do Sol e todas as luzes...

Ninguém podia escalar o Monte nem quebrar as cadeias de aço grossas como troncos de palmeira, porque o ciúme dos deuses tinha desencadeado a sua cólera mais feroz...

Longo tempo o abutre negro voou sobre o rochedo...

E eu, na planície, impotente, assistia, cheio de pavor e de confusão àquele lento voo circular que se ia apertando e baixando cada vez mais...

Até que o abutre negro se precipitou e desapareceu da minha vista...

Então caí ao chão, e apertei a cabeça nos braços para não ouvir os gritos dela;

Mas ela não gritou, porque era mais valente que os abutres e todos os deuses...

Lisboa, Dezembro de 1949

# Cochat Osório\*

\* 1917









## Paisagem

No fundo  
além da fortaleza sonhadora,  
das acácias em flor,  
da cidade espalhada em colinas,  
da cascata de vidros nas encostas,  
do voo disparado daqueles patos  
e do calor da tua mão,  
no fundo,  
feito paisagem indiferente,  
o ruído do mar.

Monótono, constante, distraído  
marcando-me o compasso ao pensamento.

E o pôr-de-sol, as nuvens cor de fogo,  
a cinza abrasada, um dongo na baía,  
a fortaleza debruçada, além,  
como quem espreita para além do mar...  
Toda a beleza cálida me fere,  
só porque o mar,  
monótono, indiferente,  
repete aquelas frases, cáusticas, brutais,  
que eu trouxe no meu peito com vinte anos  
os versos de combate,  
o meu olhar altivo  
as horas de visão  
e os passos muito incertos e tão fortes  
que eu sentia no rumo do futuro.

Há uma sombra no céu  
e uma névoa nos meus olhos.



As janelas apagam-se em penumbra,  
o dongo atravessou a água mansa  
e a tua mão aquece a minha mão.

E a tua mão aquece a minha mão.  
Crispas os dedos, sentes esta angústia:  
a beleza completa-se com dor.

Ao fundo, o mar,  
o mar que nos embala e nos conforta,  
o mar...  
Ó meu amor, e diz,  
eu ouço, ele diz,  
que a alma não está gasta,  
a ânsia não está morta,  
se os olhos são capazes de chorar!

## Último Poema

Sair do temporal  
é ganhar tempo pra coser as velas  
é ganhar tempo pra fazer aguada  
e aparelhar.  
O meu destino certo e tão inquieto  
é o destino trémulo e concreto  
duma agulha de marear.

Ah, não esperem que eu não espere,  
nem acreditem que eu tema  
ou que eu possa naufragar...  
Numa vela renovada  
há insistência pra conter o vento,  
há arrogância pra conter o mundo,  
há energia pra domar o tempo  
e força pra singrar.

Sair do temporal  
é ter a nostalgia do combate  
que vai recomeçar.

Tomei o gosto às horas de calesa  
e sou irmão do mar.

## Oração

Senhor,  
dá-nos o prometido no princípio  
quanto os homens errantes no deserto  
receberam de ti a obrigação;  
dá-nos a terra fértil dos eleitos;  
a pátria para o povo de escolhidos  
que ainda não tem pão.  
É a hora,  
Senhor!  
É a hora da estrela refulgir  
guiando os passos do teu povo esparso  
nas trevas desta noite de ganância  
e dor  
e confusão.  
É a hora,  
Senhor!  
Dá-nos o prometido no princípio:  
a terra da promessa.

# Cordeiro da Matta\*

---

\* 1875 - 1894





## A Minha Sina

É sem norte a minha vida,  
e num mar revolto vivo;  
escravo de dura lida  
eu sou a tudo cativo;  
atrás do ignoto corro,  
e na luta eu sofro, eu morro.





# Negra!

## I

Negra! negra! como a noite  
duma horrível tempestade,  
mas, linda, mimosa e bela,  
como a mais gentil beldade!

Negra! negra! como a asa  
do corvo mais negro e escuro,  
mas, tendo nos claros olhos,  
o olhar mais límpido e puro!

Negra! negra! como o ébano,  
sedutora como Fedra,  
possuindo as celsas formas,  
em que a boa graça medra!

Negra! negra!... mas tão linda  
co'os seus dentes de marfim;  
que quando os lábios entreabre,  
não sei o que sinto em mim!...

## II

Se, negra, como te vejo,  
eu sinto nos seios d'alma  
arder-me forte desejo,  
desejo que nada acalma;

Se te roubou este clima  
do homem a cor primeva;  
branca que ao mundo viesses,  
serias das filhas d'Eva  
em beleza, ó negra, a prima!...

Mas, se a pródiga natura  
gerou-te em agro torrão;  
s'elevant-te ao sexo frágil  
temeu o rei da criação;  
é qu'és, ó negra criatura,  
a deusa da formosura!...

## Cambuta

(Ao Ill<sup>o</sup>. Sr. Joaquim José Bentes)

Não é bonita nem é linda,  
mas tem o encanto ideal,  
a graça atraente, infinda  
que enlouquece a um mortal.

Nada possui de galante,  
de divino ou sedutor;  
porém, um todo que encante,  
como o seu, não há melhor.

É *cambuta*, isto é, baixinha;  
não sendo horrenda, nem feia,  
e posto seja negrinha  
tem as formas duma hebreia.

Seus olhos claros, brilhantes  
derramam uns tais fulgores,  
que dois astros fulgurantes  
não lhe ganham em primores.

Quando airosa a vejo andar,  
o seu corpo pequenino -  
de plástica *singular* -  
tem um *quê* tão peregrino,

que a alma logo s'invade  
duma estranha sensação  
e lateja o coração  
de febril ansiedade...

A antiga estética Grécia  
que pelo *belo* morria,  
se visse este raro *specimen*  
uma estátua lh'esculpia!

1887

## Uma Quissama

(A Carlos d'Almeida)

Em manhã fria, nevada,  
nessas manhãs de *cacimbo*  
em que uma alma penada  
não se lembra d' ir ao limbo;  
eu vi formosa, correcta,  
não sendo europeia dama  
a mais sedutora preta  
das regiões da Quissama.

Mal quinze anos contava  
e no seu todo brilhava  
o ar mais doce e gentil!  
Tinha das mulheres lindas  
as graças belas, infindas,  
d' encantos, encantos mil!...

Nos lábios – posto que escuros –  
viam-se-lhe risos puros  
em borbotões assomar...  
Tinha nos olhos divinos  
reverberos cristalinos  
... e fulgores... de matar!...

Radiava-lhe na fronte  
– como em límpido horizonte  
radia mimosa luz –  
da virgem casta a candura  
que soi dar à formosura  
a graça que brota a flux!...

Embora *azeitados* panos,  
lhe cobrisse os lácteos pomos  
denunciavam os arcanos  
de dois torneados gomos...

Da cintura a palmo e meio,  
bem tecidinho, redondo,  
descia-lhe em doce enleio  
um envoltório de *hondo*<sup>1</sup>

Viam-se-lhe a descoberto –  
com arte bem modeladas –  
(e que eu mirava de perto)  
umas formas cinzeladas

.....  
Co'o seu andar majestoso,  
co'o seu todo gracioso,  
quando a *quissama* encarei;  
eu possuir um harém  
e n'ele ter umas cem  
- como um sultão – desejei!...

---

1 Hondo, fibra d' embondeiros de que os quissamas fazem vestuário (N.A)

## Kícôla!

Imitação d'uns versos de João E. da C. Toulson

Nesta pequena cidade,  
vi uma certa donzela  
que muito tinha de bela,  
de fada, huri e deidade –  
a quem disse: – «Minha q'rida,  
peço um beijo por favor,  
bem sabes, oh meu amor,  
q'eu por ti daria a vida!»

- *Nguami-âmi, ngana-lame*  
«não quero, caro senhor» –  
disse sem mudar de cor; –  
- *macûto, quangandallâmi.*  
«não creio no seu amor»...  
Eu querendo-a convencer,  
- *Muàmôno!?* – «querem ver!?!...»  
exclamou a minha flor.

-«O que t'assombra donzela  
n'esta minha confissão?...»  
tornei com muita paixão  
olhando sério p'ra ella –  
-«Não é dado» – continuei -  
«o que se sente dizer?!...»  
Sem ti não posso viver;  
Só contigo f'liz serei».  
- *Quiri quiqui amonequê*  
«ninguém a verdade fala»  
*ôso aquamacuto âla!*

«toda a gente falsa é!»  
*Eme, ngana, nguixicána,*  
«aceitar não sou capaz»  
*o mâca me ma macuto,*  
«a sua fala que engana!»

– Oh! q'rida não há motivo  
para descreres de todos;  
cada qual tem seus modos,  
eu a enganar não vivo»  
– «*Eie, ngana, úarimûca,*  
«o senhor é muito esperto»  
queria dizer, decerto;  
*uzuélla câla ûa cûca!...*

«Fala como homem d'idade!  
– Não sabes que o deus do amor  
é um grande inspirador,  
minha formosa beldade?!...»

.....  
Depois fallei-lhe ao ouvido  
e me respondeu: - *Kicôla!* –  
«não pode ser!... «Ai! que tola!  
por quem o foi proibido?!...»  
.....

Luanda, 1877





# David Mestre\*

---

\* 1948 - 1998



## Salário de Guerra

trazer a liberdade amadurecida nos dentes  
trazer nos dentes a alegria do verde  
a palavra força a estoirar na face  
trazer uma lança atravessada nos cabelos

ser sábio de guerra, sorver o cachimbo  
lentamente como um rio em seu falar  
trazer a chuva num riso pequeno  
amar a morte ferida  
na armadilha

trazer uma fogueira na garganta  
e beber o fogo com deleite, ser domador  
do tempo e recebê-lo com respeito na  
ponta da flecha  
rasgar a noite com um punhal de estrelas  
um dialecto vertical a pulsar na língua  
trazer o inimigo morto de frente  
a aprender nas crianças  
o salário da nova geração



## Fábrica

Operários falam, contam-se  
imensos  
na madraçaria  
fermento ao lume coado  
da tarde  
escorrerm  
iguais. À vida. De caras.

## Carreira da Caála

Na estrada de Robert Williams  
poisei os olhos  
sob os pés

Na estrada perdida de Robert Williams  
perdi os olhos  
perderam-se  
sob os pés

Perderam-se penderam  
sob os pés  
- pneus -  
na estrada de Robert Williams

Os olhos ficaram  
nas árvores nas ervas  
na morte  
na vida  
na estrada de Robert Williams  
na estrada de Robert Williams  
deixei os olhos na estrada.

## A Serpente

Eu sou o grito, eu sou Javite  
em tua árvore de Cabinda  
eu sou o caçador, eu sou o fusil  
mulher feita de bimba

Eu sou a floresta, o eterno  
da tua cor vermelha de tinta  
eu sou belo, o genial tocador  
da tua vulva sonora de puíta

Eu sou a esteira, o amante circunciso  
para a batalha mortal do amor  
eu sou o homem, a fogueira aberta  
o sacrifício que te marca o ventre

Eu sou a flecha, a zagaia quebrada  
Eu sou o macho estupendo e bravo  
Eu sou a serpente secreta e rápida  
O sol solto às praias de N'Zambi.



## Photomaton

De fruta  
o assovio  
e

o indício  
de asas  
no dorso

sobes de  
século não  
de bastardo







## Nada de Nada

Um arrepio  
em destroços

lambeu  
a eternidade

dos quintais  
pequenos das

casas baixas  
dos Coqueiros

à Fortaleza  
já se não

passa nada  
de nada



## Pegadas de Prata

Esquivas minhas  
sandálias pardas

cavo com elas  
pegadas de prata





## Obra Cega

Escrito a cal  
este reboco  
Obra Cega  
de merda  
seca e sal

Boa noite  
Anjo Azul  
olhar  
com menino  
por trás Só

a dor imita  
o cursivo oculto  
da adaga  
tinta  
de sonhos



## Luz de jade

Em diferido  
noura álgebra  
uma sombra  
alojou o coração

anfíbia filigrana  
d'água rosada  
ânfora ausente  
luz de jade

suspeita se



## Calçada dos Enforcados

Dos enforcados  
te chamam

calçada  
a pé descalço

na paliçada  
em surdina

como se  
presume

e por su  
posto

assim  
parece

# Deolinda Rodrigues\*

---

\* 1939 - 1967



## Quatro Mensagens de Vida

... de uma cela de morte

À Mamã

África  
Mamã África  
Geraste-me no teu ventre  
nasci sob o tufão colonial  
chucei teu leite de cor  
cresci  
atrofiada mas cresci  
juventude rápida  
como a estrela que corre  
quando morre o nganga.  
Hoje sou mulher  
não sei já se mulher se velhinha  
mas é a ti que venho  
África  
Mamã África.

Tu que me geraste  
não me mates  
não praguejes um rebento teu,  
senão  
não tens futuro.  
Não sejas matricida  
Sou Angola, a tua Angola.

Não te juntes ao opressor  
ao amigo do opressor  
nem a teu filho bastardo.



Eles caçoam de ti.  
Caíste na ratoeira  
enganada  
não distingues o verdadeiro do falso  
no teu cândido e secular vigor  
cegaste,  
e agora és tu  
África  
Mamã África  
que dás força ao irmão bastardo  
para asfixiar-me  
    azagaiar-me pelas costas.  
O opressor, o amigo do opressor  
o teu filho bastardo  
(também tu, Mamã África?)  
divertir-se-ão  
ao ouvir-me expirar.

Mas África  
Mamã África  
P'lo amor da coerência  
Inda quero crer em ti.

## A Consoada

– Às sete  
perto da rerete  
não faltar, uma a uma,  
já tenho tudo pronto  
p'ra pôr-vos noutra margem.  
É só saber correr  
que o piloto está aqui esperando.  
Se vos descobrem sou fuzilado.  
Que paga terei por este risco?

Já passa das sete.  
A cadeia ensina a iludir-se;  
enquanto não vem o sinal  
combinado  
antecipam-se os sonhos:  
amanhã é Natal  
Natal em liberdade.  
Puxa! Estar co' os camaradas  
respirar o ar da dignidade  
voltar a ser eu.  
O sinal!  
Vamos embora?  
– Ainda não... mais tarde,  
primeiro a paga  
serem minhas aqui no capim.  
Não querem?  
Estão armadas em espertas?  
Bem, venho buscar-vos à meia-noite  
.....



É o sinal? Não.  
É dia  
Uma noite de vigia  
e tudo em vão.  
É Natal  
Natal na prisão.



## Inquirindo

Carrasca de upistas  
espia de tugas  
prostituta  
mulher metida em política  
aqui estou etiquetada disso  
inquirindo o fim deste pesadelo  
inquirindo  
cada vez que soa o passo bruto,  
ronca o jeep militar,  
a corneta toca formatura geral.  
Colam-me o guarda à porta.  
    Será o pelotão do talho,  
    a minha vez, a dele  
    um camarada na margem direita  
    o capitão conga vem levar-nos  
    agora ou nunca?  
Aqui estou eu inquirindo  
sempre inquirindo.  
Na ilha do inferno não há túnel.  
Vietname acabou abuso *yankee*.  
Colômbia retomou caminho da dignidade.  
Outra mina rebentou em Pretória.  
Acima de tudo  
Kipanzu  
(com Cienfuegos, Kamy e o outro)  
avança.  
Consertando o estragado  
varrendo o colonialista  
edificando o lógico.  
Brazza transmitiu a marcha do Kamy?

Inquirindo  
inquirindo  
inquirindo p'ra manter  
a luta constante  
entre o suicídio à espreita  
e este louco redemoinho  
até a manhã chegar,  
p'ra mim sair viva do campo da morte  
e poder ser útil  
na liberdade de escolha  
da responsabilidade a tomar  
e liberdade de acção  
para realizá-la.

# Ernesto Lara Filho\*

---

\* 1932 - 1977



## Na Noite dos Cazumbis

As cubatas de Himane arderam ontem  
foi grande queimada que Calupete atiçou  
no capim velho.  
Amanhã nascerá das cinzas o capim novo  
com que apascentaremos o gado.

Himane reconstruirá o seu quimbo  
na encosta da montanha de Sámuei  
bem longe da estrada,  
perto das sombras grandes da floresta  
lá onde passam regatos tranquilos  
os passarinhos cantam  
e a madeira e os frutos silvestres abundam.

N'Dove canta debruçada sobre a lavra  
os seios pendem-lhe flácidos sobre a terra estrumada  
pelo seu suor.  
O filho chora junto da cabaça de milho.  
A terra está molhada das primeiras chuvas  
o milho está pronto para cair nas lavras  
que N'Dove preparou.

Este ano vai ser um ano de grande para o Povo N'Dumbe.

Na Vila  
o senhor Administrador já está cobrar os impostos,  
já mandou o cipaio Tembo avisar os sobas.  
Gunga foi no contrato  
foi para as fazendas de sisal da Ganda  
os filhos ficaram com a irmã mais velha  
os bois foram vendidos e a lavra abandonada



Amanhã

Himane recomeçará a construir as cubatas incendiadas

isto se não for para a cidade

ser servente de pedreiro

lá nessa cidade onde se constroem as casas de cimento armado

a tocar as nuvens do céu

lá nessa cidade de que falou o primo N'Zimbi

lá onde as luzes apagam escuridões

povoadas de cazumbis

lá onde as queimadas não aparecem

alterando os ciclos e as estações.

Roçadas, Maio de 1967

## Era nos Tempos dos Tamarindos

Era no tempo dos tamarindos

Meu Pai sempre acordava p'la manhã  
e ia cantando prò quintal  
enquanto fazia a barba  
debaixo do caramanchão  
da buganvília cor-de-violeta.

Era o tempo dos tamarindos.

Zenza Niala vinha entrando na cancela  
à cabeça a quinda carregadinha de fruta  
sempre cumprimentava minha mãe:

– “Sápere, Dona!”

Minha mãe respondia:

– “Olá”

Ela aganchava no chão  
destapava a quinda  
e por sob as folhas frescas de mamoeiro  
mostrava papaias e pitangas saborosas.

Às vezes trazia fruta-pinha e sápe-sápe.

Era sempre o mesmo diálogo.

Minha Mãe: “Chingamin?”

Zenza Niala do chão sorria  
mostrava os dentes de marfim

E respondia:

– “Meia-cinco, sinhóra!”



Era no tempo dos tamarindos.

E havia “bigodes” e “bicos de lacre”  
cantando nas acácias do quintal.

Depois Zenza Niala ia embora,  
as ancas baloiçando  
a quinda na cabeça.

Era no tempo dos tamarindos em flor.

1960



## Maracujá

Um dia  
o pé de maracujá  
que eu plantei no quintal  
cresceu e floriu.

Eu nunca tinha visto  
a flor do maracujá.

Juro por Deus que nunca vi  
coisa mais linda no mundo  
do que a flor violeta  
do pé de maracujá  
que eu plantei  
na cerca do meu quintal.

Um dia  
o maracujá  
que eu plantei no meu quintal  
cresceu  
e floriu...

1959

## Picada de Marimbondo

para o Pila  
– companheiro de infância

Junto da mandioqueira  
perto do muro de adobe  
vi surgir um marimbondo.

Vinha zunindo!  
cazuza!  
Vinha zunindo!  
cazuza!

Era uma tarde em Janeiro  
tinha flores nas acácias  
tinha abelhas nos jardins  
e vento nas casuarinas,  
quando vi o marimbondo  
vinha voando e zunindo  
vinha zunindo e voando!

Cazuza!  
Marimbondo  
mordeu tua filha no olho!

Cazuza!  
Marimbondo  
foi branco quem inventou...

1960

## Infância Perdida

para o Miau

Nesse tempo, Edelfride,  
com quatro macutas  
a gente comprava  
dois pacotes de ginguba  
na loja do Guimarães.

Nesse tempo, Edelfride,  
com meio angolar  
a gente comprava  
cinco mangas madurinhas  
no Mercado de Benguela.

Nesse tempo, Edelfride,  
montados em bicicletas  
a gente fugia da cidade  
e ia pràs pescarias  
ver as traineiras chegar  
ou então  
à horta do Lima Gordo  
no Cavaco  
comer amoras fresquinhas.

Nesse tempo Miau,  
(alcunha que mantiveste no futebol)  
nós fazíamos gazeta  
da escola coribeca  
e íamos os quatro  
jogar sueca  
debaixo da mandioqueira.

Era no tempo  
em que Saraiva Cambuta batia na mulher  
e a gente gostava de ver a negra levar porrada.

Era no tempo  
dos dongos da ponte  
dos barcos da bimba  
dos carrinhos de papelão.

Como tudo era bonito nesse tempo, Miau!

E havia tua Mãe, Dona Mafalda  
trabalhava nos Correios  
era prima do Saldanha Palhares  
aquele mulato grande jogador de futebol  
do Portugal  
e empregado do Banco.

Era no tempo do visgo  
que a gente punha na figueira brava  
para apanhar bicos-de-lacre e seripipis  
os passarinhos que bicavam as papaias do Ferreira Pires  
que tinha aquele quintalão grande e gostava de meninos.

Era nos tempos dos doces de ginguba com açúcar.

Mais tarde  
vieram os passeios nocturnos  
a Massangarala  
e ao Bairro Benfica  
E o Bairro Benfica ao luar  
o poeta Aires a cantar  
(meu amor da rua onze o seu colar de missangas...)  
Tudo era bonito nesse tempo  
até o Salão Azul dos Cubanos  
e a Lanterna Vermelha – o *dancing* do Quooche.

Foi então que a vida me levou para longe de ti:  
parti para ir estudar na Europa  
mas nunca mais lhe esqueci, Edelfride,  
meu companheiro mulato dos bancos de escola  
porque tu me ensinaste a fazer bola de meia  
cheia do chipipa de mafumeira.  
Tu me ensinaste a compreender e a amar  
os negros velhos do Bairro Benfica  
e as negras prostitutas da Massangarala  
(lembras-te da Esperança? Oh, como era bonita essa  
mulata...)

Tu me ensinaste onde havia a melhor quissângua  
de Benguela:  
era no Bairro por detrás do Caminho de Ferro  
quando a gente vai na Escola da Liga.  
Tu me ensinaste tudo quanto relembro agora  
Infância Perdida  
sonhos dos tempos de menino.

Tudo isso te devo  
companheiro dos bancos de escola  
isso  
e o aprender a subir  
aos tamarineiros  
a caçar bituítes com figa  
aprender a cantar num kombaritòkué  
o varrer das cinzas  
do velho Camalundo.  
Tudo isso perpassa  
me enche de sofrimento.

Diz a tua Mãe  
que o menino branco



um dia há-de voltar  
cheio de pobreza e de saudade  
cheio de sofrimento  
quase destruído pela Europa.

Ele há-de voltar  
para se sentar à tua mesa  
e voltar a comer contigo e com teus irmãos  
e meus irmãos  
aquela moambada de domingo  
com quiabos e gengibre  
aquela moambada que nunca mais esqueci  
nos longos domingos tristes e invernais da Europa  
ou então  
aquele calulu de Dona Ema.

Diz a tua Mãe, Edelfride,  
que ela ainda me há-de beijar como fazia  
quando eu era menino  
branco  
bem tratado  
quando fugia da casa de meus Pais  
para ir repartir a minha riqueza  
com a vossa pobreza.  
Diz tudo isso a toda a gente  
que ainda se lembra de mim.  
Diz-lhes, diz-lhes  
grita-lhes  
aos ouvidos  
ao vento que passa  
e sopra nas casuarinas da Praia Morena.  
Diz aos mulatos e brancos e negros  
que foram nossos companheiros de escola  
que te escrevo este poema

chorando de saudade  
as veias latejando  
o coração batendo  
de Esperança, de Esperança  
porque ela  
a Esperança  
(como dizia aquele nosso poeta  
que anda perdido nos longes da Europa)  
está na Esperança, Amigo.

Edelfride, você não chore  
saudades do Castimbala  
nem lhe escreva  
cartas como essa  
que são de partir  
meu pobre coração.

Nesse tempo, Edelfride,  
Infância Perdida  
era no tempo dos tamarineiros em flor...

1960

## A Casa da Velha

*para o anibal melo, o pires ferreira  
e o zuzarte  
companheiros de malange*

A casa da velha Rosa  
fica à entrada do bairro  
mesmo ao fundo da rua.

No barro da estrada  
há sempre uma criança  
negra  
que brinca  
nua.

Em volta do cercado  
que serve de quintal  
junto com o muro de adobe  
há mandioca e feijão  
plantados  
sem defesas contra a erosão.

A casa da velha Rosa  
fica ao fundo da rua.

Tem uma sobrinha  
a velha  
chamada a «Palanca Negra».



É bela  
a sobrinha da velha

É triste  
a casa da velha.

Distante da civilização  
fica à entrada do bairro  
ali ao fundo da rua.

...e há sempre uma criança  
negra  
que brinca na lama da estrada  
nua...

1959



## Regresso

*para Alda*

Um dia  
quando voltares,  
não mais encontrarás à tua espera  
a nossa casinha de adobe  
da rua principal.

Quando voltares  
da Europa, irmã,  
hás-de ver ainda  
como a cidade mudou...

(Lembras-te das promessas  
que fizemos?)

Quando voltares  
não mais encontrarás poesia  
no quintalão do Zé Guerra  
agora transformado  
atravessado  
assassinado  
por uma avenida transversal.

Quando voltares  
só terás  
como deixaste  
o Mercado Municipal.

— | |  
—  
Não mais o Candeeiro  
nem a velha lavadeira.  
O Frederico  
esse agora é pintor  
do Morais Pontes.

Nem as Acácias Rubras  
hão-de florir  
para ti  
quando voltares.

«Lembras-te da palmeira  
do quintal?  
Foi abaixo com duas machadadas  
no tronco...»

Um dia,  
quando voltares,  
não mais encontrarás  
a Benguela que conhecestes  
menina ainda  
e que aprendeste a amar.

O velho João Correia?  
Já morreu....

Quando voltares, afinal,  
não mais encontrarás à tua espera  
a nossa casinha de adobe  
da rua principal.

1959



## Sua Carta, Minha Mãe

*para Dona Adelina*

Minha Mãe  
vim ler sua carta  
aqui prà beira do rio.

Depois  
enquanto lia  
e relia  
as lágrimas foram caindo  
uma a uma  
como gotas de cacimbo...

1960



## A Erosão

A erosão não é  
tão rara como parece;  
na mais suave das encostas  
a erosão acontece.

A erosão não é  
tão rara como parece;  
em todas as linhas de água  
a erosão acontece.

1961







# Geraldo Bessa Victor\*

---

\* 1917 - 1985



## Desabafo

Era uma vez um pobre coração.  
– E tinha amado, com o amor jucundo,  
alguém que o despenhou, depois, ao fundo  
abismo de fatal desilusão. –

Era uma vez um pobre coração.  
– Por fim, sofrendo a malvadez do mundo,  
errava como o cego vagabundo,  
que não tem quem o leve pela mão. –

Um dia, achei-o. Todo contrafeito,  
desabafou-me seu viver mesquinho,  
– qual filho (outrora à perdição afeito)

rogando ao pai um gesto de carinho.  
– E, desde logo, vive no meu peito,  
humildemente, a soluçar baixinho...

## Porquê?...

O mistério do amor! – Eu só queria  
saber por que razão o amor – que apresa  
a vida toda a toda natureza – ,  
de vez em vez, de ser em ser varia.

Berço do riso e berço da tristeza;  
fonte do pranto e fonte da alegria;  
ora suspiro amargo e prece fria;  
ora feliz canção e viva reza.

Aqui é glória mas além é cruz.  
– Desde que o mundo é mundo é sempre assim:  
desde que existe tudo quanto existe:

desde que o mesmo Deus fez treva e luz,  
e a luz, formando o alegre sol, enfim,  
ela formou também a lua triste.

## «Amor Perfeito»

Fui ontem visitar o teu jardim,  
tão lindo, tão risonho.  
E nele decorri horas sem fim,  
como em perdido sonho.

E pus-me a passear, olhando os céus,  
como quem cisma, como quem adeja  
nessas paragens onde mora Deus,  
e donde um brando aflato nos bafeja.

Depois, olhei, fitei – quase com medo –  
de teu vergel os mimos, os primores.  
E, como quem revela algum segredo,  
abri o coração às tuas flores.

E perguntei, então, a cada qual:  
– «Acaso, na verdade, sou benquisto  
da vossa divinal  
estrela ou fada, por quem eu existo?»

Mas os cravos, as túlipas, as rosas,  
os lírios, as magnólias, as violetas,  
e tantas outras flores primorosas,  
– eram mudas, secretas...

## Alma Negra

Diz-se que o homem negro não tem alma,  
ou antes que tem alma tão bisonha,  
tão grosseira, tão vil... – Há quem suponha  
que o negro só se exalta, e não se acalma:

que só conhece o vício, e não a palma,  
a crença bruta, e não a fé risonha;  
em suma, que não ama, que não sonha,  
com paz divina, com divina calma.

Há quem apenas veja, meramente,  
que a África é o sol do meio-dia,  
– terra queimada pelo sol ardente.

Há quem não saiba ver ou avaliar  
toda a celeste e lírica poesia  
duma noite africana de luar...

## Nova Canção da Vida

O meu ideal, a minha felicidade,  
é ter uma cubata, mesmo ali  
dentro do mato, longe da cidade,  
mas sempre, meu amor, ao pé de ti.

O culto da cidade em desprezo do mato!  
Eu não conheço nenhum mal maior.  
O meu ideal é este, e nele me retrato:  
– o mato, uma cabana, o nosso amor...

Ter um jardim cercando o nosso lar  
(é lar uma cubata se Deus quer  
que nela, sempre, o homem e a mulher,  
em sonho e obra, sejam par e par);

ter lavras de feijão e de batatas,  
de milho, de ginguba e de mandioca,  
para nós dois e para quanta boca  
de fome houvesse ali pelas libatas;

gozar o bucolismo das paisagens  
(aqui, uma palmeira; além, uma *mulemba*...);  
e admirar a loucura infantil dos selvagens  
no prazer da *rebita* e da *massemba*;

ter mesmo ao pé da casa uma mangueira,  
que desse sombra e fruto ao cansado viajor;  
de dia, trabalhar em lida meeira;  
à noite, adormecer na benção do Senhor...

– Vamos viver assim a vida inteira,  
vamos viver assim, ó meu amor!



## Lemba

Ainda a noite reina pelas lavras  
e estende o seu manto  
mais para além das lavras...

Ainda não rompeu a aurora – e, no entanto,  
sem queixumes nem palavras,  
já tu deixas o teu *químbo*,  
a tua pequena herdade,  
e vens para a cidade,  
para fazer negócio, com afã...

Cai uma chuva miúda de cacimbo,  
pranto furtivo da noite  
chorando pela manhã...

E deixas o teu *muceque*.

Teus panos cobrem teu corpo,  
teu corpo cobre tua alma,  
para que a alma não peque,  
para que o corpo não peque.

E segues serena e calma.

E vences distâncias, caminhos enormes,  
que parecem não ter fim.

E passas pelo capim,  
o tapete aonde pisas  
e, muita vez, esteira aonde dormes.

Passas pelas piteiras  
cujos picos não te picam.  
E por ti passam velhas feiticeiras  
que te não fazem mal.  
É pelo caminho há cacos  
mas nenhum te fere os pés.  
Passam por ti, enquanto o vento zumbe,  
os lobos e os macacos,  
as hienas e os chimpanzés,  
o *kanzumbi* e o *quifumbe*...

Mas segues, caminho em frente,  
e não tens medo de nada.  
Segues impunemente,  
Como deusa, como santa, como fada,  
através da madrugada,  
através do arrebol.

E quando chegas à cidade é dia,  
há muito tempo despontou o sol.

E vais à praça e passas pelas ruas.

E quando estás nas ruas,  
e quando estás na praça,  
há quem se meta contigo,  
dizendo frases ríspidas e cruas,  
duma chalaça sem graça,  
ofendendo a tua cor,  
ultrajando a tua raça,  
só porque tu tens horror  
a essa baixa miséria  
dum venal *alembamento*...  
Só porque tens amor e sentimento  
e és simplesmente séria...

E tens um ar ao mesmo tempo altivo e brando  
quando dizes: – Não me vendo!

E vais fazendo sempre o teu negócio,  
mais e mais, ainda e ainda;  
e vais vendendo e comprando,  
e vais comprando e vendendo,  
negócio, muito negócio,  
sem intervalos nem ócio,  
até quando o dia finda.

Quitandeira pobre e honrada, honrada e linda!

E quando o dia finda, e o sol já morre exausto  
no poente,  
ajuntas sem alardes e sem fausto  
o teu dinheiro ganho honradamente.

E quando o sol já morreu,  
e a noite estende pouco a pouco o negro véu,  
deixas a cidade,  
regressas à tua herdade,  
à tua *chota*,  
uma cabana pobrezinha, ignota,  
perdida além das lavras no *muceque*...

Teus panos cobrem teu corpo,  
teu corpo cobre tua alma,  
para que a alma não peque,  
para que o corpo não peque.

E segues serena e calma.

E vences distâncias, caminhos enormes,



que parecem não ter fim.  
E passas pelo capim,  
o tapete aonde pisas  
e, muita vez, esteira aonde dormes.  
Passas pelas piteiras  
cujos picos não te picam.  
E por ti passam velhas feiticeiras  
que te não fazem mal.

E pelo caminho há cacos  
mas nenhum te fere os pés.  
Passam por ti, enquanto o vento zumbe,  
os lobos e os macacos,  
as hienas e os chimpanzés,  
o *kanzumbi* e o *quifumbe*...

Mas segues, caminho em frente,  
e não tens medo de nada.  
Segues impunemente,  
como deusa, como santa, como fada,  
pela noite cerrada...  
Fatigada,  
quando chegas ao arimo, à tua casa,  
vencendo a distância enorme,  
já na sanzala toda a gente dorme,  
a noite já vai alta.

O vento brandamente abana a asa...

Uma chuva miudinha molha e esmalta  
as lavras, as areias e o capim,  
quando tu chegas enfim,  
quando a noite já vai alta...



Mal dormes, mal te deitas, na verdade,  
a essa hora  
em que chegas à herdade.

Pois, quando quase vai romper a aurora,  
sem queixumes nem palavras  
partes do teu *muceque*, do teu *quimbo*,  
e deixas as tuas lavras,  
para fazer negócio na cidade.

... Cai uma chuva miúda de cacimbo...

## Consciência



Eu chamo-te: minha negra!  
E tu me chamas: meu negro!

E a tua alma se alegra,  
e eu me alegro  
também...

Pois neste modo de fala  
não há censura ou desdém,  
nem há tolo preconceito:  
há somente a consciência  
que gera dentro do peito  
este milagre de amor,  
que é para nós todo o bem,  
– a consciência da raça,  
criando o prazer na dor  
e a ventura na desgraça!

Eu digo:  
minha negra, vem comigo!  
Tu dizes:  
ó meu negro, vem comigo!  
E somos assim felizes...

E os brancos, quando nos ouvem  
nesta maneira de fala,  
os brancos, quando nos vêem  
sempre juntos, sempre sós,  
sentem inveja de nós;  
porque outros negros não têm  
o sonho que nos prende e nos embala



no caminho da verdade,  
– esta nossa consciência,  
que sendo orgulhosa é bondade,  
sendo força é inocência.

Não gostam nada de nós;  
sentem um ódio profundo...

Entretanto, sempre juntos, sempre sós,  
invejados pelo mundo,  
não invejando ninguém,  
nós vamos vivendo a vida,  
por entre a graça e a desgraça  
– sempre ventura querida –  
deste nosso eterno amor,  
que é consciência da cor,  
e é consciência da raça,  
e que por isso todo o nosso bem!

## Hino ao Batuque

A raça negra ainda não morreu!  
Saibam-no a Terra e o Mar, o Inferno e o Céu.

Ribombem as marimbas, os *chingufos*,  
Vibrem *quissanges* e tilintem guizos...  
A nossa Dor tem de gritar, gritar,  
num misto de prazer e de pesar,  
a Dor tem de romper em pranto e em risos,  
– eco dos ecos eternal, profundo, –  
até que venha o fim do fim do mundo...

Bailemos e cantemos, com amor,  
ardentemente,  
para vencer a cobardia vã,  
para vencer a nossa própria Dor,  
- espectro duma noite negra, ingente,  
que não encontra a aurora da manhã!...

E o vento há-de ecoar este batuque,  
o vento há-de ecoar o nosso canto,  
para que o mundo aprenda a batucar,  
aprenda que através da dor, do pranto,  
e muitas vezes através da morte,  
nós buscamos a vida, a vida forte,  
mais para além do instinto de gozar!

Para que o mundo sinta, nos bailados,  
nas cantigas, nos sons dos instrumentos,  
não só o encantamento tropical,  
mas a expressão profunda, o sonho, o ideal





duma raça que os homens como os fados  
cobriram de martírios e tormentos...

Criemos na desgraça a própria graça!

Seja o som do batuque o nosso grito,  
o grito da nossa raça,  
que o vento há-de levar ao Infinito  
– mais para além de tudo o que é e que há-de ser...

Saibam a Terra e o Mar, o Inferno e o Céu  
que a raça negra ainda não morreu...  
e nunca há-de morrer!

## Poema da Ansiedade

Como eu quisera dominar, vencer,  
para sempre extinguir o espírito covarde  
que espreita cada ser...

como eu quisera, quase loucamente,  
nesta dramática tarde,  
acompanhar o sol para além do poente,  
no seu percurso encantado  
que misteriosamente me seduz,  
e renascer assim amanhã, de manhã,  
depois de ter desvendado  
sob o mistério da luz  
todo o mistério da noite  
que põe na minha vida uma noite sem fim!

Cavaleiro do Ideal, quisera ser soldado  
brandinho a lança, o açoite,  
e afugentar assim, para longe de mim,  
o Velho do Restelo e Sancho Pança!

Quisera possuir a fé ardente, a esperança  
imensa, que destrói o pesadelo  
e que de anelo em anelo  
nos diz a cada momento:  
– Mas ainda! Ainda mais! –  
Ouvir os ventos todos num só vento  
soprando os quatro pontos cardeais.  
Encontrar uma boca onde os ardentes beijos  
da minha boca achassem esse beijo  
que me desse o desejo  
de todos os meus desejos...

Enfim, como eu quisera  
– num ímpeto genial da minha inquietação –  
destruir de uma vez essa barreira  
que separa a verdade da quimera...  
Ser um outro Fernão de Magalhães e, então,  
dar a volta, a volta inteira,  
ao mundo da minha vida  
– vida no mundo perdida –  
para ver se esse mundo é feio ou lindo...  
Ou ser, ainda melhor,  
novo Vasco da Gama, descobrindo,  
no mar imenso e fundo do meu mundo,  
– secreto mar interior  
onde os sonhos naufragam mais e mais, –  
o caminho espiritual  
para o supremo Ideal dos meus ideais!

## Poema Limitado e Efêmero

Falam-me da eternidade  
e falam-me do infinito  
como coisas que o homem não atinge!  
E eu só lhes sei dizer que este meu grito,  
– este grito de sonho e de verdade,  
que não mente, não finge,  
e mesmo dentro em mim vai para além de mim, –  
nunca teve princípio e nunca terá fim...  
Transmite-se afinal às almas todas  
errantes sobre a Terra.  
É uma mensagem sem meta.

Quem sabe lá o que encerra  
uma alma de poeta  
no seu mundo!  
Quem conhece a secreta força da Poesia  
que dessa alma irradia  
nas horas do mistério mais profundo  
de dor ou alegria!

Falam de eternidade e de infinito  
– ora como se fosse a verdade superna,  
ora como se fosse o mais completo mito.  
Falam de eternidade e falam de infinito...  
Então é que o meu grito de poeta  
se estende para além da Terra, Mar e Céu...  
– A minha alma é que é eterna.  
E o infinito sou eu!

## África

África, terra de variadas terras,  
de mares largos e de céu aberto:  
amo-te no meu sonho, longe e perto  
das trevas e da luz em que te encerras.

Eu amo o teu espírito encoberto  
e as tuas lendas de remotas guerras,  
o vento reboando pelas serras  
e a sede das areias do deserto.

Amo o teu corpo estranho, exuberante,  
mais a tua alma de paixão gritante,  
– África da esperança e da saudade.

És a mulher ideal em toda a vida,  
que, já depois de amada e possuída,  
não perde o encanto nem a virgindade!

# Henrique Abranches\*

---

\* 1932 - 2004



## SOBRE A COLINA DE CALOMBOLOCA

Eram contratados, eram homens mortos  
duas horas antes da morte os matar,  
sobre a colina de Calomboloca



Subiam a ladeira devagar,  
passo atrás de passo,  
sem sonhos nem vontades.  
Com eles apenas a obstinação do silêncio.  
E nós a contemplar  
e nós a ver passar  
os sete mortos, sem expressão na face,  
naquela tarde rubra, tarde fria,  
sobre a colina de Calomboloca

Não sei como contar-te irmão, aquela tarde  
e a nossa paixão de contemplar  
os jovens que trepavam a ladeira.  
Não sei o que dizer-te irmão, daquelas faces  
olhando para o tempo sem pensar  
sem descanso, nem dor, nem conteúdo,  
obstinando em silenciar...

E nós a ver  
fazendo tudo para não olhar.  
E nós a reparar que eram homens mortos  
duas horas antes da morte os matar  
sobre a colina de Calomboloca.

Uniram-se em forma de sete irmãos  
e deram-se as mãos,





e gastaram a vida até ao fim  
a silenciar..  
E de mãos dadas caíram na terra  
sobre a colina de Calomboloca.

Nasceram flores de pétalas vermelhas  
entre as raízes da grande mafumeira.  
Agora pesa um silêncio grosso  
como o silêncio de coágulos de sangue  
sobre a colina de Calomboloca...

Apenas o lesto animal das moitas  
trauteia uma canção inesquecível  
e a brisa roladora de mistérios  
murmura um queixume mais profundo  
sobre a colina de Calomboloca...

Luanda, Fevereiro de 1961  
Sobre a Colina de Calomboloca



## Ode Solitária

Misturam-se as ideias num concerto atonal,  
esvoaçam palavras com a brisa que vem da chana.  
Palavras de mensagem que perderam o Norte  
como grãos de uma areia leviana  
varrendo a paisagem matinal  
dum Namibe que cheira ainda a morte.

A solidão do poeta  
na sua casa assombrada,  
tem a dimensão abissal  
dum Kombaditókua no deserto.  
Murmúrio de uma vida asceta  
com factos cheios de nada,  
regressos e batalhas adiadas,  
vitórias apenas vislumbradas,  
ladainhas de aprendiz de profeta  
com uma voz de modelar incerto!  
Na casa assombrada do poeta  
a maravilhosa criança morreu no feto.

Lá fora ribomba o temporal.  
Trovões, aguaceiros, vento em rabanadas  
que ameaçam cada vez mais perto  
empapando os caminhos da História!  
Tempo imoral de fantasmas de gesta  
que correm do passado para o futuro.

E a solidão do poeta no ermo da sua casa,  
no beiral da tempestade em festa,  
entre quatro paredes que não têm tecto,



sobrevive como a estátua equestre  
duma velha fraternidade  
desprovida de objecto.  
Nem mesmo a multidão que manifesta  
os formidáveis ideais que já perdeu,  
que recita as palavras de ordem  
de uma ordem senil e diluída  
como a prece do moribundo ateu  
que pergunta por deus no fim da vida,  
vence o medo e ultrapassa a musa  
que pouco a pouco se entranhou de desgraça.

A solidão verdadeira do poeta,  
no abraço da multidão confusa  
e a solidão de toda a massa  
de um povo heróico que perdeu a meta.

## O Pensador

ao artista desconhecido, autor da  
mais conhecida escultura angolana

Ela está sentada,  
a Mãe-Pensador.  
Está cuidadosamente sentada  
entre a vida e a morte,  
para lá de toda a gente.  
Ela está sentada,  
a Mãe-Genitor,  
sobre o seu andor.  
Mas não como a Senhora dos ausentes.  
Nem como a virgem dos doentes,  
Nem como a Nossa Senhora das Dores.  
Ela não tem nada  
a Mãe-Pensador.  
Não tem morte  
nem vida  
nem Sul  
nem Norte  
nem cima  
nem baixo,  
nem cor...  
nem dó.

A Mãe-Pensador é nós,  
na nossa mente.  
Ela é a nossa longa consciência.  
Ela não tem senão um velho pó

como palavras justas em roda duma oval.  
Ela não tem senão a força  
e toda a ciência  
da sua oval talhada  
num pedaço de ideia universal.

Sem contrair nenhum nervo,  
sem pronunciar uma palavra  
sem alargar o nó do seu dorso  
ela é cereal na nossa lavra,  
ela é uma luz no nosso acervo.  
Ela é nós, sem qualquer esforço.

Mãe-Pensador serena e nua  
entre a morte eterna  
e a vida imortal  
tiradas um pouco a toda a gente  
como um tributo à flor habitual  
que fica entre o Sol e a Lua  
eternamente.. .

Ela está toda enrodilhada  
em volta do seu nó  
dentro do qual desfila em parada  
toda a nossa miséria militante,  
como num outro gueto, onde vive um povo  
sem Galileia nem Jericó  
entre a paz e a guerra  
entre Cassinga e Soweto,  
nervoso e hesitante,  
mas não só.

Ela está sentada num tronco de pau-preto  
num taco de pau-terra

com profundas raízes na nossa mente.  
E é como o fluxo sincrético  
que vem pelo tempo fora  
repensando o Povo  
ao longo dum milénio,  
mestiçando de novo  
a consciência de agora,  
irreduzivelmente.

Ela está sentada no seu génio hierárquico  
sentada no seu modo diacrónico,  
a porta do seu túmulo transparente.  
Ela geme imperceptivelmente  
o seu gemido rouco e desarmónico  
que soa em nós por dentro e por fora  
num cântico diatónico.

Ela não tem sombra  
a Mãe-Pensador.  
Ela não tem bafo  
nem sangue nem suor.  
Ela é a sombra  
ela é o bafo  
ela é o amor...

A Mãe-Pensador não está de pé.  
Cotovelos assentando nos joelhos  
olhos cerrados em grão de café,  
está sentada meticulosamente  
escutando tudo  
olhando toda a gente,  
básica e serena como ela é,  
vendo tudo detalhadamente.

Mãe-Pensador  
mudamente ambígua...  
Tua cabeça pensa adormecida  
o Ser e Não Ser da nossa vida,  
e murmura num gemido ritual  
o som de tão perigosa vizinhança,  
dessa misteriosa condição contígua  
da derrota que precede a vitória da esperança.  
E o som gemido, rouco e atonal  
como a fórmula básica dum singular perito,  
sonoriza a rigorosa oval  
onde se debate o nó do conflito  
que germina uma formosa ideia.  
E as equações da Morte e da Vida  
vão do princípio ao fim do infinito  
abraçadas entre as trevas e a luz  
tecendo a nossa teia.

O teu cérebro antiquíssimo regista  
essa unidade vagarosa, imemorial  
que se cria pela História a perder de vista  
e nela serpenteia.

A voz murmurada do cântico espontâneo  
que exala da terra e se reproduz  
pelas chanas arrasadas do Mussende  
como prece pagã que repercute  
no céu da catedral dum velho crâneo,  
ressoa ainda uma cantata em ut,  
rodopia ainda uma dança em redondo,  
que foram missa negra em ditirambo  
na belicosa véspera de Kalendende,  
Na aurora sangrenta de Angoleme Akitambo  
no raiar da vitória do Kifangondo.

Ela olha e vê  
do seu toco de pau-tempo  
a marcha saturnal de tanta gente  
corrompendo a esperança,  
activando os medos,  
gargalhando as suas risadas soturnas  
palavreando os seus discursos loucos.

Os olhos apagados como estrelas diurnas,  
ela olha e vê pelos seus longos dedos,  
ela olha e vê paulatinamente  
toda aquela gente  
a morrer aos poucos.

Com seu sorriso de estrela reservada  
a Mãe-Pensador olha e vê,  
os nomes que sobraram na história da coragem,  
que não morrem aos poucos, nem tão pouco  
doutra maneira mais sofisticada.

Ela olha e vê do cimo do seu toco  
seus antigos companheiros de viagem:  
o Príncipe Ilunga – que recusou a guerra –  
e a formosíssima Princesa Lweji,  
amarem-se na paz e no calor da terra  
de uma outra Chana de Lwameji  
onde as begónias se cruzam com os fetos  
mestiçando a flora.

Ela olha e vê  
pelo tempo fora,  
o cortejo de filhos e de netos  
dos filhos dos netos dos bisnetos,





habitarem cada campo e cada canto  
desta Pátria que foi mundo novo.

E a Mãe-Pensador  
como quem cisma,  
sorri então todo o seu espanto  
e goza de olhos postos em si mesma  
a formidável linhagem do seu Povo.





## Branca Bola de Enguiço

Numa branca bola de papel  
sem princípio nem fim,  
rolando pela calçada da glória  
ora de baixo para cima  
ora de cima para baixo  
como bola de arlequim,  
alguém escreveu minha história  
que vai do princípio ao fim  
em recortes de jornais.

Borraram a bola toda,  
a branca bola de lírio...  
Borrões de tinta nanquim  
manchas informes, sem graça,  
gesticulando em delírio!  
Borraram a bola toda  
tapando pedaços da história  
em recortes desiguais  
que falavam bem de mim  
– que falavam bem demais.  
E a bola rola perdida  
redonda como a cabaça  
que fermenta a minha vida.

Roda pela estrada longa  
que nem sequer vai à tonga,  
que desemboca na praça  
política púdica e pública  
sobre um arco de triunfo  
com brilhantes de Cafunfo  
que passaram na Kandonga!



E a branca bola de tinta  
com manchas de tinta carmim,  
rola cada vez mais lenta  
do princípio para o fim,  
toda borrada e sebenta  
– mas com graça, mesmo assim,  
como um palhaço teimoso  
girando na praça cheia  
dum público cheio de gozo!

Até que um tipo mais drástico  
venha quebrar o feitiço,  
e pondo-lhe o dedo na ferida  
faça rebentar o plástico  
da branca bola do enguiço  
entre o princípio e o fim  
que foi toda a minha vida!

## Nzambi Yange

Datam ainda na memória da esperança  
as asas senhoris do pássaro fecundo  
que sobrevoou meu sonho de criança,  
antes que o sonho, gasto pelo mundo,  
fosse ganhando uma imagem frouxa.

Pássaro negro de pesada sombra  
sentado num chapéu dum deus imundo,  
pousado na cabeça dum boi mocho.  
Pássaro negro criador da penumbra  
que desde a minha infância me conduz  
o meu braço de ferro e o meu andar de coxo!  
Mancha inquieta que escamoteia a luz  
do caminho obstinado desta esperança  
com que o meu sonho em geral se veste.

Oh! quantas saudades dispersas pelo Mundo,  
duma outra Angola até à velha França!  
de terra em terra como um longo teste!

Companheiro do meu tempo de criança  
de antes do pássaro da fecundidade  
de quando eu era menino e tu precoce,  
de quando eu chorava desgostos absurdos  
e o que tu sofrias me parecia doce.  
Onde parou essa conversa de surdos  
com que iniciamos a nossa amizade?

Companheiro das minhas epopeias,  
Ulisses desta barca assombrada,  
em que tu e eu, sem temores nem peias,

navegamos do exílio à luta armada.  
Onde se afundou a barca carregada  
do que havia de comum nas nossas ideias?

Olha para mim! Não me reconheces?  
Eu sou aquele a quem tu ensinaste  
que uma Angola nova não se faz com preces!  
Eu sou aquele de quem tu aprendeste,  
que a miséria do Povo é um estandarte  
desfraldado na varanda do Mundo!  
Eu sou aquele que não quer abandonar-te,  
buda solitário de olhar frouxo,  
sob as asas do pássaro fecundo,  
pousado na cabeça do boi mocho...

## Balada da Flor de Espuma

Descalça vai pro mercado  
Don' Ana pelas barrocas  
vai formosa e vai segura...

Com quatro notas de cem,  
em alegre sinecura  
leva na boca o refrém  
duna canção de ternura.  
Vai formosa, e tão segura  
Don' Ana pelas barrocas...

Don' Ana foi ao mercado,  
foi ao mercado do Prenda  
com quatro notas de cem  
e com uma fome tremenda!  
Com seu passinho estugado,  
descalça pelas barrocas,  
foi de quitanda em quitanda  
Don' Ana pelo mercado,  
depressa, como quem anda  
a cogitar no almoço.  
Pelo mercado do Prenda,  
foi num alegre alvoroço  
com quatro notas de cem  
florindo-lhe a mão pequena.

Mas de quitanda em quitanda.  
saltando daqui para além  
– com que surpresa, coitada!  
com quatro notas de cem  
Don' Ana não comprou nada!

Cada vez mais lentamente,  
foi de quitanda em quitanda  
olhando p'ra toda a gente.  
E as quatro notas de cem,  
quatro pétalas de espuma  
como uma coisa indecente,  
como flor de frustração,  
foram murchando uma a uma...

Descalça pelas barrocas,  
Don' Ana voltou p'ra casa  
devagar, como quem chora.  
E as quatro notas de cem  
que Don' Ana deitou fora  
com o desgosto de as ter,  
cantam ainda o refrém  
numa vozinha cansada:  
“mal-me-quer  
bem-me-quer,  
muito-pouco,  
ou nada...”

## Tema de Escola

Deram-me um tema na escola:  
«a cultura popular e a marcha pro socialismo».  
Fiz o tema,  
apanhei vinte.  
E quando as mãos me sangravam  
à vigésima pancada  
olhei à minha volta e vi  
que afinal eu não marchava  
pelo caminho da marcha!

E lá vai marchando a marcha,  
cantando pro socialismo  
conforme informa o meu tema:  
umbigando. Rebitando.  
Chocalhando e batucando,  
apitando e buzinando  
concertando e marimbando,  
rabujando e palavrando,  
tropeçando e avançando  
numa volta arrebicada  
conforme informa o meu tema  
que eu tanto temo que tenha  
a traça do carnaval!

As minhas mãos me sangrando  
como sangraram as tuas  
como sangraram as vossas,  
são precalços na calçada,  
são indícios no caminho  
que caminha em sobressaltos



pingo a pingo, tema a tema  
«a cultura popular  
em marcha pro socialismo»  
febril e impertinente  
com a estranha convalescença  
de quem nunca esteve doente.

Lá vem ela! Passo a passo!  
Com seus milhões de pegadas  
rasgando a areia serena  
onde o poeta pintara  
com rubras tintas de morte  
a sua esperança imortal.  
No ponto de não retorno  
a esperança espera por nós!

Vinde alegres companheiros,  
com cantigas proletárias  
na boca dos pioneiros  
e cantos revolucionários  
no nervo dos batuqueiros!

Com nossas mãos a sangrar  
faremos um novo tema  
de cultura popular  
em marcha pro socialismo  
com a história verdadeira  
da marcha do povo inteiro  
cantando mas reflectindo  
pro ponto de não retorno!

## CANÇÃO DE NDON KISHOTE

Fruste silhueta  
gáudio da canalha  
provocando o riso, o choro e a troça  
o soldado veterano trazido pela guerra  
é fardo de palha  
que a brisa desconjunta  
regressando a casa no fundo da carroça.

Velho monumento que nada mais encerra,  
como aquela puta que já não presta,  
que foi Marabunta,  
que foi cagalhoça.  
Fruste silhueta  
gáudio da canalha.  
O que te resta ainda  
da tua gesta?

Memória d'arquivo  
que nem sequer comporta  
o eco evasivo que sonoriza a Glória!  
Silêncio na Memória.  
Silêncio imperativo.

Mito que se conta em Língua morta,  
feito que desfeito perde a História.

Memória duma insólita frescura  
nos nossos afagos e carícias  
que ondularam a superfície dos lagos  
e agitaram as folhas das Welwitchias.

Memória d'aventura que desperta  
abrindo a porta dos sonhos fugazes,  
nas vozes agudas,  
nas palavras estranhas  
nos gestos largos e sagazes  
retumbando na crista das montanhas  
Avante! Avante! Que a vitória é certa!  
que davam coragem aos nossos rapazes  
atrapalhando os budas!...  
Mas deixando sempre a porta aberta...

Memória duma fruste silhueta  
a cavalo numa nuvem temporária  
à procura da meta  
pelo tempo fora, pela extensa área  
do sonho rubro da nossa vida,  
claudicando no campo de batalha  
na sua montada feita de esperança,  
um poema na boca, na mão a longa lança,  
e em toda ela um suspiro de ternura.

Não é o Cavaleiro da Triste Figura  
duma velha história, que não tem saída.

A fruste silhueta, gáudio da canalha,  
é o herdeiro duma sagrada-esperança  
noutra aventura  
mal digerida...

1983

## História de Uma ideia Franzina

Na aurora de uma ideia que parte para a guerra  
grisalha ainda o engano duma esperança fútil.  
Frágil segurança  
como a prece inútil, que foi rezada em Fátima.

E cresce o desengano  
como um novo anátema,  
guinada dolorosa  
de um velho quisto.  
Apenas um curto momento  
de piedade de nós mesmo.  
Apenas um momento a esmo,  
chorando tudo isto...

E a bandeira a duas cores que flutua orgulho  
caída na armadilha do tempo inexorável  
desbota lentamente  
enche-se de humores,  
de pus e de aguadilha,  
do veneno delicioso do tortulho,  
e balança no alto do mastro imponente  
uma dança velha e lamentável  
como a marcha trôpega de um veterano.

No curso duma ideia que voltou da guerra  
e esperança empalidece,  
cala-se o choro,  
vai mirrando a prece.  
Fica apenas o sóbrio desengano  
que não pontifica, não constrói  
nem erra...



## Ode Milenária

A angústia dos ramos do velho imbondeiro,  
os costados abatidos da Montanha.  
o céu onde esvoaça o negro carnicheiro,  
são retratos de agora nesta terra estranha,  
postais lendários, de gosto perturbante,  
epitáfios de uma nova literatura  
sabiamente abstrata e delirante.

Uma febre alada de horrível formosura  
contaminou a Pátria ainda imperfeita.  
Vermes repugnantes de ventre parasita  
gerados em antiquíssima maleita  
que às vezes se acama  
outras vezes se agita,  
nadam cada vez mais afoitos,  
pairam cada vez mais afeitos  
ao pus que há séculos afecta  
esta Pátria de glórias e feitos,  
esta Nação febril e inquieta.

E tu meu irmão, que te chamas Nandjala  
porque nasceste num ano de fome inglória,  
algures, em pleno século vinte,  
diz-me qual foi o ano da fartura  
dos últimos dois mil da nossa História!

Acreditam alguns que o nosso irmão,  
operário amarrado em laços de ignorância,  
camponês prisioneiro do cepo da tradição,  
poeta de olhos vendados por velhos nevoeiros,



está destinado ao pedestal da glória!  
Mas a glória dos mártires é martírio,  
a glória dos heróis é génio,  
a glória dos crentes é sagrada  
e a glória do Estado é um quinquénio  
de economia mais ou menos frustrada!

E como sempre,  
Penélope indigente,  
bordando e desbordando em carne viva,  
com a força obstinada duma ideia cativa,  
a glória do nosso Povo é uma nascente  
que brota em polvorosa na Ondjiva!



# José da Silva Maia Ferreira\*

---

\* 1827 – 1881 Séc. XVIII





## A Minha Terra

No álbum do meu amigo João d'Aboim

*Recevez donc mon hymne, ô mon pays natal,  
Et offrez-le de bon coeur à qui sut bien chanter  
La riante nature du beau Portugal.*

Do autor

Minha terra não tem os cristais  
Dessas fontes do só Portugal,  
Minha terra não tem salgueirais,  
Só tem ondas de branco areal.

Em seus campos não brota o jasmim,  
Não matiza de flores seus prados,  
Não tem rosas de fino carmim,  
Só tem montes de barro escarpados.

Não tem meigo trinar – mavioso  
Do fagueiro, gentil rouxinol,  
Tem o canto suave, saudoso  
Da Benguela no seu arrebol.

Primavera não tem tão brilhante  
Como a Europa nos sói infiltrar,  
Não tem brisa lasciva, incessante,  
Só tem raios de sol a queimar.

Não tem frutos por Deus ofertados,  
Qual mimoso torrão português,  
Não tem rios por Bardos cantados,  
Qual Mondego, nos factos de Inês.

— | |  
—  
Não tem feitos de glória que ao mundo  
Orgulhosa se possa ufanar,  
Não tem fado, destino jucundo,  
E se o tem, quem o há-de anelar? —

Tem palmeiras de sombra copada  
Onde o Soba de tribo selvagem,  
Em c'ravana de gente cansada,  
Adormece sequioso de aragem.

Empinado alcantil dos desertos  
Lá se aninha sedento Leão  
Em covis de espinhais entr'abertos,  
Onde altivo repousa no chão.

Nesses montes percorre afanoso,  
A zagaia com força vibrando,  
O Africano guerreiro e famoso  
A seus pés a pantera prostrando.

Não tem Virgens com faces de neve  
Por quem lanças enriste Donzel,  
Tem donzelas de planta mui breve,  
Mui airosas, de peito fiel.

Seu amor é qual fonte da prata  
Onde mira quem nela se espelha  
A doçura da pomba que exalta,  
A altivez, que a da fera semelha.

Suas galas não são afectadas,  
Coração todo amor lhe palpita,  
Suas juras não são refalsadas,  
No perjúrio a vingança crepita.

Sabe amar! – Mas não tem a cultura  
Desses lábios de mago florir;  
Em seu rosto se pinta a tristura,  
Os seus olhos tem meigo luzir.

Minha terra não tem os cristais  
Dessas fontes do só Portugal;  
Minha terra não tem salgueirais,  
Só tem ondas de branco areal.

Não tem Vates por Deus inspirados,  
Que decantem um Gama, um Moniz,  
Que em seus feitos com loiros ganhados  
Deram lustre ao nativo país.

Não os tem; porque a sorte negou-lhe  
Do Poeta a divina missão,  
Do Poeta, que a pátria decanta  
Com vanglória, com mago condão.

Se assim fora – o Vate africano –  
Decantara do íntimo da alma  
Quem primeiro nos plainos torrados  
De infiéis alcançou justa palma.

Decantara esse filho – Soldado –  
De Albarrota do grão vencedor,  
Que nos brados de guerra soltados  
Só mostrava denodo e valor.

Decantara um Conde Barcelos,  
Um Fernando Senhor de Brangança,  
Que aos Mouros filharam Cidades,  
Só tomadas à ponta de lança.

Decantara nas guerras de Túnis,  
De Granada, Marrocos e Fez,  
Das vitórias o brado incessante –  
Contra mil – do quinhão Português.

Decantara um Afonso Guterres,  
Um Gonçalves, um Nuno Tristão  
Que primeiros levaram à pátria  
Os cativos do ardente torrão.

Entre estes, também decantara  
Um Gonçalo de Sintra, que ousado  
Num esteiro nadando morreu  
Penetrando Guiné conquistado.

Decantara-os! – Mas que, minha terra  
Não tem Vate por Deus inspirado;  
Não é pátria do divo Camões  
Tão poeta, quão bravo soldado.

Não é pátria dos Vates da América  
Que em teus cantos, com maga harmonia,  
Na Tijuca em seu cume sentado  
Decantaste em tão bela poesia.

Não os tem; porque em terra africana  
Não há Cisne em gentil Guanabara,  
Mais mimosa, mais bela e mais rica  
Do que oiro do meu Uangara.

Minha terra não tem arvoredos  
Tão frondosos, sombrios e belos  
Como os teus, em Palmela risonha,  
Toda envolta em seus verdes cabelos.

— | |  
—  
| |  
—

Não tem vagas humildes beijando  
Os vergéis dessas serras altivas  
Que ora brandas não gemem, suspiram,  
Ora rugem – por ventos batidas.

Minha terra não tem o granito  
E o verdor do teu Sintra empinado  
Que de amor suas falas sentidas  
Decantaste por ele inspirado.

Nada tem minha terra natal  
Que extasie e revele primor,  
Nada tem, a não ser dos desertos  
A soidão que é tão grata ao cantor.

Mesmo assim rude, sem primores da arte,  
Nem da natura os mimos e belezas,  
Que em campos mil a mil vicejam sempre,  
É minha pátria!

Minha pátria por quem sinto saudades,  
Saudades tantas que o peito ralam,  
E com tão viva força qual sentiste,  
Quando no cume da Tijuca altiva  
Meditando escreveste em versos tristes,  
Versos que tanto amei, e que amo ainda,  
As saudades dos lares teus mimosos!  
É minha pátria ufanoso o digo!  
Deu-me o berço, e nela vi primeiro,  
A luz do sol embora ardente e forte.  
Os meus dias de infância ali volveram  
No tempo ao coração mais primoroso,  
Nesses dias ditosos, em que apenas  
Ao mundo despertado, vi e ouvia  
Por sobre os lábios meus roçarem beijos,

Beijos de puro amor, nascidos da alma,  
Da alma de Mãe mui carinhosa e bela!

Foi ali que por voz suave e santa  
Ouvi e cri em Deus! É minha pátria!

E tu, Poeta bem fadado,  
Que na gentil Guanabara  
Tantos cantos tens cantado  
À tua pátria preclara,  
Recebe este meu canto  
De amargor e de pranto,  
Sem belezas, sem encanto,  
À minha pátria tão cara.

Vi as belezas da terra,  
Da tua terra sem igual,  
Mirei muito do que encerra  
O teu lindo Portugal;  
E se invejo a lindeza,  
Da tua terra a beleza,  
Também é bem portuguesa  
A minha terra natal.

Com glória trago no peito  
Esse nome outrora forte,  
Que não sei o que foi feito  
Do seu presságio de sorte.  
E se inda dorme indolente,  
Bem cantaste, em voz cadente,  
Que há-de surgir potente  
Desse letargo de morte.

Também invejo o Brasil  
Sobre as águas a brilhar,  
Nesses campos mil a mil,  
Nesses montes d'além-mar.  
Invejo a formosura  
Desses prados de verdura,  
Inspirando com doçura  
O Poeta a descantar.

Nada tem minha terra natal  
Que extasie e revele primor,  
Nada tem, a não ser dos desertos  
A soidão que é tão grata ao cantor.

E tu, Poeta bem fadado,  
Que na gentil Guanabara,  
À tua pátria tão cara  
Tantos cantos tens cantado,  
Também recebe o meu canto  
De amargor e de pranto,  
Sem belezas, sem encanto,  
Por minha alma a ti votado!

Rio de Janeiro - 1849



## Amo o Silêncio da Noite!

Amo o silêncio da noite,  
O azul escuro do céu,  
As densas nuvens errantes,  
E seu pranto que verteu:  
Então a terra se cala  
E o mar bravio cedeu  
E o negro mocho agoureiro  
O seu canto emudeceu.

Amo o silêncio da noite,  
Quando suave instrumento,  
Nesta hora faz olvidar  
Agro – passado tormento;  
Quando leve sussurrando  
Fresca aragem, brando vento  
Apressurado nos traz  
Algum novo pensamento.



Amo o silêncio da noite,  
Quando em luz prateada,  
Modulando amenos versos  
Os dirijo à minha amada:  
E quando todos dormindo,  
Só eu vejo despertada  
A minha sorte cruel,  
Minha sorte malfadada.

Amo o silêncio da noite,  
Lembrando antiga paixão,  
Sonhando os sonhos de amor  
Que gozou meu coração:  
Oh! então sinto e lamento  
Só ficar recordação  
Dessa agora já volvida  
Meiga, terna sensação.

Amo o silêncio da noite,  
Quando contemplo a dormir  
O sono de um inocente,  
Que dorme sem sentir:  
Que só ideias fagueiras  
Em sonhos lhe podem vir  
E que dos males da vida  
Não sentiu o seu pungir.

Amo o silêncio noite,  
Quando donzela formosa,  
Meiga, triste e pensativa,  
Na voz lânguida e mimosa,  
Solta gemidos aos céus,  
Aguardando mui saudosa  
Por seu bem, que em longas terras  
Vive vida tão penosa.

Amo o silêncio da noite,  
Quando de Deus Criador,  
Contemplo o imenso poder,  
Seu grande e infinito amor:  
Então ufano quisera  
Ser sublime trovador,  
Que dedicara a meu Deus  
Doces cantos de primor.



E já que a lira não vibro  
Com sonora melodia,  
Cantarei como cantou  
Poeta de alta magia:  
«Como é belo este silêncio  
«Da terra todo harmonia,  
«Que aos céus a mente arrebatá,  
«Cheia de meiga poesia!»

## Uma Recordação!

Era noite de mui almo luar –  
Uma noite em que triste pensava  
Em amores que o tempo roubou-me,  
Em Maria que eu tanto adorava!

Toda a terra dormia em silêncio,  
Só eu triste na terra velava,  
Nesta terra em que a sorte roubou-me  
Os amores que eu tanto adorava!

Foi aqui!... A minha alma o recorda,  
Que tão bela e tão meiga me ouvia,  
Quando a sós nossas juras jurando,  
Só com ela na terra vivia.

Foi aqui, que ora alegre, esquecendo  
Este mundo de espinhos e dor,  
Contemplava o meu anjo da terra,  
Me falando só falas de amor!

Foi aqui, que ora em beijos frementes  
Os seus lábios tocavam nos meus,  
E suas faces corando de pejo –  
Me infiltravam delícias dos Céus! –

Foi aqui!... mas p'ra que recordar  
Esses dias de gozo passado,  
Para que? – se fugiu-me a ventura,  
Se na terra hoje sou desgraçado? –

Nesta hora de amarga lembrança,  
Neste instante de horrível penar,  
Sinto a dor que nem lágrimas podem  
Em meu peito fazê-la cessar.

Sinto a dor mais cruel e pungente,  
No rigor da mais viva saudade –  
Que perfídia de horrenda traição,  
Desabrida lançou sem piedade!

Oh! mal haja essa mão impiedosa,  
Que em meus lábios o fel da amargura  
Me roçou, e me obriga a sofrer  
Deste mundo a maior desventura!

Oh! mal hajam os meus dias de vida,  
Desta vida de cru vegetar,  
Que delírios de pranto e tormentos  
A existência me intentam roubar!

E tão triste qual rola que geme  
E tão murcho, qual flor desfolhada,  
E tão estéril, qual erma campina,  
E tão mudo, qual fonte estagnada,

Hei-de, embora p'ra sempre oprimido  
Em tão triste e medonha soidão,  
Adorar-te na vida, e na morte,  
Conservar em meu peito a paixão!

## À Saudade

Inda choro essa noite medonha  
Longa noite de má despedida!  
Teu amor me deixas e nos braços,  
Nos teus braços levaste-me a vida!

A. GONÇALVES DIAS

Não sei que mão de ferro agudo alçada  
Com força extrema me comprime o peito,  
Não sei que dor vigente me lacera  
As fibras da alma.

Escuto os homens que julgava amigos –  
Envoltos no prazer do mundo ingrato –  
Mostro-lhes minha dor – a causa inquiri –  
Voltam-me o rosto!

Escuto as aves no albor do dia  
Em verdes campos cantando amores;  
Contemplam de amargura o meu sorriso  
E ávidas fogem!

Então procuro as grimpas das montanhas  
Onde outrora meus ecos ressoavam  
Vibrados pela lira em que tangia  
Cânticos suaves!

E meus ecos não são repercutidos  
Agora que a saudade os vibra na alma  
– Saudade?! – Ai! Tu és meu sofrimento  
Na alma o sinto!...

## A Uma Menina

Dedicado ao Ilmº SR. F.T Lobo Júnior

Como és bela, criancinha,  
No teu dormir inocente,  
És tão meiga, és tão lindinha  
Nesse arfar tão docemente!  
Semelhas à linda flor  
    No albor,  
    Com primor,  
Entreabrindo brandamente:  
    És tão bela,  
    Qual estrela  
A brilhar no céu – fulgente!

És qual límpida corrente,  
Mimosa e bela e pura,  
Que rebenta docemente  
De um rochedo em grande altura.  
És o orvalho matutino  
    Gotejando,  
    Rorejando,  
Sobre viçosa verdura:  
    És a aragem  
    Na folhagem  
Bafejando-a com doçura.

És farol, és doce guia,  
No teu dormir inocente,  
De quem à meiga poesia  
Se há votado e não desmente

A verdade e melodia  
Que na lira  
Só respira,  
Só respira magamente.  
Que Poeta,  
Qual Profeta,  
Canta da alma, e nunca mente.

És singela, alva pombinha  
Repousando em tronco anoso,  
Quando a sós, e coitadinha  
No seu ninho tão mimoso  
Outra pomba a acarinha  
Com candura,  
Com doçura,  
Em seu sono de almo gozo:  
És como ela,  
Meiga e bela  
Neste encanto primoroso.

És o suspiro da vaga  
No seu longínquo morrer,  
Que lentamente divaga  
Na encosta que vai bater.  
És saudade da vida  
Tão querida  
Já volvida,  
Já volvida em meu viver.  
És esp'rança  
De bonança  
De quem da vida descrever.

Tu és tudo, e mais ainda  
De teus Pais és doce encanto,



Que imprimiram em face linda  
Inocência em brilho tanto,  
Que em mago e doce enleio,  
    De amor cheio,  
    Casto seio  
Recebe o meigo pranto,  
    Quando choras  
    E descoras,  
Envolta em cerúleo manto.

Cresce, cresce, flor mimosa,  
Nesse teu desabrochar;  
Nunca a vida desditosa  
Em ti possa penetrar,  
Nunca os rigores da sorte  
    Desesp'rada,  
    Malfadada,  
Possa bárbara mirrar  
    Essa flor  
    De primor  
Que espontânea se pousou  
Na minha lira de amor,  
Que este canto inspirou!

Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1849.

## Eu Ouvi!

Vibrada no espaço de noite mui linda  
Ferindo minha alma com maga inflexão  
Cadente eu ouvia de um Anjo da terra  
Do imo do peito mui terna canção!

Dizia saudade – em acento magoado,  
Sonoro-mavioso, inspirado por Deus –  
Tão maga harmonia só era emanada  
Do coro dos Anjos – dos Anjos dos Céus!

Casava co'as horas tardias da noite,  
De noite tão bela, de almo luar –  
A voz merencória que atento escutava  
Lembrando continua meu triste penar.

Que doce sofrer infiltrou em minha alma  
Os sons desferidos por Virgem mimosa;  
Dizia o meu fado sem ela o sentir,  
Lembrava-me a vida passada e saudosa!

Ouvi, como ouviram no monte Sinai  
Os magos mandados à voz do Senhor,  
Humilde e curvado o meu agro porvir –  
Dos lábios da Virgem, nos cantos de amor!

E triste e pungido por este escutar  
Que tanto extasiou-me, porque era saudoso –  
A passos mais lentos, que a dor que sofri –  
Deixei, apartei-me do canto harmonioso!

## O teu seio – É belo

O teu seio – É belo,  
E da mais alta brancura,  
Quando meigo arfa constante  
A mais cismada ventura:  
Tens cabelos de cor de oiro  
São do mundo o meu tesoiro  
Quando soltos a brilhar;  
Pois será sempre o teu rosto  
O mais divino composto  
Que na terra hei-de adorar.

## No Album do Il.<sup>mo</sup> Sr. J.J. Vieira de Carvalho

Qual perla arrojada por vagas altivas,  
De ventos batida em horrível tufão,  
Assim despontaste na terra em que vives,  
Nos plainos ardentes do ardente torrão.

Qual flor espontânea sorrindo fragrante –  
Que as mãos da procela por terra lançou –  
Assim no rigor das areias ferventes –  
Aos olhos do mundo o teu brilho murchou.

E murcha e pendida por sóis sbrasada,  
Num horto privado das regras de amor  
Tu vives mirrada aguardando saudosa  
Um vaso doirado de encanto e primor.

E embora o teu fado te cerque maldoso  
De espinhos eivados de agudo pungir  
Por terra não ficas de rojo prostrada  
Porque hás-de no mundo mil vezes florir!

## Recordação

De noite mui linda  
Tu queres, Arminda,  
Quem lembre-te ainda  
Um sonho de amor?  
Atende bondosa,  
A chama vap'rosa  
Do teu Trovador.

Nos Céus esmaltados  
De brilho fadadas –  
De encatos rodeadas  
Se viam luzir –  
Estrelas mimosas –  
Mui belas, – vaidosas –  
Tão magas, – radiosas –  
De casto sorrir!

Mais longe, distante,  
Também radiante  
Se via brilhante  
A Lua a fulgir; –  
E os mares bramindo  
Dos ventos fugindo –  
Estava sentindo  
Seu forte rugir!

Na popa assentado  
De um barco açodado  
Por ventos soprado  
Me pus a pensar  
Na vida sonhada

Que eu tive passada  
Contigo gozada  
De mago cismar!

Às vezes eu cria  
Com forte magia  
Que só eu te via  
Comigo a folgar, –  
Às vezes pensando  
Que ouvia-te arfando  
Teu seio tão brando  
No meu a poisar!

Então extasiado,  
Do mundo olvidado,  
Contigo abraçado  
Me pus a beijar  
Teus lábios mimosos,  
Teus olhos fermosos –  
Que vinham ferv'rosos  
A mente escaldar!

E em fogo divino,  
Mui casto e mui dino  
Vagava sem tino  
Em doce candor  
Ao teu abraçado,  
Não sei se acordado,  
Meu corpo extasiado  
Nos sonhos de amor!

Depois despertando,  
Meus olhos fitando,  
Te estava mirando

No teu dormirar. –  
Como eras formosa!  
Quanto eras mimosa,  
Arminda ditosa,  
No teu respirar!

Travando da lira  
Que tanto me inspira  
Nos sons que delira  
Me pus a trovar. –  
Cantei o teu rosto –  
Divino composto – ,  
A mim só exposto,  
Que o sei adorar!

Por cum'lo de anelos,  
Teus belos cabelos  
Da cor dos meus zelos  
Me pus a afagar: –  
Mas eis que desperto  
E vejo-me – é certo –  
Já ter descoberto  
Que é tudo um sonhar!

Eu vi-te ! – E acordado  
O sonho gozado  
Agora lembrado  
Não posso esquecer!  
Fugiu-me a ventura  
Tão maga e tão pura –  
Se o sonho não dura  
Porque hei-de viver?! –



# Lília da Fonseca\*

---

\* 1916 - 1992







## Uma Canção na Noite

Anda subtilmente no ar  
uma canção qualquer...  
vem do escuro, do vago, da noite...  
porque lá fora é noite  
e a história da noite,  
da vida, do mundo,  
freme na voz dessa canção.

E eu quero ser voz e ser acção!  
Na minha frente o papel branco  
espera, espera, espera...  
por tudo quanto eu tenho p'ra dizer-lhe,  
e que o pode tornar numa canção de gesta  
do mundo que há-de vir,  
num ai de amor,  
numa blandícia, num suspiro,  
numa bandeira ao vento  
a rasgar o vento  
com o traço de uma ideia...

Mas lá do escuro da noite  
vem uma canção...  
em que parte da alma é que dói,  
quando se é novo e triste e se está só,  
e há uma voz que resvala  
por remotos caminhos, p'ra nos dizer  
aquilo que a nossa boca sem fala  
calou?

E a inspiração morreu...  
Papel, caneta e tinta



fogem-me na sombra.  
A canção é a vida  
a canção é o mundo  
a canção é o amor.

Anda subtilmente no ar  
uma canção qualquer...  
a canção sou eu!



## Bandeira Branca

Java, Borneu, Coreia, Indochina,  
não há mares que nos separem....  
na ponta das vossas lanças há um grito!

E esse grito  
floresce nos nossos olhos,  
baila no nosso peito  
e como bandeira branca  
palpita nas nossas mãos...

Java, Borneu, Coreia, Indochina,  
a que distância estais vós?  
tão perto  
que uma linguagem nos basta:  
de uma bandeira branca...

## Sobressalto

Amor,  
as luas mortas  
caíram no segredo deste amor;  
fujamos pela praia  
embarquemos no vento!

As luas mortas  
são mundos apodrecidos ...

O nosso amor balbucia  
cantigas da era nova  
e nas mãos  
temos o húmus adubado e quente  
para o jardim redolente  
para a seara de pão  
para a seara de amor...

Nada nos serve fugir  
pior que fantasmas  
são os miasmas  
dos mundos apodrecidos...

Amor,  
nos vales ermos, esquecidos  
de toda a flor,  
de todo o riso,  
do amor ao amor,  
das madrugadas e dos pássaros,  
(fechadas todas as portas  
ao susto e à escuridão,

com um beijo verde de esperança  
cantando no coração)

Amor,  
enterremos as luas mortas...



# Mário António\*

---

\* 1934 - 1989





## Noites de Luar no Morro da Maianga

Noites de luar no Morro da Maianga.  
Anda no ar uma canção de roda:  
«Banana podre não tem fortuna  
Fru-tá-tá, fru-tá-tá...»  
Moças namorando nos quintais de madeira  
Velhas falando conversas antigas  
Sentadas na esteira  
Homens embebedando-se nas tabernas  
E os emigrados das ilhas...  
– Os emigrados das ilhas  
Com o sal do mar nos cabelos  
Os emigrados das ilhas  
Que falam de bruxedos e sereias  
E tocam violão  
E puxam faca nas brigas...

Ó ingenuidade das canções infantis  
Ó namoros de moças sem cuidado  
Ó histórias de velhas  
Ó mistérios dos homens

– Vida!:

Proletários esquecendo-se nas tascas  
Emigrantes que puxam faca nas brigas  
E os sons do violão  
E os cânticos da Missão

Os homens  
Os homens  
As tragédias dos homens!



## O Henda I Xala

A loucura tocou as nossas mãos.  
Súbitas luzes passam nos teus olhos.  
O excessivo pudor nos aproxima:  
Riqueza dos segredos revelados!

Não importa a incerteza e o impossível:  
Deles e nós, conscientes, nos sorrimos.  
Para além do momento, nós sabemos:  
O amor ficará – O HENDA I XALA.

## Até se Revoltarem os Escravos

Até se revoltarem os escravos.  
Até se rebentarem as comportas.  
Até sismos divinos, rancos cavos  
Da terra inquieta sob as pedra mortas  
Sacudirem a nossa quietação.  
Até que luas doidas sobre o mar  
Sejam sinal da Alucinação.  
Até se extinguir a gentileza  
Que mais que nos liberta, nos corrompe.  
Até sermos capazes de amar,  
Até sermos capazes de morrer.

## Rua da Maianga



Rua da Maianga  
que traz o nome de um qualquer missionário  
mas para nós somente  
a rua da Maianga.

Rua da Maianga às duas horas da tarde  
lembança das minhas idas para a escola  
e depois para o liceu

Rua da Maianga dos meus surdos rancores  
que sentiste os meus passos alterados  
e os ardores da minha mocidade  
e as ânsias dos meus choros desabalados!

Rua da Maianga às seis e meia  
apito do comboio estremecendo os muros  
Rua antiga da pedra incerta  
que feriu meus pezitos de criança  
e onde depois o alcatrão veio lembrar  
velocidade aos carros  
e foi luto na minha infância passada!  
(Néné foi levado prHospital  
meus olhos encontraram Néné morto  
meu companheiro de infância de olhos vivos  
seu corpo morto numa pedra fria!)

Rua da Maianga a qualquer hora do dia  
as mesmas caras nos muros  
(As caras da minha infância  
nos muros inapagados!)



as moças nas janelas fingindo costurar  
a velha gorda faladeira  
e a pequena moeda na mão do menino  
e a goiaba chamando dos cestos  
à porta das casas!  
(Tão parecido comigo esse menino!)

Rua da Maianga a qualquer hora  
o liso alcatrão e as suas casas  
as eternas moças de muro  
Rua da Maianga me lembrando  
meu passado inutilmente belo  
inutilmente cheio de saudade!

## Meu Chamado

É haletante, – tante, meu chamado.  
É agitar de mão  
De quem se afoga  
À imensidão  
Do céu imperturbado.

(À minha angústia, joga  
Teu gesto constelado  
De distância!)

Buscam teu corpo – radar  
Ansioso de voltar  
Com carícias registadas  
Em seus raios! –  
As vozes silabadas  
Dos sentidos.

(Ai os  
Sinos que badalam  
Comovidos  
E, comovidos, falam  
Repetindo em cinco ecos  
O teu nome!)

Saciam minha fome  
Os ecos devolvidos, secos.  
Me enche o peito haletante  
Um ar rico em sonidos.  
Secura perturbante!  
Pontilhada frescura!

## O Tocador de Dicanza

*(Para o Euclides)*

Será monótono o ritmo da dicanza?  
Toca, ó tocador, tua música estranha!  
Burdonas o teu bordão bordões ecoando  
Ora em estrídulo grito, ora em afago brando.

Corres do teu bordão as notas baixas  
Como baixando a voz, a mão se baixa  
Sobre o corpo dormindo: «Hoje  
Que dormes no quintal, a minha mão procura  
O teu corpo que sempre a ela foge!»

E são luas nocturnas, tocador,  
Os brancos que reluzem em tua face.  
Vozes de vento e espírito, as que sobem  
Do fundo mar do oco da dicanza.

Já ergues em falsete a tua voz:  
«Não saias, meu filho! Tu não saias!»  
E o tom constela a negra, pressentida  
Desgraça já chorada.

E – «Galinhas de tua mãe,  
Quem as roubou?» – já vibras, tocador,  
E o teu bordão se queixa,  
Em urros de leão e balidos de seixa.

Caem teus braços feridos, tocador,  
Por que perdida bala? Como lebre na toca  
O instrumento se cala.  
E já nos chega o sono, lento, lento...



## Donas do Outro Tempo

Donas do outro tempo  
Vejo-as neste retrato amarelado:  
Como estranhas flores desabrochadas  
Negras, no ar, soltas, as quindumbas.  
Panos garridos nobremente postos  
E a posição hierática dos corpos.  
São três sobre as esteiras assentadas  
Numa longínqua tarde de festejo.  
(Tinha ancorado barco lá no rio?  
Havia bom negócio com o gentio?  
Celebrava-se a santa milagrosa  
Tosca, tornada cúmplice de pragas  
Carregada de ofertas, da capela?)  
E, a seu lado, sentados em cadeiras,  
Três homens de chapéu, colete e laço.  
Botinas altas, calças de cheviote.

Donas do tempo antigo, que perguntas  
Poderia fazer aos vossos olhos  
Abertos para o obturador da fotográfica?  
Senhoras de moleques e discípulas  
Promotoras de negócios e quitandas  
Rendilheiras de jinjiquita e lavarindo  
Donas que percebíeis a unidade  
Íntima, obscura, do mistério e do desígnio  
Atentas ao acaso que é a vida  
(Há sopros maus no vento! Gritos maus  
No rio, na noite, no arvoredol!)  
E que, porque sabíeis que vida é larga e vária  
E vários e largos os caminhos possíveis  
A nova fé vos destes, confiantes,

O que ficou de vós, donas do outro tempo?  
Como encontrar em vossas filhas de hoje  
A vossa intrepidez, a vossa sabedoria?  
O tempos são bem outros e mudados.  
A tarde da fotografia, irrepetível.  
Água do rio Cuanza não para de correr  
Sempre outra e renovada.  
E dessa fotografia talvez hoje só exista  
Na vilória onde as casas são baixas e fechadas  
E têm corpo, pesam, as sombras e o calor  
A sombra farfalhante da mulemba  
Que vos deu sombra e fresco nesse domingo antigo.

## O Amor e o Futuro

Calar  
esta linguagem velha que não entendes  
(Tu és naturalmente de amanhã  
como a árvore florida)  
e falar-te na linguagem nova do futuro  
engrinaldada de flores.

Calar  
esta saudade velha  
e a nostalgia herdada de brancos marinheiros  
e de escravos negros  
de noite sonhando lua  
nos porões dos negreiros.

Calar  
todo este choro antigo  
hoje disfarçado em slow, bolero e blue  
(Teu sentimento  
e esta pressão dorida que não mente:  
teus seios contra o meu peito  
a tua mão na minha  
o calor das tuas coxas  
e os teus olhos ardentes...)

Calar tudo isso  
(Tu és naturalmente do futuro  
como a árvore florida)  
e ensaiar o canto novo  
da esperança a realizar.  
Cantar-te



árvore florida  
espera de fruto  
antemanhã

Nascer do Sol em minha vida.



## Linha Quatro

No largo da Mutamba às seis e meia  
carros pra cima carros pra baixo  
gente subindo gente descendo  
esperarei.

De olhar perdido naquela esquina  
onde ao cair da noite a manhã nasce  
quando tu surges  
esperarei.

Irei prá bicha da linha quatro  
atrás de ti. (Nem o teu nome!)  
Atrás de ti sem te falar  
só a querer-te.

(Gente operária na nossa frente  
rosto cansado. Gente operária  
braços caídos sonhos nos olhos.

Na linha quatro eles se encontram  
Zito e Domingas. Todos os dias  
na linha quatro eles se encontram.

No maximbombo da linha quatro  
se sentam juntos. As mãos nas mãos  
transmitem sonhos que não dizem.)

No maximbombo da linha quatro  
conto meus sonhos sem te falar.  
Guardo palavras teço silêncios  
que mais nos unem.

Guardo fracassos que não conheces  
Zito também. Olhos de cinza  
como Domingas  
o que me ofereces!

No maximbombo da linha quatro  
sigo a teu lado. Também na vida.  
Também na vida subo a calçada  
Também na Vida!

Não levo sonhos: A vida é esta!  
Não levo sonhos. Tu a meu lado  
sigo contigo: pra quê falar-te?  
Pra quê sonhar?

No maximbombo da linha quatro  
não vamos sós. Tu e Domingas.  
Gente que sofre gente que vive  
não vamos sós.

Não vamos sós. Nem eu nem Zito.  
Também na vida. Gente que vive  
Sonhos calados sonhos contidos  
Não vamos sós.

Também na vida! Também na vida!

## Rosto de Europa

Eis que descubro o Rosto:  
Carta geográfica de Civilização  
Com as súbitas marcas colocadas  
Em lugar certo e explícito.

Há uma linha pura – a essencial  
Limpidez deste céu alto. Rubores  
De frutos explodidos, ausências  
De além-mar. Leves tremores  
À volta de crateras.

Ó geografia

Do Rosto, música inscrita  
Em pauta. Um Rosto só:  
Sorri, desfolha-se. Ausenta-se.

Propõe enigmas. Desafia  
Metafísicas, destino. E continua  
O Rosto.

Nele bate o Sol,  
Rebenta o viço. Nele, a dor  
Torturada do nascer. Um  
Quase alegre abandono. Ou  
Quase alegre recusa...

Eis que te aprendo,  
Europa,  
Eis que te aprendo!



# Maurício Gomes\*

\* 1920







## Exortação

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira,  
poetas do Brasil,  
do Brasil nosso irmão,  
disseram :  
“ – É preciso criar a poesia brasileira,  
de versos quentes, fortes, como o Brasil,  
sem macaquear a literatura lusíada”.

*Angola grita pela minha voz,  
pedindo a seus filhos nova poesia!*

Deixemos moldes arcaicos,  
ponhamos de lado,  
corajosamente  
suaves endeixas  
brandas queixas  
e cantemos a nossa terra  
e toda a sua beleza.

Angola, grande promessa do futuro,  
forte realidade do presente,  
inspira novas ideias,  
encera ricos motivos.

*É preciso inventar a poesia de Angola!*

Fecho meus olhos e sonho,  
abrindo de par em par o coração,  
e vejo a projecção dum filme colorido  
com tintas de fantasia  
e cenas de magia:

As imagens são paisagens, gentes, feras.  
E sucedem-se lenta, lenta, lentamente...  
Assisto maravilhado  
ao despenhar gemente  
das quedas d'água do Duque de Bragança...  
Vejo crescer florestas colossais  
no Maiombe, onde o verde é símbolo  
de tanta esperança...

Amboim fecundo, Amboim cafezeiro,  
de alcantis envoltos sempre em nevoeiro denso,  
como um fumo cheiroso  
do seu café gostoso,  
tão famoso no mundo...

O Deserto de Namibe a espreguiçar-se  
num bocejo mole,  
estendendo tentáculos de areia  
como polvo gigante  
– visão alucinante,  
miragem  
no escrínio esquisito  
que guarda avaramente  
a jóia mais horrivelmente linda  
e única no mundo  
– a Welwitschia mirabilis,  
que em si encerra mistério tão profundo...

*É preciso escrever a poesia de Angola!*

Vejo anharas infindáveis,  
onde noivam no capim,  
pelo amor amansadas,  
feras bravas, indomáveis...

Vejo lagos de safira,  
tão calmos  
como olhos ternos  
chorosos,  
de tímidas gazelas...

E terras rendilhadas do litoral,  
secas, rugosas, escalvadas,  
onde reina o imbondeiro,  
gigantesco Prometeu agrilhado,  
visão estranha, infernal, horrenda,  
verde pálido, branco, cinzento, colossal...  
lembrando líquen mágico, colossal...

Baías, cabos, estuários  
praias morenas,  
mares verdes, mares azuis,  
e rios de aspecto inofensivo  
mas cheios de jacarés...

Terras de mandioca e batata doce,  
campos de sisal, minas de metais,  
goiaberais, palmeiras, cajueiros,  
areais imensos, cheios de diamantes,  
chuvadas torrenciais,  
filas tristes de negros carregadores gemendo,  
cantando tristemente seus cantares...  
planaltos, montanhas e fogueiras,  
feiticeiros dançando loucamente;  
Angola é grande e rica e bela e vária.

*É preciso criar a poesia de Angola!*

Terra enorme onde o insecto impera:  
mosquito da febre e mosca tzé-tzé,  
cobrindo tudo de sono.

Olhai o senhor arquitecto Salalé,  
tão pequenino, tão teimoso e diligente...  
Como ele projecta e constrói castelos,  
milhões de vezes maiores que ele é,  
para vergonha nossa,  
que pouco fazemos,  
presos de fútil, preguiçoso dandismo...

Encostai o ouvido atento  
ao coração do povo negro,  
escutareis, só vós, poetas da minha terra,  
que estais por nascer,  
aquilo que para outros é segredo defeso,  
mistério da esfíngica, malsinada alma negra.  
Criaí ânimo, ganhái alento,  
e vibrantemente cantai a nossa terra!

*É preciso forjar a poesia de Angola!*

Essa nova poesia  
será vasada em forma candente  
sem limites nem peias  
diferente! . . .

Mas onde estão os filhos de Angola,  
se os não oiço cantar e exaltar  
tanta beleza e tanta tristeza,  
tanta dor e tanta ânsia  
desta terra e desta gente?

Essa nova poesia,  
forte, terna, nova e bela,  
amálgama de lágrimas e sangue,  
sublimação de muito sofrimento  
afirmação de uma certeza.

Poesia inconformista,  
diferente,  
será revolucionária,  
como arte literária,  
desprezando regras estabelecidas,  
ideias feitas, pieguices, transcendências...

Poesia nossa, única, inconfundível  
diferente  
quente, que lembre o nosso sol,  
suave, lembrando nosso luar...  
que cheire o cheiro do mato,  
tenha as cores do nosso céu,  
o nervosismo do nosso mar,  
a paroxismo das queimadas,  
o cantar das nossas aves,  
rugir de feras, gritos de negros,  
gritos de há muitos anos,  
de escravos, de engenhos das roças,  
no espaço vibrando, vibrando...

Sons magoados, tristíssimos, enervantes,  
de quissanges e marimbas...  
versos que encerrem e expliquem  
todo o mistério desta terra,  
versos nossos, húmidos, diferentes,  
que, quando recitados,

nos façam reviver o drama negro  
e suavizem corações  
iluminem consciências,  
e evoquem paisagens  
e mostrem caminhos,  
rumos,  
auroras.. .

Uma poesia nossa, nossa, nossa!  
– cântico, reza, salmo, sinfonia,  
que uma vez cantada  
rezada  
escutada  
faça toda a gente sentir  
faça toda a gente dizer:  
““

*- É poesia de Angola!*

## Bandeira

Somos um povo à parte  
Desprezado  
Incompreendido  
Um povo que lutou e foi vencido.

Por isso em meu canto de fé,  
Clamo e proponho, Negro,  
Que a nossa Bandeira  
Seja um pano negro,  
Negro da cor da noite sem luar...

Sobre essa escuridão de luto e de pesar,  
Da cor da nossa cor,  
Escreve, irmão,  
Com a tua mão rude e vacilante  
– Mas forte  
A palavra-força:

União!

Traça depois, teimosamente  
Estas palavras basilares,  
Edificantes:

Trabalho, Instrução, Educação.

E com letras de ouro,  
Esplêndidas,  
(A mão, mais firme já)  
Escreve, Negro,

Civilização, Progresso, Riqueza.



Em caracteres róseos  
Esboça comovido  
A palavra-chave da Vida:

Amor!



Com letras brancas  
Desenha com amor  
A palavra sublime:

Paz!

A seguir  
A vermelho-vivo  
A vermelho-sangue,  
Com tinta feita de negros corpos desfeitos,  
Em lutas que vamos travar,  
A vermelho-vivo,  
Cor do nosso sangue amassado  
E misturado com lágrimas de sangue,  
Lágrimas por escravos choradas,  
Escreve, Negro, firme e confiante,  
Com letras todas maiúsculas,  
A palavra suprema  
(Ideal eterno,  
Nobre ideal  
Da Humanidade atribulada,  
Que por ela vem lutando  
E por ela vem sofrendo)  
Escreve, Negro,  
Escreve, irmão,  
A palavra suprema:

LIBERDADE

290



À volta dessas palavras-alavancas  
Semeia estrelas às mãos cheias  
Todas rútilas  
Todas de primeira grandeza,  
Estrelas belas da nossa Esperança  
Estrelas lindas da nossa Fé  
Estrelas que serão certeza na nossa BANDEIRA.

## Estrela Pequeninina



Tocadores, vinde tocar  
Marimbas, ngomas, quissanges  
Vinde chamar nossa gente  
P'rá beira do grande Mar!

Sentai-vos, irmãos, escutai:  
Precisamos entender  
As falas da Natureza  
Dizendo da nossa dor,  
Chorando nossa tristeza.

Ora escutai; meus irmãos:  
Aquele Sol no poente  
Vermelho como uma brasa  
Não é Sol somente. Não!  
É coágulo de sangue  
Vertido por angolanos  
Que fizeram o Brasil!

Ouvi o mar como chora,  
Ouvi o mar como reza...

Olhai a noite que chega,  
Veludo negro tecido  
De mil pedaços de pele  
Arrancados a chicote,  
Ai! cortados a chicote,  
Do dorso da nossa gente,  
No tempo da escravatura...



Noite é luto  
De que Deus cobre o mundo  
Com dó de nós...

Disco de prata luzente  
Sobe ligeiro no espaço.  
Sabei que a Lua fulgente  
Contém lágrimas geladas  
Por pobres negros choradas...

Pergunta-me a multidão,  
Sentada à beira do Mar:

Agora dizei, irmão,  
Daquela pálida estrela  
Tão pequenina e humilde  
Que brilha no nosso céu  
Qual é o significado?

Talvez seja finalmente  
Deus a olhar para a nossa gente...

## Se a Minha Terra é de Cor

A minha terra tem cor.

Eu não conheço outra terra  
onde haja tanta beleza  
nas síncope coloridas  
dum fim de tarde. . .

Inda está p'ra ser fadado  
um tão nevado luar  
que derrame tanto leite  
em noites de Lua cheia...

No meu corpo bronzeado,  
na minha terra tão linda,  
há orgias embriagantes  
de cor.

– Se a minha terra é de cor!...

Na chaga sangrenta  
da rubra queimada  
sem fim  
queimando dentro de mim,  
e no pesado negrume  
de certas noites sem lua,  
e com o lume apagado  
no rutilante luzeiro  
do Cruzeiro  
onde foi crucificada  
a minha Raça.



– A minha terra tem cor!...  
Nos frutos tão bons,  
nas águas imensas,  
nos campos lavrados,  
nos céus anilados,  
nos corpos tão negros  
dos pretos,  
das pretas,  
nas estrelinhas trementes,  
– lágrimas de Deus  
derramadas  
pelos negros inocentes –  
há doces tonalidades  
mistérios,  
suavidades,  
cambiantes fascinantes  
de cor.

– Se a minha terra é de cor!...



## Doçura

Quando a fitei extasiado,  
Suas mãos pálidas, mimosas,  
Escolhiam frutas bem cheirosas  
Num recanto calmo do mercado.

E por mero acaso, (eu sei!,  
Senhora minha desconhecida,  
Ai! só por mero acaso...)  
Vossos olhos belos,  
Plácidos e meigos,  
Negros, fulgurantes,  
Sobre mim poisaram,  
– P’ra logo se afastarem  
Indiferentes, distantes...

Ao compor na rede  
A gostosa fruta,  
Um pouco vos baixastes  
E o decote largo  
Do vestido azul  
Afastou-se lento  
Como onda branda  
De cansado mar...

# Tomás Vieira da Cruz\*

---

\* 1900 - 1960





## Feiticeiro

Tu me enganaste e mentiste,  
tu me disseste naquele dia,  
que ela me gostava,  
que ela me gostava e me traía.

.....

Aquele dia era noite,  
Aquele noite era luar...

.....

Tu me disseste, feiticeiro,  
que ela me gostava,  
que ela me gostava e me traía.

.....

E a lua, lá em cima,  
cúpula de noite,  
catedral de estrelas,  
a lua era a minha religião,  
a minha Arte, o meu sonho,  
– e a minha fantasia...

.....

Tu me enganaste, feiticeiro,  
mas se tu não me enganasses  
Eu morria!

## Vunge

Anoitece de repente  
No muceque Burity  
E aquela fula gentia,  
trazida de longes terras,  
é a noite do calvário  
constantemente a chorar.

No mar um barco partia,  
e seguia, rumo ao norte  
levando o seu namorado  
para a vida militar.

E Vunge, a fula gentia  
Chorava perdidamente!

Ao longe já mal se via,  
uma luz verde, – tão verde ! –  
que no mar largo seguia!

Um grande amor só é grande  
quando algum dia se perde.

E Vunge, a fula gentia  
a do sorriso de prata,  
a chorar quase se mata  
a chorar quase sorri...

Anoitece de repente  
no muceque Burity

## Coqueiro

Ali, na Rua do Carmo,  
um coqueiro ficou abandonado,  
quando destruíram a casa velha  
a que deu sombra.



E onde um par enamorado  
teve sonhos de Amor,  
nesse pedaço de Luanda antiga  
agora modernizado.

E o coqueiro ligado à terra  
tombado na direcção  
da Rua da Pedreira,  
como um filho nos maternos braços  
ali ficou.  
Talvez para saudar alguém  
que muito sofreu e amou...

Mas tudo acaba e o tempo  
tudo anda a destruir  
– porque tudo é passageiro,  
quando se vive a mentir.

Ó pincelada verde na cidade,  
ruína e gótica coluna  
de mármore verde...

Morre, coqueiro, morre,  
Antes que os homens, tão maus,  
cometam a crueldade  
de te expulsar e matar.



Morrer de pura saudade...

E perdoa, mas sofre como um homem,  
coqueiro de verdes palmas,  
porque tudo, afinal, na vida, é triste,  
quando se matam Almas...

## Neta de Escravos

Na praia de Quicombo olhando o mar,  
como quem espera alguém que anda perdido,  
a triste e linda Ébo, a olhar, a olhar,  
tem lágrimas no rosto humedecido

Foram-lhe dizer, e Ela em seu cismar,  
ouviu a narrativa: “foi vendido,  
na leva dos que foram trabalhar  
p’ra terras do Brasil, o avô querido.

Que era o soba de toda a região...”  
E agora, vê lá tu, não temos pão,  
nós que tivemos os melhores mangais...

.....  
Pois isto, há muitos anos, foi assim...  
ainda espera quem não volta mais!

## Bailundos



Por esses longos caminhos  
os desertos povoando,  
passam negras comitivas  
de bailundos...

Descalços como Jesus,  
E os seus corpos mal cobertos,  
são negras sombras na sombra,  
que se eleva escuramente,  
sem um carinho de luz.

A noite é um borrão de tinta preta!

Mas a triste comitiva  
pisando bem o caminho,  
– estreito por ser tão longo  
como a vida dessas gentes,  
vai seguindo o seu destino  
cantarolando nocturnos,  
de baladas inocentes.

E quando o Sol acordar  
em seu berço oriental  
as comitivas andando,  
por carpetes de capim,  
que eu não sei onde vão dar,  
que eu não sei se têm fim,  
vencendo, altivamente, a luta forte  
desta vida de ilusão  
procuram inutilmente,  
mais longe, sempre mais longe,  
a Terra da Promissão.



...Ó mensageiros tristes da saudade  
que trago dentro de mim:  
Esse caminho é eterno  
E a minha Dor não tem fim!

Haveis de caminhar, sempre caminhar  
que nunca terá fim o vosso inferno!

– Não existe humanidade  
e o mundo foi sempre assim!



## Fruta

Quitanda da fruta verde,  
dá-me um gomo de laranja  
para matar esta sede.

Ou, então, será melhor  
dar-me um veneno qualquer  
porque eu ando perturbado  
e o meu sonho anda queimado  
por uns olhos de mulher!

.....

– Minha senhora, laranja,  
limão fresquinho, cajú,  
ananás ou abacate!...

.....

E a quitandeira passou,  
saudável, viva, graciosa  
com uma flor desfolhada  
no seu sorriso escarlate.

E no ar um som de música ficou  
e um perfume de fruta  
que não matou minha sede...

Ó agri-doce quitanda  
da fruta verde!...

## Mulata

Os teus defeitos são graças  
que mais me prendem, querida...  
Mistério de duas raças  
que se encontraram na vida.

E, no mato, em nostalgia,  
num exílio carinhoso,  
fizeram essa alegria  
do teu olhar misterioso.

E deram forma de sonho  
em seu viver magoado  
a esse estilo risonho  
fizeram essa alegria  
do teu corpo bronzeado...

Que é bem a grácil maneira  
em que a volúpia se anima,  
– bailado duma fogueira  
queimando quem se aproxima!

.....

A tua boca dolente,  
cicatriz de algum desgosto  
é um vermelho poente  
no lindo sol do teu rosto.

E os beijos que pronuncias  
são palavras dolorosas...  
Teus beijos são tiranias,  
são como espinhos de rosas...



Que me embriagam, amantes,  
no éter do seu perfume...  
Teus beijos são navegantes  
sobre as ondas do ciúme.

.....

Os teus defeitos são graças  
desse mistério profundo...  
Saudades de duas raças  
que se abraçaram no mundo!



## Quissange – Saudade Negra

Não sei, por estas noites tropicais,  
o que me encanta...  
Se é o luar que canta  
ou a floresta aos ais.

Não sei, não sei, aqui neste sertão  
de música dolorosa  
qual é a voz que chora  
e chega ao coração...

Qual é o som que aflora  
dos lábios da noite misteriosa!

Sei apenas, e isso é que me importa,  
que a tua voz, dolente e quase morta,  
já mal a escuto, por andar ausente,  
já mal escuto a tua voz dolente...

Dolente, a tua voz «luêna»,  
lá do distante Moxico,  
que disponho e crucifico  
nesta amargura morena...

Que é o destino selvagem  
duma canção em que tange,  
por entre a floresta virgem  
o meu saudoso «Quissange».

Quissange, fatalidade  
deste meu triste destino...  
Quissange, negra saudade  
do teu olhar diamantino.

Quissange, lira gentia,  
cantando o sol e o luar,  
e chorando a nostalgia  
do sertão, por sobre o mar.

Indo mar's fora, mar's bravos,  
em noite primaveril  
acompanhando os escravos  
que morreram no Brasil

.....  
.....

Não sei, não sei,  
neste verão infinito,  
a razão de tanto grito...

– Se és tu, ó morte, morrei!

Mas deixa a vida a vida que tange,  
exaltando as amarguras,  
e as mais tristes desventuras  
do meu amado Quissange!

## Muamba

A minha Lira mulata  
tem acordes tão amantes,  
que eu julgo serem de prata  
as suas cordas vibrantes.

Porque fiz d'Ela mulher,  
tem lábios cor de «pitanga»,  
da «pitanga» de comer,  
com adornos de missanga.

E os seus braços tão nervosos  
são dois ramos de palmeira,  
que me abraçam, duvidosos,  
e me prendem de maneira,

que eu não sei qual é melhor,  
se os seus beijos de «muamba»,  
se o «jindungo» deste amor...  
- Amor mulato... pitanga!

## N'Gola – Flor de Bronze

Filha de branco que morreu na guerra  
e dum pretinha linda do Libôlo,  
o teu olhar até de noite encerra  
todo o luar das lendas de Catôlo!

Ó flor estranha! já não tem consolo  
a tua mágoa, a tua dor na terra!  
Ó flor estranha do febril Capôlo  
neta dum soba que perdeu a guerra!

Estátua ardente em bronzeadas chamas  
que tentação e perdição derramas  
por sobre a história negra, quase finda!

Neta dum soba que acabou chorando,  
filha de branco que morreu lutando  
e dum pretinha tristemente linda!



# Viriato da Cruz\*

---

\* 1928 - 1973







## Sô Santo

Lá vai o sô Santo...  
Bengala na mão  
Grande corrente de ouro, que sai da lapela  
Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando o sô Santo passa  
Gente e mais gente vem à janela:  
- «Bom dia, padrinho...»  
- «Olá...»  
- «Beçá cumpadre...»  
- «Como está?...»  
- «Bom-om di-ia sô Saaanto!...»  
- «Olá, Povo!...»

Mas porque é saudado em coro?  
Porque tem muitos afilhados?  
Porque tem corrente de ouro  
A enfeitar sua pobreza?...  
Não me responde, avó Naxa?

- «Sô Santo teve riqueza...  
Dono de musseques e mais musseques...  
Padrinho de moleques e mais moleques...  
Macho de amantes e mais amantes,  
Beça-nganas bonitas  
Que cantam pelas rebitas:

«Muari-ngata Santo  
dim-dom  
ual'o banda ó calaçala  
dim-dom  
chaluto mu muzumbo  
dim-dom...»

Sô Santo...

Banquetes p'ra gentes desconhecidas  
Noivado da filha durando semanas  
Kikoto e batuque pró povo cá fora  
Champanha, 'ngaieta tocando lá dentro...  
Garganta cansando:  
«Coma e arrebenta  
e o que sobrar vai no mar...»

« Hum-hum  
Mas deixa...  
Quando o sô Santo morrer,  
Vamos chamar um kimbanda  
Para ' Ngombo nos dizer  
Se a sua grande desgraça  
Foi desamparo de Sandu  
Ou se é já própria da Raça...»

Lá vai...  
descendo a calçada  
A mesma calçada que outrora subia  
Cigarro apagado  
Bengala na mão...

... Se ele é o símbolo da Raça  
ou vingança de Sandu...

## Namoro

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado  
e com letra bonita eu disse ela tinha  
um sorrir luminoso tão quente e gaiato  
como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas  
espalhando diamantes na fímbria do mar  
e dando calor ao sumo das mangas.  
Sua pele macia – era sumaúma...  
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas  
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo  
tão rijo e tão doce – como o maboque...  
Seus seios, laranjas – laranjas do Loge  
seus dentes... – marfim...

Mandei-lhe essa carta  
E ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão  
que o amigo Maninho tipografou:  
«Por ti sofre o meu coração»  
Num canto – SIM, noutro canto – NÃO  
E ela o canto do NÃO dobrou.

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete  
pedindo rogando de joelhos no chão  
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,  
me desse a ventura do seu namoro...

E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama  
a areia da marca que o seu pé deixou  
para que fizesse um feitiço forte e seguro  
que nela nascesse um amor como o meu...  
E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,  
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,  
paguei-lhe doces na calçada da Missão,  
ficámos num banco do largo da Estátua,  
afaguei-lhe as mãos...  
falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço,  
como um mona-ngamba.  
Procuraram por mim  
«- Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?»  
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair  
levaram-me no baile do sô Januário  
mas ela lá estava num canto a rir  
contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário

Tocaram uma rumba – dancei com ela  
e num passo maluco voámos na sala  
qual uma estrela riscando o céu!  
E a malta gritou: «Aí, Benjamim!»  
Olhei-a nos olhos – sorriu para mim  
pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim.

## Dois Poemas à Terra

(Para Jorge Luís)

Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã  
nossa Mãe Terra,  
a qual nos sustenta e governa,  
e produz frutos diversos  
com flores coloridas e ervas.

*S. Francisco de Assis (Cântico do Irmão Sol)*

### I

Oh Terra, oh Terra! Oh minha Mãe Terra!!

Sim  
eu sou uma força de amor à humanidade e às super-e-sub  
humanidades!  
Sim, eu sou uma força de ódio a tudo quanto algema o Ideal –  
esse presente que se nega, superando-se  
no desejo de vir a ser maior!  
Eu sou, sim, sou um fanal  
um fanal de emoção  
ante a beleza das coisas e dos homens!

Mas sou amor, ódio, emoção  
mas sou uma força a influir no destino do que me cerca  
graças a ti  
a ti, ó Mãe Terra!  
Graças aos meus nervos, às minhas carnes, aos meus olhos,  
à minha voz – a este corpo!  
do barro do teu chão  
da água das tuas fontes

Só por ti consigo ser  
o amor que transforma para melhor,  
o ódio libertador que atemoriza, arrasa e silencia,  
a emoção que dinamiza a apatia  
rasga as trevas  
e vence os impossíveis

- A humanização do mundo!  
Oh!  
Oh Terra!, Oh Terra, oh nossa Mãe Terra...

## II

Tal qual o céu me aproxima no espelho dos lagos,  
não preciso subir aos longes metafísicos  
para a boa conduta humana conhecer



- basta-me olhar-te, ó Terra!

São exemplo de solidariedade  
os grãos de areia que da base ascendem  
para o espanto olímpico das alturas dos cumes...

E o abraço universal dos rios, enlaçando  
vilas, aldeias e cidades  
campos e países,  
dá-me a lição da fraternidade...

E a beleza harmónica dos plainos pontilhados  
de plantas várias e variegadas flores,

e o amor aberto nos cálices abertos esperando  
o amplexo do pólen vindo  
quer num verso musical do vento



quer na paleta voejante  
das asas-íris de uma borboleta,

e a infância cuidada e doce das árvores nos frutos,

– de onde vêm, de onde vêm senão, ó Terra,  
do seres o berço de todos,  
o regaço de todos  
a Mãe ubérrima livremente dadivosa e igual – de todos?..

Oh!  
Oh Terra! Oh Terra, oh nossa Mãe Terra...



## Serão de Menino

Na noite morna, escura de breu  
enquanto na vasta sanzala do céu  
de volta de estrelas, quais fogaréus,  
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu  
ao quente da voz  
de suas avós,  
meninos se encantam  
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça  
dona de cabra sem macho...

.....

... Matreiro, o cágado lento  
tuc...tuc...foi entrando  
para o conselho animal...  
(«- Tão tarde que ele chegou!»)  
Abriu a boca e falou –  
deu a sentença final:  
«- Não tenham medo da força!  
Se o leão o alheio retém  
- luta ao Mal! Vitória ao Bem!  
tire-se ao leão, dê-se à corça.»

Mas quando lá fora  
o vento irado nas frestas chora  
e ramos xuaxualha de altas mulembas

e portas bambas batem em massembas  
os meninos se apertam de olhos abertos:

- Eu é

- É casumbi...

E a gente grande –  
bem perto dali  
feijão descascando para a quitanda –  
a gente grande com gosto ri...

Com gosto ri, porque ela diz  
que o casumbi males só faz  
a quem não tem amor, aos mais  
seres buscam, em negra noite,  
essa outra voz de casumbi  
essa outra voz – Felicidade...

## Rimance da Menina da Roça

A menina da roça  
está no terreiro  
cosendo a toalhinha  
pró seu enxoval...  
- « Que céu tão lindo!,  
e o encanto da mata!...  
Ai, tanta beleza  
No cafezal...»

A menina da roça terá poesia  
terá poesia nos olhos de mel?

A menina da roça  
chega à janela  
e na estrada branca  
a vista alonga...  
- «É o carro a vir?!»  
Não... é o bater compassado  
do aço de enxadas  
dos negros na tonga...

A menina da roça tem é um namoro  
tem um namoro com um motorista

A menina da roça  
veio à varanda  
e os olhos erra  
no verde à toa

– « Está ele a chegar?!»  
Ah... são negros pilando  
dendém para azeite  
na grande canoa



(Prucutum, lá do telheiro,  
vai chamar o meu amor)

A menina da roça  
acorda à noite  
ouviu um barulho  
na escuridão  
- «O carro chegou!...»  
oh...é o pulsar  
apressado  
do seu coração

(Porque bates tão depressa, coração alucinado?  
coração alucinado, espera que o dia amanheça)

- «Já viu a minina?...»  
«Hem...tem cor marela  
do mburututu...»  
- «E não come nem nada...»  
- «E os olhos de mel  
‘tão-se afundar  
num lago azul  
que faz sonhar...»  
Conversam as negras  
à boca apertada

(Minha dor, ninguém a saiba –  
não há peito em que ela caiba)



A menina da roça  
escuta dorida  
a triste canção  
que vem do rio.

Que vem do rio? – Que vem do peito:  
baixinho, lá dentro,  
chora de amor  
o coração

Menina da roça – águas do rio  
saudades da fonte... desejos de amar.

## Sá da Bandeira

Retouçando louça nas espaldas da Chela  
Sá da Bandeira tem  
policromias, fulgências, feitios e transparências  
de um pratinho de louça  
de Rouen.

Mal ainda o sol aflora no horizonte, já ela –  
Nas faces da manhã – a frescura do clima  
No sangue de luz – uma alegria vermelha e sonora  
do vermelho de que se cora a maçã  
que a terra óptima produz – já ela  
Pela voz argentina dos regatos e das levadas  
Canta a cavatina da Fertilidade  
que lhe ensina a fonte  
da Senhora do Monte!...

Cidade académica! Cidade que marca  
nos passinhos da criançada  
que a caminho da Escola  
as ruas jubila  
nos passos firmes dos jovens do Liceu  
o ritmo inicial da marcha em crescendo  
do progresso da Huíla! Do Progresso de Angola!  
Em ti, Sá da Bandeira,  
maravilho-me do estupendo manifestar dos elementos:  
– as chuvas torrenciais, o estrondo do trovão,  
a fogagem poética do vento  
voando a tua saia azul – do azul do céu...  
e pondo ao léu as rendas-nuvens da tua combinação...

Amo, Sá da Bandeira,  
os cromos miniaturais  
da tua paisagem:  
– o felpe verde-pompa da capa cinzenta  
que assenta na lombra fria dos teus morros, e alfombra  
o entre-casario devoluto  
dos teus bairros...  
o abandono humilde e hirsuto  
dos teus eucaliptais...  
As devesas... as tuas hortas... os teus pomares...  
e o reposteiro simpático de trepadeiras  
espreguiçando-se em flores nas tranqueiras  
e escondendo a intimidade ciosa dos teus lares...

Adoro a graça mansamente provinciana  
e apaixonante  
dos grupos de tuas moças  
passeando em torno ao jardim municipal  
à bondade envolvente e amorosa dos teus crepúsculos  
e sob o olhar cansado e vigilante  
do senhor Câmara Leme...

Amo-te, enfim, na harmonia pictórico-sinfónica  
das tuas louçanias  
fulgências  
sonidos  
e transparências  
de um...  
    pratinho de louça  
    de Rouen...

1 de Novembro 1951

## Makèzú

«Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»  
.....

O pregão da avó Ximinha  
É mesmo como os seus panos,  
Já não tem a cor berrante  
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha  
Mas de manhã, manhãzinha,  
Pede licença ao reumático  
E num passo nada prático  
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro  
Que se levanta altaneiro  
No cruzeiro dos caminhos  
Das gentes que vão p'ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros  
Nem alegres lavadeiras  
Dessa nova geração  
Das «venidas de alcatrão»  
Ouvem o fraco pregão  
Da velhinha quitandeira.

– «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»  
– «Antão, véia, hoje nada?»  
– «Nada, mano Filisberto...  
Hoje os tempo tá mudado...»



– « Mas tá passá gente perto...  
Como é qui tás fazendo isso?»

– «Não sabe?! Todo esse povo  
Pegô um costume novo  
Qui diz qué civrização:  
Come só pão com chouriço  
Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima,  
(Hum... mbundo kène muxima...)  
Qui o nosso bom makèzú  
É pra veios como tu».

– «Eles não sabe o que diz...  
Pru qué qui vivi filiz  
E tem cem ano eu e tu ?»

– «É praquê nossas raiz  
Tem força do makèzú!...»



# Poetas mortos, poesia viva

Laura Cavalcante Padilha





Ao ser convidada, pela União dos Escritores Angolanos, para posfaciar a antologia *Nuvem passageira* – uma recolha de obras de poetas mortos de Angola – confesso ter ficado apreensiva. Afinal, considero-me tão somente uma investigadora que, no Brasil, se tem dedicado ao estudo das literaturas africanas, em especial da angolana, há cerca de três décadas e, com certeza, sei que haveria colegas do próprio país que poderiam realizar a tarefa melhor que eu.

Em um segundo momento, a apreensão se transformou em alegria e entusiasmo, quando o projeto de publicação me foi descrito. Tratava-se, como logo pude perceber, de construir uma espécie de panteão da poesia de Angola e explico por quê. Os panteões, nas nações modernas, são edifícios onde se depositam restos mortais de cidadãos célebres, sobretudo os daqueles que são considerados heróis nacionais. Do mesmo modo, uma obra de resgate das vozes poéticas de cidadãos que acabaram por construir a história da literatura pátria se faz ela também um edifício do imaginário nacional, onde, no caso, o que restou do acervo dos poetas passa a se depositar. Trata-se de um modo de preservação da memória literária e, de certa forma, um gesto de afirmação e resistência frente a um processo cultural globalizante que insiste em rasurar, com suas artimanhas inclusivas, as manifestações simbólicas de nossas culturas locais.

Assim, a realização de *Nuvem passageira* vem demonstrar que, se os poetas aqui reunidos estão, no plano físico, mortos, sua poesia continua absolutamente viva, o que será comprovado cada vez que um leitor atravessar as portas do panteão e visitá-lo com o respeito que merece. O estudo, que a partir deste momento se fará, à guisa de posfácio, é o resultado de uma dessas visitas, a primeira delas

talvez. Tal posfácio deseja funcionar tão somente como uma espécie de roteiro – igual aos que nos oferecem nos museus – e nada mais que isso.

Desejo reiterar, por fim, nestas reflexões introdutórias, que todo e qualquer gesto de leitura marca-se pela arbitrariedade, pois cada leitor, como o visitante de um museu, escolhe a rota apontada por seu imaginário, sempre único, pessoal e intransferível. O meu gesto, portanto, segue a regra da arbitrariedade e elejo, como ponto inicial do roteiro, a forma de organização da obra, por ela começando minha travessia.

### 1. Sobre a organização da obra

Ao receber os originais de *Nuvem passageira*, a fim de elaborar o estudo atrás referido, fiquei agradavelmente surpresa com a concretização do projeto. Já havia sido informada previamente que a coletânea seria organizada por duas funcionárias da União dos Escritores, Filomena Gioveith e Seomara Santos. Tal idéia me agradara desde o princípio, pois entendi que a UEA tinha um propósito claro, ao convidar, para a seleção e recolha do material, duas leitoras que, embora cultas e competentes, não eram especialistas da matéria, por assim dizer. Desejava-se, com isso, que a antologia se fundasse na memória poética do povo angolano, em sua sensibilidade leitora, ao invés de representar uma escolha de ordem puramente acadêmica.

A seleção que acabou por ser feita revelou como a proposta original da UEA tinha razão de ser. Por ela se sustenta a idéia de que a poesia representa um elemento de força no campo da memória cultural angolana. Avalio que as organizadoras se empenharam em realizar – após cuidadosa e provavelmente exaustiva investigação em obras pontuais dos autores, antologias, textos esparsos, etc. – uma recolha competente e inovadora. É claro que qualquer seleção traz a marca do sujeito que a elabora e a que no momento se apresenta

não foge a este princípio. O resultado obtido, porém, é que deve ser ressaltado, pois por ele se mostra ter sido escolhido o que de melhor os poetas, já mortos, produziram durante sua trajetória de vida.

Por outro lado, fica evidente, pelo menos para mim que por tanto tempo venho lendo e analisando essa poesia, um outro dado fundante: dentre tantos poetas mortos que, de um modo ou de outro, se ligaram a Angola, a escolha recaiu naqueles que, na avaliação das organizadoras, mereciam a chancela de poetas angolanos, pelo pacto explícito de cumplicidade com sua terra natal.

Já agora, gostaria de chamar a atenção para o “acontecimento” do plano organizacional que me pareceu mais instigante: a opção por deixar de lado a ordem cronológica que, numa recolha como esta, representaria o caminho mais fácil, elegendo-se o ordenamento alfabético como o critério básico para a apresentação seqüenciada dos poetas e seus textos. Às vezes, de acordo com o que a leitura mostrou, elide-se ou inclui-se o prenome ou o sobrenome de um autor. Como comprovação, cito o caso de Cordeiro da Matta ou o de Mário António. Por seus nomes assim postos se recupera tão somente a imagem onomástica que a memória poética sagrou. Isso justifica o lugar ocupado por determinado autor no conjunto do panteão, já que ele pode, ou não, ser evocado pelo nome completo.

O ordenamento escolhido, de outra parte, torna a leitura surpreendente, pois aquelas idéias de legados, influências, origem e seqüenciação cedem lugar a um outro modo de percepção do acervo desses poetas mortos, percepção que enfatiza o conjunto, rasurando-se qualquer pressuposto de natureza temporal. Evidenciam-se, desse modo, as grandes linhas de força temáticas ou imagísticas dessa produção; as soluções formais buscadas; o desejo de recuperar a fala da terra, dela fazendo matéria de poesia, etc., como adiante tentarei surpreender. Rompem-se previsibilidades e os membros do panteão se sucedem sem qualquer forma de hierarquização apriorística. E

isso, convenhamos, não é muito comum, quando organizamos obras como a presente.

Para concluir esta parte, devo dizer que, no meu caso específico, tal ordenação onomástica me permitiu compreender as tramas de natureza temática e a recorrência daquilo que venho chamando de um ritmo poético angolano em diferença. Tal ritmo incorpora outras sonoridades, como a seguir veremos, e nos obriga a falar, às vezes, o texto poético, usando um outro compasso respiratório. São poemas que reforçam um traço da musicalidade própria da terra angolana, muitas vezes irrepetível.

*Nuvem passageira* se faz, no plano de sua organização, portanto, algo que acaba por contrariar o seu próprio título. O que está nessa antologia nada tem de passageiro. Os poemas resgatados se fazem nuvens, sim, mas uma nuvem especial que chamaríamos, com o dicionarista Antenor Nascentes, de *cúmulo*, com ele explicando que este *cúmulo* é “um tipo de nuvem de considerável desenvolvimento vertical, tendo uma base quase horizontal e as partes superiores abobadadas” (1972. v. II, p. 482-a). E não será essa talvez a visão que nos vem à mente quando pensamos a imagem de um panteão, ou seja, como sendo uma edificação de base plana e cúpula abobadada? Se me lembro que *cumulus*, em latim – origem do nosso português *cúmulo* – é uma palavra que significa “acervo”, penso ser pertinente afirmar que *Nuvem passageira* contribui decisivamente para fixar o grande acervo da poesia de Angola.

## 2. A natureza dos poemas: o gênero e a forma

Como ensinam os dicionários de nossa língua, que sempre gosto de buscar, como já visto, a palavra *antologia* vem do grego onde tinha a acepção de “escolha de flores”. No vocabulário botânico, tal sentido ainda se preserva, pois o termo é usado para indicar a área de estudos que tem as flores como o seu núcleo de investigação.

Em literatura, já o termo antologia designa uma coletânea de textos escolhidos de um ou mais autores. Desse modo, e fazendo as necessárias conexões, os textos literários se comparam, em uma antologia, a flores e, como elas, são selecionados para criar um arranjo que leve em conta sua beleza, harmonia, colorido, especificidade de dada categoria frente a outras, etc. A recolha que ora lemos é um desses “arranjos florais”, ao fim e ao cabo, e, como tal, deve ser pensada. Nela, percebe-se a preponderância absoluta dos poemas líricos e, por isso e brevemente, vale resgatar o que vem a ser um poema lírico.

Começo por lembrar que tal forma de manifestação poética encena, por palavras, sempre a experiência de um sujeito que, ao se projetar no texto, usando, geralmente, a primeira pessoa, recebe o nome de “eu-lírico”. Tal “eu” expõe sua visão de mundo, fala de si mesmo, de seus sentimentos, ânsias, aspirações, desejos, alegrias, frustrações, etc. Para dar um exemplo, escolho o breve poema de um autor angolano do século XIX, já citado por outra razão, Cordeiro da Matta, considerado um dos fundadores da poesia de Angola, juntamente com José da Silva Maia Ferreira, seu predecessor. O poema se intitula “A minha sina” e diz assim:

“É sem norte a minha vida,  
e num mar revolto vivo;  
escravo de dura lida  
eu sou a tudo cativo;  
atrás do ignoto corro,  
e na luta eu sofro, eu morro.”  
(p. 139)

Muitas vezes, porém, ao invés de se projetar diretamente no texto, o eu-lírico não se apresenta, escondendo-se, ou sob a forma de uma terceira pessoa, ou mesmo mostrando-se como alguém que conta uma história. No entanto, por trás dessa terceira pessoa ou desse contar, estão as emoções e a experiência do sujeito produtor



do texto e, em conseqüência, do eu-lírico por ele criado, como facilmente o leitor constata.

Há vários exemplos desse procedimento na antologia. Indico a leitura de “Era uma vez...” de Ant3nio Jacinto, onde ele recupera as lembranças de um mais velho, “V3v3 Bartolom3”, que se recorda de uma bela mulata, Teresa, como diz o poema: “– alumbramento de muito moço – ” (p. 104). A imagem do velho ao sol, o seu relembrar, a sua pobreza, a hist3ria de amor que, no final, saberemos ser a sua pr3pria hist3ria, s3o compartilhados pela emoç3o inclusiva daquele que conta, levando-nos a ler a sua pr3pria experi3ncia na experi3ncia projetada do outro por ele recuperado. No final, ouvimos o apelo carinhoso do eu-lírico at3 ent3o camuflado que, entrando no texto, nos diz:

“Chiu! V3v3 t3 dormindo!  
... O moço d’Ambaca sonhando...” (idem)

H3 muitos outros exemplos de poemas líricos escamoteados sob a capa de uma narrativa, de uma descriç3o, de uma an3lise de fatos, etc. O leitor facilmente encontrar3 variantes do processo. Por isso, transcrevo outro texto curto, dessa vez de David Mestre, para mostrar o entrecruzamento ou o mascaramento do lírico que toma uma esp3cie de forma narrativa, mas n3o deixa de reforçar as marcas textuais do seu g3nero:

#### “F3brica

Oper3rios falam, contam-se  
imensos  
na madraçaria  
fermento ao lume coado  
da tarde  
escorrem

iguais. À vida. De caras.”  
(p. 152)

Quanto ao arranjo gráfico dos versos, vê-se que a grande maioria dos poetas opta pela forma livre, embora respeitando a questão primeira do ritmo, isto é, daquilo que se faz a base da poesia, ela própria, antes de qualquer outra coisa, um jeito de ser música. A leitura da antologia nos revela a consciência do ofício por parte dos poetas que vão, pouco a pouco, consolidando o que, às vezes, pode, por exemplo, passar pelo som dos “tantãs”, como no texto de António Jacinto em que o poeta começa por nos dizer assim:

“O ritmo do tantã não o tenho no sangue  
nem na pele  
nem na pele  
tenho o ritmo do tantã no coração  
no coração  
no coração  
[...]  
(p. 102)

Vale apontar que são diversos os sons ou ritmos convocados. Em “Voz do sangue”, de Agostinho Neto, aparecem o “bataque” e o “blue”. Invocando-os, Neto procura adensar o ritmo do poema, para, por ele, revelar seu desejo histórico de ligar África à sua diáspora pelo mundo espalhada:

“Palpitam-me  
os sons do bataque  
e os ritmos melancólicos do blue  
[...]  
Ó negro da África  
negros de todo o mundo

eu junto  
ao vosso magnífico canto  
a minha pobre voz  
os meus humildes ritmos”  
(p. 89)

É esse ritmo que para mim nada tem de humilde, antes pelo contrário, que “Namoro” de Viriato da Cruz resgata de forma excepcional em todo o seu desenrolar, para explodir, na última estrofe, quando a “rumba” liga o sujeito que ama à jovem que, até então, não aceitara seu amor:

“Tocaram uma rumba – dancei com ela  
e num passo maluco voámos na sala  
qual uma estrela riscando o céu!  
E a malta gritou: ‘Aí, Benjamim!’  
Olhei-a nos olhos – sorriu para mim  
pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim.”  
(p. 322)

A rima pode, ou não, estar presente, mas a sonoridade do verso, sua espécie de dança maluca, seu ritmo, enfim, se fazem uma marca, qual tatuagem que não se apaga, nem do poema específico de Viriato, nem tampouco do conjunto da poesia angolana reunida nesta antologia.

Algumas vezes, os poetas optam por utilizar uma forma fixa, como o soneto, a balada, a ode e outras. Estão, nesse caso, os sonetos de Geraldo Bessa Victor – (cf. p. 191, 192, 194, 208); algumas formas fixas utilizadas por Tomás Vieira da Cruz, Lília da Fonseca, José da Silva Maia Ferreira, dentre vários.

No âmbito dessas formas fixas, ressalto aqui, como ilustração e pela brevidade que este texto requer, as odes muito bem trabalhadas

por Henrique Abranches. Elas são poemas de natureza lírica, tradicionalmente divididas em estrofes que têm um número igual de versos, estes também com um mesmo número de sílabas. A sua origem está na Grécia, onde a palavra *odé* significava canto, daí tais poemas serem cantados.

As modernas odes de Abranches, a exemplo do que se passa na obra poética de Walt Whitman, do heterônimo pessoano Álvaro de Campos, etc., rompem o esquema de similitude acima referido, ao mesmo tempo em que mantêm um certo gosto pelas rimas, o que não deixa de ser uma tentativa de preservação de uma similaridade que, no caso, se dá em cada final de verso, como se sabe. Lembro, à guisa de exemplificação, a primeira estrofe de “Ode solitária”:

“Misturam-se as ideias num concerto atonal,  
esvoaçam palavras com a brisa que vem da chana.  
Palavras de mensagem que perderam o Norte  
como grãos de uma areia leviana  
varrendo a paisagem matinal  
dum Namibe que cheira ainda a morte.”  
(p. 213)

Pode-se dizer, frente ao que nesse item se expôs, que, criando um padrão novo, pelo ritmo que se quer desestabilizador dos modelos versificatórios europeus; conservando as formas poéticas do cânone ocidental ou contaminando-as com uma dicção artística em diferença, os textos que formam a coletânea cumprem uma espécie de “Programa”, buscando o reforço do que se pode nomear como uma angolanidade poética. Para fechar, e como exemplo da força dessa poesia, resgato o excelente poema de António Neto que se intitula justamente “Programa” e é dedicado a um poeta português, profundo amante de sua terra e de sua gente, como o próprio poeta angolano, aliás:

“ Para Miguel Torga

Seja a poesia  
O que nós quisermos que seja...  
... Não venha ao sabor do dia  
Porque os dias são instantes no caminho!  
–: Não cante a voz  
Mais alto que nós!”  
(p. 123)

### 3. Temas e imagens nuclearizadores

Após a leitura da obra, o levantamento temático e a análise das suas imagens recorrentes, pude perceber a existência de uma espécie de elemento nuclearizador que, sob diversas formas e perspectivas, acaba por se tornar o principal fio condutor da antologia, aparecendo, com variantes, quase que da primeira à última página. Trata-se do amor que, no poema-abertura da coletânea, sustenta o seu título: “Meu amor da Rua Onze”, de autoria de Aires de Almeida Santos. Nesta primeira manifestação do tema, o leitor se depara com o sentimento amoroso do eu-lírico que assim se expressa:

“Tantas juras nos trocámos,  
Tantas promessas fizemos,  
Tantos beijos nos roubámos,  
Tantos abraços nos demos.

Meu amor da Rua Onze,  
Meu Amor da Rua Onze  
Já não quero  
Mais mentir.”  
(p. 23)

Quando a antologia se fecha, ela o faz com um outro poema de amor, só que de amor pela terra angolana, terra simbolizada pelo “Makèzú”, cantado por Viriato da Cruz. Nele, “o pregão da avó Ximinha” – “Kuakié!.. Makèzú, Makèzú...” (p. 333) – significa a pujança da voz da terra, cuja seiva não se deixa morrer, como se dá com os velhos que compõem a cena e são, antes de tudo, seres resistentes:

“– ‘Eles não sabe o que diz...  
Pru qué qui vivi filiz  
E tem cem ano eu e tu?’

– ‘É praquê nossas raiz  
Tem força do makèzú!...’”  
(p. 334)

Diante da vitalidade recorrente do tema do amor que habita o imaginário dos poetas, faço dele o núcleo desta parte do meu texto, por acreditar que, mesmo quando o sentimento expresso no poema parece ser de raiva, desencanto, inconformismo ou ódio declarado, percebe-se que, por trás dele, há o amor por alguma outra coisa ou ser, amor que foi negado, esquecido ou vilipendiado por alguém. Assim é o amor do amor que conta.

São várias as formas de amor, portanto, que aparecem na antologia: amor do sujeito lírico por outro ser, ou seja, como um afeto de ordem pessoal; amor pela terra; amor pelos iguais ou pelos irmãos, se quiséssemos, ou mesmo amor pela poesia que se faz também um corpo amoroso. Dessas formas e das paisagens imagísticas, às vezes surpreendentes, que por elas se criam, começo por falar a partir de agora.

### 3.1. O sujeito amoroso e sua procura do outro

Desde sempre os poetas gostaram de falar de amor. Dante

Alighieri, ao fechar a sua *Divina comédia*, reafirma ser o amor o elemento “que move o sol e as outras estrelas”; Camões refere-se a este sentimento, descrevendo-o como “fogo que arde sem se ver” ou como “ferida que dói e não se sente”; Djavan, compositor brasileiro, nos lembra ser o amor “um laço”, “um passo para uma armadilha” ou “um lobo correndo em círculos / para alimentar a matilha”. E iríamos por aí.

Tentando uma impossível síntese, pode-se afirmar que o amor é o impulso afetivo mais profundo do ser humano, impulso que o mobiliza para procurar, no outro, a sua própria completude perdida, lembrando aqui o filósofo grego Platão. É cantado, na literatura, como sentimento avassalador, às vezes paixão sem limite que quase leva à loucura. Volto a Aires de Almeida Santos e nele leio:

“Tanta loucura e doidice  
Tinha o nosso amor desfeito  
Que ainda sinto no peito  
Os abraços que nos demos.

E agora  
Tudo acabou.”  
(p. 24)

Também Mário António evoca essa loucura no poema “O henda i xala” que, por sua brevidade, transcrevo:

“A loucura tocou as nossas mãos.  
Súbitas luzes passam nos teus olhos.  
O excessivo pudor nos aproxima:  
Riqueza dos segredos revelados!

Não importa a incerteza e o impossível:  
Deles e nós, conscientes, nos sorrimos.

Para além do momento, nós sabemos:  
O amor ficará – O HENDA I XALA”  
(p. 272)

O mesmo Mário António, a exemplo do que faz Aires de Almeida Santos, traz o amor para o palco da cidade. No caso de Aires, evoca-se a “Rua Onze” e, em consequência, a cidade de Benguela; em Mário António, o palco é o largo da Mutamba, a cidade é Luanda e o local onde o amor se realiza, ou mesmo o sonho se faz impossível, é o “maximbombo da linha quatro”, linha quatro, aliás, que dá título ao poema (cf. p. 282). Cito uma estrofe:

“Irei prá bicha da linha quatro  
atrás de ti. (Nem o teu nome!)  
Atrás de ti sem te falar  
só a querer-te.”  
(idem)

Em “Carta de um contratado”, Jacinto mostra a universalidade da linguagem de amor. No caso, mesmo que o sujeito amoroso não tenha como materializar, pela escrita, tal linguagem e o objeto do amor não possa lê-la (grave denúncia, aliás, da questão do analfabetismo no país), ela segue o seu rumo, sendo uma linguagem facilmente decodificada por todas as coisas existentes na natureza. Sem se poder realizar, a carta se concretiza, no jogo antitético do poema que, de certo modo, chora o destino do contratado, distante da terra, e cujo amor, resistente, se conserva em cada detalhe vivido que volta pela lembrança de um tempo irremediavelmente perdido e sem possibilidade de realizar-se sequer como letra:

“Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio



de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue  
desta saudade a que vivo todo entregue...”  
“(p. 112)

Por sua vez, em “Momento”, Alda Lara, pela voz do eu lírico, nos pinta uma cena de apaziguamento trazido pela presença do ser amado, construindo, assim, por palavras, um “momento” de uma delicadeza poética muito grande. O amor, realizado, suspende as tensões e o sujeito, qual pássaro, se aninha no corpo querido:

“Deixa-me poisar assim  
sob as asas dos teus braços  
tonta de sono e fadiga...

Deixa-me poisar assim,  
abandonada em silêncio,  
embalada pela voz amiga  
dos gestos  
perfeitamente exactos...”  
(p. 58)

A busca do ser amado, a ânsia de completude e de realização amorosa levam, muitas vezes, o poeta, como se fosse um escultor diante de sua obra, a debruçar-se, em contemplação, sobre o corpo querido e por ele talhado em palavras. José da Silva Maia Ferreira nos apresenta esse quadro em “O teu seio – É belo”, recuperando-nos uma espécie de cromo típico do século XIX, com o poeta descrevendo o branco corpo da mulher desejada.

Maurício Gomes, por sua vez, já no século XX, repete o gesto de contemplação, só que mudando o cenário para o do mercado popular, lugar do encontro com aquela que o deslumbra e que tem o corpo da terra. Cito, na íntegra, o poema de Maia Ferreira e fragmentos de “Doçura” de Maurício Gomes, respectivamente:

**“O teu seio – É belo**

O teu seio – É belo  
E da mais alta brancura,  
Quando meigo arfa constante  
A mais cismada ventura:  
Teus cabelos de cor de oiro  
São do mundo o meu tesoiro  
Quando soltos a brilhar;  
Pois será sempre o teu rosto  
O mais divino composto  
Que na terra hei-de adorar.”  
(p. 254)

**“Doçura**

Quando a fitei extasiado  
Suas mãos pálidas, mimosas  
Escolhiam frutas bem cheirosas  
Num recanto calmo do mercado.  
[...]  
Ao compor na rede  
A gostosa fruta  
Um pouco vos baixastes  
E o decote largo  
Do vestido azul  
Afastou-se lento  
Como onda branda

De cansado mar...”  
(p. 300)

Vê-se que os sujeitos amorosos sentem prazer na descrição do corpo de seu objeto de desejo, sendo os seios, em ambos os poemas, o ponto privilegiado desse corpo que é, ora branco, ora de cor indefinida, corpo que, em “Mulata”, de Tomás Vieira da Cruz, se cobrirá de sensualidade e de um pouco de exotismo, talvez a principal marca dessa mulher por ele cantada e cujos

“[...] defeitos são graças  
desse mistério profundo...  
Saudade de duas raças  
que se abraçaram no mundo!”  
(p. 312)

Para concluir este segmento, não posso deixar de lembrar que nem sempre é tudo contemplação, saudade, lembrança de um amor perdido, etc. Às vezes, o poeta extravasa o seu erotismo, dele fazendo uma força que nada pode conter, como se dá em “A serpente” de David Mestre, poema composto de quatro quadras e em que se descreve o ato erótico como uma espécie de rito de iniciação. Cito a primeira e a última estrofes como exemplo desse novo modo, carnal, de dizer o amor, reforçando-se nele o lugar do sujeito:

“Eu sou o grito, eu sou Javite  
em tua árvore de Cabinda  
eu sou o caçador, eu sou o fusil  
mulher feita de bimba  
[...]  
Eu sou a flecha, a zagaia quebrada  
Eu sou o macho estupendo e bravo  
Eu sou a serpente secreta e rápida  
O sol solto às praias de N’ Zambi.”  
(p. 154)

Esse debruçar-se sobre o corpo amoroso, essa busca do objeto de prazer, ou mesmo de contemplação, quase sempre, do corpo feminino – pelo fato mesmo de que a grande maioria dos poetas da antologia são homens – fazem com que haja uma forte encenação de figuras de mulher no conjunto composicional da obra. Vale ressaltar outro dado importante, ou seja, que, se a mulher, inicialmente, como no poema de Maia Ferreira atrás referido, pode ser, seguindo o modelo europeu, branca, loira, etc., o paradigma vai mudando e tanto o corpo mulato toma lugar na cena – cf. Aires de Almeida Santos, p. 29 ou Tomás Vieira da Cruz, já citado – quanto o corpo negro passa a ser o grande objeto de exaltação – cf. Cordeiro da Matta, p. 140. A registrar-se, que esse corpo feminino é, muitas vezes, o duplo da imagem da própria Angola, ou da África como um todo, consoante o que a seguir se mostrará, quando se focar a segunda variante do tema.

### 3.2. Um canto de amor à terra

Desde o século XIX, de modo especial, há um adensamento, no corpo da textualidade literária de Angola, de imagens pelas quais se propõe uma espécie de novo enraizamento simbólico que tem na terra – às vezes representada como África e, sobretudo, como Angola – seu principal ponto de sustentação. Não por acaso, o primeiro poema de abertura da antologia aponta para esse enraizamento, quando o imaginário do poeta convoca a “Rua Onze” e, com ela, como já dito, Benguela, uma das metáforas da força do nacional como diferença, já agora composta no século XX.

Se puxarmos o fio do tempo, encontramos, ainda no dezenove, a voz de Maia Ferreira, a cantar a sua terra, enfatizando o olhar para aquela diferença fundante pela qual o local da cultura própria – angolana – se afirma frente à alheia – portuguesa – que, a partir do fato colonizatório, se fez a cultura dominante, imposta a ferro e fogo ao homem africano.

Cito a estrofe inaugural do poema:

“Minha terra não tem os cristais  
Dessas fontes do só Portugal,  
Minha terra não tem salgueirais  
Só tem ondas de branco areal.”  
(p. 237)

Dizendo o que a terra não tem, o poeta obriga a que se olhe para o que ela tem. No fundo da cena de um procedimento que se poderia pensar como não valorativo, expande-se o amor pela terra, confrontada também, no poema, com o Brasil, talvez o modelo poético-cultural substitutivo na percepção do poeta. Este será o caminho apontado, mais tarde, também por Maurício Gomes, ao propor que se criasse a poesia de Angola, seguindo o modelo de criação da brasileira – cf. “Exortação” (p. 291). Voltando a Maia Ferreira, com cortes:

“Mesmo assim rude, sem primores da arte,  
[...]  
    É minha pátria!  
Minha pátria por quem sinto saudades,  
[...]  
E com tão viva força qual sentiste,  
Quando no cume da Tijuca altiva  
Meditando escreveste em versos tristes,  
[...]  
As saudades dos lares teus mimosos!”  
(p. 241)

Repare-se que o poeta diz pátria e invoca a terra, pois a nação não se mostra ainda nem como sonho nem como aspiração, o que se dará no século XX, em especial depois dos anos quarenta. De certo modo, essa terra ganha voz mais firme

e forma de linguagem própria, ainda no oitocentos, com Cordeiro da Matta, quando ele traz, como outros poetas do tempo, o quimbundo para a cena de seu texto, o que se dá, principalmente em “Kicôla!”, para cuja leitura remeto – (p. 146 e 147). Mas será com o projeto do “Vamos descobrir Angola!”, construído pela palavra de ordem dos Novos Intelectuais (1948), que a busca do reforço do próprio se sedimenta. Nesse momento, não apenas como se dá no século XIX, o “processo de adaptação da cultura e da literatura” de certo modo amadurece, pensando com o crítico brasileiro Antonio Candido (1987, p. 168), mas a desalienação grita a sua urgência. É então que o imaginário angolano insiste na necessidade de um novo canto, movido pela diferença da cultura nacional, construída com a força dinâmica da terra. Agostinho Neto anuncia assim esse regresso ao que significa, dizendo:

“Nós estamos regressando África  
e todo o mundo estará presente  
no super-batuque festivo  
sob as sombras do Maiombe  
no carnaval grandioso  
pelo Bailundo pela Lunda”  
(p. 98)

Tal festa da terra, que o eu-lírico do poema de Neto nomeia como “carnaval”, é o que a quase totalidade, se não a totalidade dos poetas aqui reunidos, busca reforçar. Citá-los todos seria impossível. Creio mesmo que muitos já foram aqui convocados, quando se pensou no ritmo angolano ou em outros momentos, como, por exemplo, ao se falar de ruas, cidades, resistência, etc. Há poemas mesmo que hoje se apresentam como paradigmas desse canto de amor à terra, como os de Alda e Ernesto Lara que, nos moldes de Aires, cantam Benguela, invocando suas rubras acácias, a Rua Onze e tantos outros sinais que reforçam o olhar amoroso sobre a terra natal. Cito apenas partes do “Regresso” de Ernesto Lara

Filho, não por acaso dedicado à irmã que também assina um poema com o mesmo título (cf. p. 52 a 54).

**“Regresso**

para Alda Lara

Um dia  
quando voltares,  
não mais encontrarás à tua espera  
a nossa casinha de adobe  
da rua principal.  
[...]  
Nem as Acácias Rubras  
hão-de florir  
para ti  
quando voltares.”  
(p. 184 e 185)

Deolinda Rodrigues também resgata esse amor pela terra, amor que caminha do todo para a parte, ou seja, da África, percebida na sua figuração simbólica como mulher e mãe, para Angola, com “quem”, pois é mãe, a voz lírica se identifica, conforme comprovam versos da primeira de suas “Quatro mensagens de vida”:

“África  
Mamá África  
Geraste-me no teu ventre  
nasci sob o tufão colonial  
chuchei teu leite de cor  
[...]  
Tú que me geraste  
não me mates  
não praguejes um rebento teu,  
senão  
não tens futuro.

Não sejas matricida  
Sou Angola, a tua Angola.”  
(p. 163)

Essa Angola mulher, por assim dizer, ganha corpo em muitos poemas, passando a ter cor. É disso que fala ainda Maurício Gomes em “Se a minha terra é de cor”, reforçando que tal cor se espalha

“nos corpos tão negros  
dos pretos,  
das pretas,  
nas estrelinhas trementes,  
– lágrimas de Deus  
derramadas

pelos negros inocentes – ”  
(p. 299)

Há mesmo uma espécie de fio imaginário a ligar alguns poemas entre si, poemas que têm, nas imagens de mulher, muitas vezes, o duplo simbólico da terra que, como ela, é sempre mãe e nutriz. Muitos deles recuperam esse corpo de cor da terra e, para tanto, valem-se de imagens de mulher para melhor plasmá-lo. É o que se dá em “Uma quissama” de Cordeiro da Matta; “Kalunga” de Agostinho Neto; “Era nos tempos dos tamarindos” de Ernesto Lara Filho, onde surge a figura de Zenza Niala; “Lemba” de Geraldo Bessa Victor; “O Pensador” de Henrique Abranches e tantos outros, para não cair na armadilha do gosto pela enumeração.

Há sempre, nesses e em outros textos, um olhar para a terra, recuperando-se seu corpo como o de uma mulher ou o corpo de uma mulher como o dela, terra. Busco, como exemplo, “Lemba”, de Geraldo Bessa Victor que canta a quitandeira, usando-a como símbolo de resistência, que penso ser dela e da terra, seu duplo:



“Ainda a noite reina pelas lavras  
e estende o seu manto  
mais para além das lavras...  
[...]  
já tu deixas o teu *quimbo*  
a tua pequena herdade,  
e vens para a cidade,  
para fazer negócio, com afã...”  
(p. 196)

Como uma espécie de síntese ou de paradigma desse canto de amor a Angola, da força positiva que é a afirmação do local da cultura, marcado pela pujança de seus mitos, símbolos, poderosos sinais da diferença, enfim, proponho a leitura de “O Pensador” de Henrique Abranches, em sua totalidade. O poema é um belo resgate de um desses sinais, no caso, em forma da pequena estatueta oval que se torna um dos significantes simbólicos mais produtivos do imaginário nacional. Cito, com cortes, o início e o fim do poema, para com ele fechar este segmento de meu próprio texto, deliberadamente apresentando um recorte talvez mais longo do também longo poema:

“Ela está sentada  
a Mãe-Pensador.  
[...]  
Ela está sentada  
a Mãe-Genitor  
sobre o seu andor.  
Mas não como a Senhora dos ausentes.  
Nem como a virgem dos doentes  
Nem como a Nossa Senhora das Dores.  
[...]  
A Mãe-Pensador é nós,  
na nossa mente.  
Ela é a nossa longa consciência.

Ela não tem senão um velho pó  
como palavras justas em roda duma oval.  
[...]  
Ela olha e vê  
pelo tempo fora,  
o cortejo de filhos e de netos  
dos filhos dos netos dos bisnetos,  
habitarem cada campo e cada canto  
desta Pátria que foi mundo novo.”  
(p. 215, 216, 219 e 220)

É esta Pátria, com maiúscula, o grande objeto do amor desses poetas mortos, conforme a leitura facilmente comprova. Filhos desse mundo novo tão pouco reconhecido pelos invasores de sua terra, eles seguiram cantando – e fecho com o último verso do poema de Abranches – “a formidável linhagem de seu Povo.” De novo e, para sempre, Povo, com a maiúscula que o define e, por isso mesmo, ganha corpo no corpo da poesia que se faz um gesto de resistência, como a seguir se verá.

### 3.3. Gestos de amor da resistência e da esperança

Se há uma palavra que serve para sintetizar a história literária de Angola, desde sempre, parece-me que é resistência. Como bem explicita Alfredo Bosi, outro crítico brasileiro, a resistência é um conceito ético de que o estético muitas vezes se vale, sempre que o produtor de textos precisa apelar para sua “força de vontade que resiste a outra força” a ele externa. E Bosi continua: “Resistir é opor a força própria à força alheia” (2002, p. 118). Nos textos recolhidos em *Nuvem passageira*, essa força tanto se revela no nível temático, como se faz presença no plano enunciativo ou, nas palavras do crítico, como um “processo inerente à escrita” (idem, p. 120), daí o reforço do ritmo angolano, como já aqui citado.

Já se tornou uma questão recorrente, nos estudos sobre a poesia de Angola, e mesmo da africana de modo mais abrangente, a afirmativa de que tal poesia como que se transforma em espécie de arma de defesa, no caso específico das de língua portuguesa, contra a lusa dominação colonial. Basta que se leia a *Antologia temática da poesia africana*, organizada em dois volumes por Mário Pinto de Andrade (1977 e 1979) – “Na noite grávida de punhais” e “Poesia com arma” –, ou mesmo *Poesia com Armas*, obra anterior de Costa Andrade (1975), para que se comprove essa “força opositora” da poesia angolana. Ela se transforma em um instrumento de resistência e, nesse sentido, para impor os valores nacionais, denuncia a opressão e a violência que se abateu sobre o homem angolano, privado de sua própria subjetividade e transformado em objeto pela pulsão colonialista. A escravidão e o contrato são exemplos dessa visão reificadora, pois ambos representam duas das lâminas mais afiadas que laceraram o corpo histórico do negro angolano, aqui deixando de lado o seu apagamento cultural como um todo: língua; religião; mitos; ritos sociais, etc.

Pela “mão do poeta” e, em consequência, por sua voz, para usar a bela metáfora de Agostinho Neto, pode-se ouvir, como ele afirma, a

“[...] voz ritmada das enxadas  
nos terrenos adubados pelo sangue da sujeição  
pela tua voz milhões de vozes fraternidade  
amor  
situadas para lá das algemas para lá das grades  
sempre livres sempre fortes sempre grito sempre riso”  
(p. 96)

As vozes poéticas reunidas nessa antologia se fazem “vozes fraternidade” ou “vozes amor”, como ensina Neto. Elas acabam por sonorizar o ritmo, ou o batuque da “liberdade / entre as cubatas escravas

da vida” (idem). O poema funciona como um libelo, ao cenarizar o que venho chamando, desde algum tempo, de uma estética da privação, resultante daquele “sangue da sujeição” referido pelo poeta.

O texto “A sombra das galeras”, de Alexandre Dáskalos, se pode tomar como paradigma desse gesto de resistência e, conseqüentemente, de denúncia da dor causada pela escravatura e da urgente necessidade de o sujeito histórico angolano daquele tempo gritar a sua condição de ser para a liberdade e o seu não-conformismo. Cito os versos finais que incitam o homem de Angola a “gritar para os espaços”:

“– Não sou cativo!  
A minha alma é livre, é livre  
enfim  
liberto, liberto vivo...

Mas... porque esperas?  
Ah! mata, mata no teu sangue  
o presságio da sombra das galeras!”  
(p. 63)

Ainda o mesmo Dáskalos, em “Que é S. Tomé” enfoca a outra forma de escravidão, o contrato, também objeto, como vimos, do olhar poético de António Jacinto. O quadro apresenta o retorno do contratado, mostrando-o como uma espécie de ser alienado da realidade angolana. Repare-se como se descreve sua figura, sendo sua situação “chorada” pela voz poética:

“Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.  
Aiué!”  
(p. 68)

Vários poemas até agora citados mostram os caminhos da resistência, percorridos pelos poetas e por seus textos. Ela se apresenta como um modo de opor-se a várias situações, pois a privação aparece, ora como sendo gerada pelo “tufão colonial” (Deolinda Rodrigues); ora pelo capitalismo e por sua exploração (“Fábrica” de David Mestre); ora pelo destino do homem do povo trabalhador, como se dá com “Lemba”, a quitandeira (Ernesto Lara Filho); ora, para parar por aqui, com a imagem dos resistentes velhos de “Mákèzu” de Viriato da Cruz e de sua menos valia. A resposta a tais situações se encontra na força da terra que enfrenta a outra força, estrangeira, por sua vez, percebida, porque dominante, como imbatível e poderosa. O quadro explica por que Jacinto propõe “O grande desafio” ou eleva seu “Canto interior de uma noite fantástica”, criando, nesse espaço de resistência poética, dois de seus momentos mais intensos. Transcrevo os versos iniciais de “Canto interior”:

“Serenos, mas resoluto  
aqui estou – eu mesmo! – gritando desvairado  
que há um fim por que luto  
e me impede de passar ao outro lado.”  
(p. 105)

A decisão de evitar o lamento ou a vitimização do sujeito, impedido de construir-se como sujeito nacional, a partir, sobretudo, do início do confronto armado, em 1961, se transforma em resolução inadiável e profissão de fé na liberdade. Nasce daí o apelo para que os olhos permaneçam secos, no sentido proposto por Agostinho Neto. Remeto ao final do “Canto interior” de Jacinto:

“Assim continuarei a lutar, ai a lutar!  
num perigoso mar de paixões e escolhos  
e – companheiros – se neste sofrer me virdes chorar  
não acrediteis em vossos olhos!”  
(p. 106)

Sabemos que nenhuma luta ou enfrentamento se realiza sem esperança. Ela é um movimento impulsionador e significa sempre um reforço do amor como força opositora ao não-amor. Surge, desse modo, uma outra ilha temática, marcada, como na criação de Thomas Morus, *A Ilha da Utopia*, pela idéia do bom lugar, ou seja, como um espaço de realização de qualquer sonho. Este me parece ser um dos sentidos possíveis de “Buscando o rumo”, também de Dáskalos. Neste poema, o eu-lírico pede que o dia da esperança amanheça e o sol do futuro não se apague, conclamando o sujeito para que

“[...] vá e avance e caminhe  
Lançando as sementes do futuro.  
– Sol que pela noite se perdeu  
desponta após a madrugada.”

E ele continua:

“Só existe  
o que amanheceu  
Depois é fruto e é semente  
E, a semente de si, já não é nada.”  
(p. 76)

No amanhecer da esperança, na semente feita fruto se esconde a possibilidade do futuro, possibilidade que não se prende apenas ao espaço do sonho, mas deseja ser, sobretudo, ação concreta. Às vezes, mesmo que o poeta se mostre desiludido quanto ao futuro quando este já se fez presente, não se esfacela a idéia da necessidade do movimento rumo ao bom lugar. É o que acontece em “Paisagem” de Cochat Osório, por exemplo, onde lemos:

“Toda a beleza cálida me fere,  
só porque o mar,

monótono, indiferente,  
repete aquelas frases, cáusticas, brutais,  
que eu trouxe no meu peito com vinte anos  
os versos de combate,  
as horas de visão  
e os passos muito incertos e tão fortes  
que eu sentia no rumo do futuro.”  
(p. 133)

Observe-se a diferença do movimento que sustenta “Buscando o rumo”, e o que se dá em “Paisagem”. Neste último, a esperança é mostrada como habitando o passado, daí o tempo verbal “sentia”, enquanto, no primeiro, ela é que alavanca o futuro, como se dá em “Rumo” de Alda Lara, cuja abertura nos diz:

“É tempo companheiro!  
Caminhemos...  
Longe, a Terra chama por nós,  
e ninguém resiste à voz  
da Terra...”  
(p. 50)

Também outra voz feminina, a de Lília da Fonseca, dando um significado mais pessoal ao sentimento, nos fala de “um beijo verde de esperança / cantando no coração” (p. 267). É o que se passa em “Poema da ansiedade” de Geraldo Bessa Victor, ao desejar o eu-lírico ser um “Cavaleiro do Ideal”, a afugentar “o Velho do Restelo e Sancho Pança” (p. 205) que nele insistem em morar. Repare-se que se invocam dois autores atemporais: Camões e Cervantes.

Creio ser interessante, nesta leitura da esperança, lembrar o conjunto dos poemas de Henrique Abranches, uma vez mais. Como se dá no poema de Cochat Osório atrás referido, Abranches encena o desfazer-se da esperança. É o que encontramos em “Canção de

“Ndon Kishote”, poema onde se descreve a imagem de um velho soldado, retornado da guerra e pintado como um “velho monumento que nada mais encerra” (p. 229). Outra vez se evoca Cervantes, quando, fechando o poema, diz o sujeito lírico sobre esse “monumento”:

“Não é o Cavaleiro da Triste Figura  
duma velha história, que não tem saída.

A fruste silhueta, gáudio da canalha,  
é o herdeiro duma sagrada-esperança  
noutra aventura  
mal digerida...”  
(p. 230)

Muito embora o tom geral de desencanto, o poeta não deixa de invocar a “sagrada-esperança”, em clara alusão a Agostinho Neto, figura que, no imaginário do autor, se mescla à imagem de Dom Quixote, invocada para descrever o soldado que não deixa de ser também a projeção do próprio poeta. Parece-me ser tal “sagrada-esperança” o eixo de sustentação de “Tema de escola”, texto ainda de Abranches em que se reforça a existência de um “ponto de não retorno” da esperança que “espera por nós”, de acordo com o que se lê neste segundo texto (p. 228).

De um modo ou de outro, portanto, uma parcela significativa dos poetas reunidos na antologia canta a força da esperança que insiste em “esperar” pelo sujeito. Por isso, ela significa um gesto de resistência e o maior dos desafios. Cresce no peito e na linguagem em forma de amor pelo igual, ou pelo “irmão”, palavra várias vezes reiterada nos textos. Para esse irmão, duplo do povo, o poeta quer assegurar um futuro de paz, igualdade e justiça social.



Como uma consequência dessa solidariedade, surge um constelado de imagens pelas quais se recupera o tempo da infância quando aqueles ideais se asseguravam. É o tempo do jogo de bola; dos tamarindos; das canções de roda; das noites vividas nos bairros das cidades, quando, recuperando a voz de um desses cantores da infância, Viriato da Cruz,

“na noite de breu  
ao quente da voz  
de suas avós,  
meninos se encantam  
de contos bantus...”  
(p. 326)

A grande resistência dessa poesia consiste no fato de nela buscar-se, de um modo ou de outro, a memória de um tempo já vivido, quase sempre o da infância, mas que ganha outras faces. Nesse passado de harmonia, o sonho e o futuro se mostravam como uma “sagrada esperança”, que só pelo amor se poderia construir. Por outro lado, o próprio poema, ao fazer-se discurso em diferença, ganhando um corpo de letra e papel, se torna a melhor comprovação da força simbólica desse amor-esperança, sempre sustentado por um ponto de não retorno que não admite volta ou adiamento. É o que a seguir se tentará mostrar, como breve conclusão deste posfácio.

### 3.4. O corpo amoroso da poesia

Se há um elo a ligar os poetas entre si é o do amor *pela poesia*, que faz dela um corpo amoroso. A poesia significa sempre o caminho de linguagem pelo qual se pode consolidar a existência de um mundo outro, para além do real tangível e de suas inevitáveis tensões. Nomeando as coisas que são, poderiam ter sido, foram ou serão, os poetas exercitam o seu amor pela palavra que passa a funcionar, usando uma metáfora de Maurício Gomes (p. 295)

como uma espécie de “palavra-alavanca” de nossos próprios imaginários leitores.

Adensa-se, por esse amor, o poder da palavra que, como sabemos, no universo simbólico africano, tem uma força extraordinária, razão por que vai sempre muito além de si mesma, no sentido trabalhado, dentre outros, por Makhily Gassama (1978), crítico senegalês que não me canso de citar. A palavra poética – e essa é a maior lição da antologia – se torna uma espécie de talismã que, usado, tenta repor as coisas em seus lugares.

Desse modo, se é verdade que os autores, feitos “nuvens” na antologia, recriam, por seus versos, como até aqui vimos, vários corpos – dos seres amados; da terra; do sonho; da esperança, etc. –, não é menos verdade que edificaram, com suas palavras, um corpo literário, talhando-o, como fazem os escultores, com seus “cinzéis”. Isso justifica o prazer de, muitas vezes, o poeta debruçar-se sobre seu próprio fazer poético, escancarando um processo que quase sempre se esconde na antecena da criação. António Neto, em “Arte poética” nos mostra isso, assim iniciando seu texto:

“Versos  
Os que se escrevem com o pulso  
Quando nos cortam a mão  
... E só então...”  
(p. 124)

Outras vezes, essa consciência do poético e de sua densidade, no universo da linguagem, se revela como se fosse uma espécie de jogo de palavras, explosão dos seus sentidos, como faz David Mestre em “Photomaton”

“De fruta  
o assovio

e

o indício  
de asas  
no dorso

sobes de  
século não  
de bastardo”

(p. 155)

Uma outra coisa que vale a pena lembrar, neste breve fecho do posfácio, é que, algumas vezes, nas malhas poéticas, surgem outros autores, obras, personagens, etc. Eles são chamados para reforçar a experiência histórica ou estética dos poetas angolanos, como, por diversas vezes, procurei ressaltar na minha leitura. Lembro alguns desses nomes, ao acaso: Miguel Torga; Camões; Cervantes; São Francisco de Assis, dentre outros. Cito, para reiterar o já dito, o poema “A minha terra” de Maia Ferreira (p. 237 a 243) onde se encontra Camões, claramente evocado, e Gonçalves Dias, nas reminiscências e alusões ao Brasil. Igualmente Maurício Gomes, abre a sua “Exortação”, convocando Ribeiro Couto e Manuel Bandeira, ambos brasileiros (p. 287).

Evidencia-se, assim, que, para se chegar à ilha da escrita, é preciso passar por outra, a da leitura. Qualquer autor, seja ou não poeta, antes de criar seus corpos de linguagem, visita outros museus imaginários, percorrendo diferentes panteões edificados na sua ou em outras culturas. Em sua bagagem literária ele traz, armazenada, a de muitos outros, como acontece em um saco de viagens. A memória liga as peças e seleciona os fatos ou factos principais. Desse modo preparado, ele cumpre os passos de sua viagem, sempre marcada por um tempo, um espaço e uma cultura.

Mesmo que o autor não revele o processo, o leitor atento vai descobrindo as rotas, os mapas, os parentescos. A jovem cantada por Cordeiro da Matta, em “Kícôla!” (p. 146 e 147) se assemelha à “Myladi” de Cesário Verde que, por sua vez, nos leva a pensar na “passante” do francês Charles Baudelaire. Aquela Don’Ana, criada por Abranches e que “Descalça vai pro mercado / [...] pelas barrocas”, indo “formosa e segura” (p. 225) lembra a Lianor camoniana que, por sua vez, seguia “formosa e não segura”, em uma das “Cantigas” deste autor (1970, p. 55-6). E poderíamos multiplicar os exemplos, mas é hora de concluir.

Gostaria, para tanto, de conclamar o leitor, para, uma vez mais, atravessar cada compartimento do panteão intitulado *Nuvem passageira*, observando uma por uma das “flores” que compõem o arranjo da antologia. Com certeza, se aqui chegou, pôde ver que, recriando o real tangível, o contingente do seu tempo histórico, o cotidiano, ruas e bairros das cidades que amaram, etc., os poetas criaram, para nós, seus leitores, um mundo diferente, único e irrepetível na forma e no conteúdo de seus versos, mesmo se nos remetem a outros autores e obras.

Cada imagem projetada no corpo do poema se torna pura cintilação de palavras, sonoridades, cadências, com cada verso, em sua linha, a construir uma espécie de desenho absolutamente original. A poesia se faz, assim, um corpo amoroso, objeto de prazer e deleite de seu produtor e, também, como em uma espécie de ricochete, se desdobra em prazer e deleite de cada um de nós, seus leitores.

Para fechar, não posso deixar de dizer que um outro corpo, ainda maior, ganha lugar especial em *Nuvem passageira* como um todo: trata-se do corpo de Angola, matriz e nutriz dessa poesia, sua grande razão de ser e, talvez, a maior de todas as resistências e esperanças. **O grande amor, enfim.**





## Bibliografia Consultada Para a Realização da Antologia





## Obras literárias

ABRANCHES, Henrique. 1987. *Cântico Barroco*. Lisboa/Luanda, Edições 70 para União dos Escritores Angolanos.

ABRANCHES, Henrique. 1987. *Sobre a Colina de Calomboloca*. Luanda, União dos Escritores Angolanos.

CRUZ, Viriato da. 1990. *Poemas*. Luanda, União dos Escritores Angolanos/Endiama.

FERREIRA, José da Silva Maia. 1980. *Espontaneidades da Minha Alma. As Senhoras Africanas*. Lisboa, Edições 70.

JACINTO, António. 2.ed. 1981. *Poemas*. Luanda, Editora Limiar para o INALD - Instituto Nacional do Livro e do Disco.

JACINTO, António. S/d. *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*. Lisboa e Luanda, Editora Ulisseia para o INALD - Instituto Nacional do Livro e do Disco.

LARA, Alda. 4 ed. S/d . *Poemas*. Porto, Vertente.

LARA FILHO, Ernesto. 1987. *O Canto do Matrindindi*. Lisboa/Luanda, Edições 70 para a União dos Escritores Angolanos.

MATTA, J.D. Cordeiro da. 2001. *Delírios*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Escritores dos Países de Língua Portuguesa, 23)

MESTRE, David 1991. *Obra Cega*. Luanda, Edição do Autor.

NETO, Agostinho. 9 ed., 1979. *Sagrada Esperança*. Lisboa, Livraria Sá da Costa.



RODRIGUES, Deolinda. 2003. *Diário de um Exílio Sem Regresso*. Luanda, Editorial Nzila.

SANTOS, Aires de Almeida. 1987. *Meu Amor da Rua Onze*. Lisboa/Luanda, Edições 70 para a União dos Escritores Angolanos.

VICTOR, Geraldo Bessa. 2001. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Escritores dos Países de Língua Portuguesa, 20)

## Antologias

ANDRADE, Mário de (Org.) 1976. *Antologia Temática de Poesia Africana. Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné, Angola, Moçambique*. Vol. I. Na Noite Grávida de Punhais. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora (Vozes do Mundo; 1)

ANDRADE, Mário de (Org.) 1979. *Antologia Temática de Poesia Africana. Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné, Angola, Moçambique*. Vol. II Canto Armado. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora (Vozes do Mundo; 2)

ANTOLOGIAS *de Poesia da Casa dos Estudantes do Império. 1951 – 1961. Angola. São Tomé e Príncipe*. 1994. Vol. I. Lisboa, Associação da Casa dos Estudantes do Império.

FERREIRA, Manuel (Org.) 1976. *No reino de Caliban: Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa* Vol. II. Angola, São Tomé e Príncipe. Lisboa. Seara Nova.



